



ANÁLISE COGNITIVA DE DADOS VERBAIS E VERBO-GESTUAIS EM USOS DA
DÊIXIS LOCATIVA NO PORTUGUÊS E NO INGLÊS

Thaís Lourenço Lima



ANÁLISE COGNITIVA DE DADOS VERBAIS E VERBO-GESTUAIS EM USOS DA
DÊIXIS LOCATIVA NO PORTUGUÊS E NO INGLÊS

Thaís Lourenço Lima

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Linha de pesquisa: Modelos Funcionais Baseados no Uso

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

CIP - Catalogação na Publicação

L732a Lima, Thaís Lourenço
 Análise cognitiva de dados verbais e verbo
 gestuais em usos da dêixis locativa no Português e
 no Inglês / Thaís Lourenço Lima. -- Rio de Janeiro,
 2026.
 160 f.

 Orientador: Lilian Vieira Ferrari.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
 Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
 Graduação em Linguística, 2026.

 1. Dêixis locativa. 2. Metáfora Conceptual. 3.
 Linguística Cognitiva. 4. Estudos de Gestos. 5.
 Comunicação Multimodal. I. Ferrari, Lilian Vieira ,
 orient. II. Título.

ANÁLISE COGNITIVA DE DADOS VERBAIS E VERBO-GESTUAIS EM USOS DA
DÊIXIS LOCATIVA NO PORTUGUÊS E NO INGLÊS

Thaís Lourenço Lima

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Examinada por:

Presidente, Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Adriana Fernandes Barbosa
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Máira Avelar Miranda
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Suplente, Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Suplente, Profa. Dra. Marianna Luiza da Costa Lima Queiroz
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

Ao meu amado pai, Alex, meu grande incentivador.

AGRADECIMENTOS

A Jesus, Divino Mestre, cujas lições iluminam meus passos e me amparam nas horas mais difíceis do caminho.

À minha mãe, Valéria, ao meu irmão, Thiago, à minha tia, Angélica, e ao meu saudoso pai, Alex: sem o seu amor, confiança e suporte, jamais teria sido possível chegar até aqui.

Às minhas primas-irmãs, Carolina, Larissa e Sarah, que comemoraram conquistas e desculparam ausências nesses dois anos: obrigada pela amizade e torcida constantes.

À minha afilhada, Alice, que acompanhou com interesse, do alto dos seus 9 anos, vários momentos do desenvolvimento desta pesquisa — e decidiu também ser linguista quando crescer.

À minha amiga e Irmã no Ideal da Boa Vontade, Paula, que me ouviu falar sobre Linguística pacientemente durante esse período: obrigada pela parceria e abraço de sempre.

À minha orientadora, Lilian, em quem me inspiro na caminhada acadêmica: obrigada por compartilhar sua experiência e, com generosidade imensa, me acompanhar desde os tempos de Iniciação Científica.

Às professoras Adriana e Maíra, que me deram a honra de compor a banca examinadora deste trabalho.

Aos meus companheiros de mestrado, Anna Carolina, Gabriel, Gustavo e Verônica, que dividiram lutas e vitórias desde os primeiros meses.

Às minhas colegas do Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva (LINC/UFRJ), pela rica troca de ideias.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento concedido à pesquisa.

Ao *International Distributed Little Red Hen Lab*, pela disponibilização de amostras fundamentais para a condução desta pesquisa. Em especial, sou grata aos professores Mark Turner e Tim Groeling, pela solicitude e apoio durante a coleta dos dados.

A todos, enfim, que fazem parte da minha trajetória pessoal e acadêmica: muito obrigada. Para além destas linhas, a memória do coração os registra.

RESUMO

ANÁLISE COGNITIVA DE DADOS VERBAIS E VERBO-GESTUAIS EM USOS DA DÊIXIS LOCATIVA NO PORTUGUÊS E NO INGLÊS

Thaís Lourenço Lima

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Desde o final do século 20, as áreas de pesquisa em Linguística Cognitiva (LC) e em Estudos de Gestos têm se aproximado com um interesse mútuo e crescente (Cienki, 2016). Dessa inter-relação, um dos tópicos que mais se destacam dentro do arcabouço teórico da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980). Sendo assim, propomos neste trabalho descrever os usos prototípicos e metafóricos dos dêiticos locativos “aí”, “ali” e “lá”, no Português Brasileiro, e sua contraparte no Inglês Americano, “there”, a partir de dados verbais e multimodais. Correlacionamos gesto e fala, com o objetivo de investigar padrões gestuais associados a cada tipo de uso dos dêiticos. Também nos fundamentamos, dentre os estudos correntes sobre multimodalidade, em trabalhos com ênfase em gesto e conceptualização (Kendon, 2004; Cienki, 2013; Pinheiro e Avelar, 2017) e gesto e metáfora (Cienki, 1998; Cienki e Müller, 2008; Avelar, Ferrari e Pacheco, 2022). Os dados verbais foram extraídos do *corpus* do D&G e do *Corpus of Contemporary American English*; os audiovisuais, do *Red Hen Lab* e de vídeos disponibilizados pelo YouTube. Os resultados evidenciaram usos prototípicos e usos metafóricos em ambas as línguas. A análise dos dados verbo-gestuais indicou uma prevalência de gestos de apontar em usos mais concretos, com diferenciação na dimensão do espaço gestual nos dêiticos do PB e maior equilíbrio em inglês. Em usos mais abstratos, além dos gestos de apontar, a análise demonstrou a ocorrência de diferentes modos de representação gestual (Müller, 1998a, 1998b, 2014), com predominância do modo “desenhar”.

Palavras-chave: dêixis locativa; metáfora conceptual; gesto; comunicação multimodal.

ABSTRACT

COGNITIVE ANALYSIS OF VERBAL AND VERBO-GESTURAL DATA IN USES OF LOCATIVE DEIXIS IN PORTUGUESE AND ENGLISH

Thaís Lourenço Lima

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Since the end of the 20th century, the fields of Cognitive Linguistics (CL) and Gesture Studies have been converging with mutual and growing interest (Cienki, 2016). In this new field of research, one of the topics that stands out most within the theoretical framework of CL is Conceptual Metaphor Theory (Lakoff and Johnson, 1980). Therefore, in this study, we propose to describe the prototypical and metaphorical uses of the locative deictics “aí,” “ali,” and “lá” in Brazilian Portuguese and their counterpart in American English, “there,” based on verbal and multimodal data. We correlate gesture and speech in order to investigate gestural patterns associated with each type of use of the deictics. We also draw on current studies on multimodality, with an emphasis on gesture and conceptualization (Kendon, 2004; Cienki, 2013; Pinheiro and Avelar, 2017) and gesture and metaphor (Cienki, 1998; Cienki and Müller, 2008; Avelar, Ferrari, and Pacheco, 2022). Verbal data were extracted from the D&G *corpus* and the Corpus of Contemporary American English; audiovisual data were collected from Red Hen Lab and videos available on YouTube. The results showed prototypical and metaphorical uses in both languages. The analysis of verbo-gestural data indicated a prevalence of pointing gestures in more concrete uses, with differentiation in the dimension of gesture space in PB deictics and greater balance in English. In metaphorical uses, in addition to pointing gestures, the analysis demonstrated the occurrence of different gestural modes of representation (Müller, 1998a, 1998b, 2014), with a predominance of the “drawing” mode.

Keywords: locative deixis; conceptual metaphor; gesture; multimodal communication.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema imagético CENTRO-PERIFERIA	23
Figura 2 – Metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO.	25
Figura 3 – Metáfora PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO EM UM HORIZONTE	25
Figura 4 – Frase gestual: preparação, golpe e sustentação pós-golpe.	29
Figura 5 – Os sete tipos de gestos de apontar.....	32
Figura 6 – Modos de Representação Gestual: a mão executa o movimento de puxar uma alavanca; as mãos moldam a forma e desenham (traçam) o contorno de um objeto oval; a mão representa um pedaço de papel e o indicador representa uma caneta.....	35
Figura 7 – Layout do software ELAN	53
Figura 8 – Formato das mãos: punho, mão aberta, dedos individuais e combinação de dedos.	55
Figura 9 – Formato dos dedos: estendido, flexionado, torto, abaixado, conectado e tocando.	56
Figura 10 – Combinação dos dedos.....	56
Figura 11 – Orientação lateral	56
Figura 12 – Orientação vertical	57
Figura 13 – Tipos de movimento.....	57
Figura 14 – Tipos de movimento do pulso	58
Figura 15 – Direções do movimento (eixos vertical, transversal, diagonal e sagital)	58
Figura 16 – Espaço gestual	59
Figura 17 – Conjunto de ferramentas para análise da forma gestual.....	62
Figura 18 – Trilhas no ELAN.....	63
Figura 19 – Exemplo 25	77
Figura 20 – Exemplo 26	77
Figura 21 – Exemplo 27	79
Figura 22 – Exemplo 28	79
Figura 23 – Exemplo 29	80
Figura 24 – Exemplo 30	81
Figura 25 – Exemplo 31	82
Figura 26 – Exemplo 32	83
Figura 27 – Exemplo 33	84
Figura 28 – Exemplo 34	85

Figura 29 – Exemplo 35	86
Figura 30 – Exemplo 36	87
Figura 31 – Exemplo 37	88
Figura 32 – Exemplo 38	89
Figura 33 – Exemplo 39	90
Figura 34 – Exemplo 40	91
Figura 35 – Exemplo 41	92
Figura 36 – Exemplo 42	93
Figura 37 – Exemplo 43	94
Figura 38 – Exemplo 44	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os modos de representação gestual operam com base no princípio cognitivo-semiótico de metonímia.....	36
Quadro 2 – Modos de representação como base de um sistema cognitivo-semântico da construção do significado nos gestos.....	37
Quadro 3 – Metáfora FUTURO ESTÁ À FRENTE DO EGO.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Usos do dêítico “aí” em dados verbais.....	64
Gráfico 2 – Usos do dêítico “ali” em dados verbais.....	67
Gráfico 3 – Usos do dêítico “lá” em dados verbais.....	70
Gráfico 4 – Usos do dêítico “there” em dados verbais.....	73
Gráfico 5 – Usos metafóricos do “aí”.....	82
Gráfico 6 – Usos metafóricos do “ali”.....	86
Gráfico 7 – Usos metafóricos do “lá”.....	88
Gráfico 8 – Usos metafóricos do “there”.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “aí”	76
Tabela 2 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “aí”	76
Tabela 3 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “ali”	78
Tabela 4 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “ali”	78
Tabela 5 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “lá”	80
Tabela 6 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “lá”	80
Tabela 7 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “there”	90
Tabela 8 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “there”	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O FENÔMENO DA DÊIXIS NO ESTUDO DA LINGUAGEM.....	20
2.1 A ABORDAGEM TRADICIONAL	21
2.2 A VISÃO COGNITIVA	21
3 SOBRE OS GESTOS	27
3.1 O QUE SÃO?	27
3.2 QUANTO À SUA CLASSIFICAÇÃO	29
3.2.1 Gestos dêiticos.....	31
3.2.2 Modos de Representação Gestual.....	34
4 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL.....	39
4.1 METÁFORAS DA VIDA COTIDIANA	39
4.2 O REALISMO EXPERIENCIALISTA	41
4.3 A INTER-RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS DE GESTOS	43
4.4 ALGUNS ESTUDOS SOBRE DÊIXIS LOCATIVA EM DADOS MULTIMODAIS	46
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
5.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E OS <i>CORPORA</i>	50
5.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES DE PESQUISA.....	52
5.3 ANÁLISE VERBO-GESTUAL: LASG E MIG-G.....	52
6 ANÁLISE DOS DADOS	64
6.1 DADOS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	64
6.2 DADOS VERBAIS NO INGLÊS AMERICANO	73
6.3 DADOS VERBO-GESTUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	75
6.3.1 Usos prototípicos	76
6.3.2 Usos metafóricos	81
6.4 DADOS VERBO-GESTUAIS NO INGLÊS AMERICANO	90
6.4.1 Usos prototípicos	90
6.4.2 Usos metafóricos	93
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A – DADOS VERBAIS.....	106
APÊNDICE B – ANOTAÇÕES DOS DADOS VERBO-GESTUAIS	115

1 INTRODUÇÃO

O estudo dos gestos que os falantes produzem em situações comunicativas representa, para a Linguística Cognitiva (LC), um campo relativamente novo e bastante promissor. A partir das contribuições de Müller, Ladewig e Bressem (2013), traremos nesta introdução um breve panorama do interesse nos gestos desde os primórdios do pensamento Ocidental, apresentando, na sequência, o estado da arte nos dias que correm, com destaque à relação entre a LC e a área dos Estudos de Gestos (EG), na produtiva inter-relação entre esta e a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) nas últimas décadas, que justifica a proposta deste trabalho.

Segundo Müller, Ladewig e Bressem (2013), encontramos registros da observação dos gestos em sua relação com a língua falada desde a tradição da Retórica, que considerava os gestos como parte da *elocutio*, com Quintiliano desenvolvendo uma descrição detalhada da função comunicativa dos gestos que acompanham a fala. Quintiliano propôs a ideia de que os gestos possuem quase todas as qualidades expressivas que as palavras, constituindo uma linguagem natural da espécie humana (*Institutionis oratoriae* XI 3, 87). Barnett (1990) define o tratamento dado por Quintiliano aos gestos como um “sistema duplo” de linguagem, com uma linguagem verbal altamente sofisticada relacionada a uma linguagem não-verbal igualmente expressiva, composta por gestos, posturas e ações. Conforme as autoras destacam, a noção dos gestos como uma “linguagem universal” esteve presente também no ideário Renascentista, tendo papel na filosofia do Iluminismo e até mesmo no Romantismo. Esse reconhecimento do potencial linguístico dos gestos, no entanto, teve uma queda considerável durante parte dos séculos 19 e 20.

Com o advento do Estruturalismo, movimentos manuais que ocorriam juntamente à fala foram considerados aspectos da *parole*, e, portanto, não constituíram foco das análises linguísticas, que tinham como objeto, à época, a *langue* como um sistema social. Naturalmente, essa dicotomia proposta por Saussure nos estudos da Linguística afastou a atenção sobre fenômenos que são característicos da língua em uso. A partir de meados do século 20, quando a linguística chomskyana promoveu uma virada cognitiva nos estudos da linguagem, a competência humana para aquisição da linguagem se tornou então o foco dos estudos linguísticos. Semelhantemente ao que ocorrera décadas antes, o *desempenho* dos falantes no uso da língua — que inclui os gestos — não constituiu um tópico de interesse da área (Müller, Ladewig e Bressem, 2013).

Esse cenário começou a mudar com o trabalho pioneiro de Adam Kendon, por volta dos anos 70 e 80, quando investigou os padrões do comportamento corporal humano em interações. Sua análise revelou que as ações corporais com função comunicativa são altamente estruturadas, significativas e fortemente ligadas à fala (Kendon e Ferber, 1973). O linguista e psicólogo David McNeill, por sua vez, postulou já em 1979 que fala e gesto formariam um mesmo sistema integrado. Suas ideias, que apresentavam os gestos como parte da expressão verbal, desafiaram a distinção vigente entre o que era conhecido como “comportamento verbal” e “comportamento não-verbal” na Psicologia (McNeill, 1985).

Em 1992, McNeill trouxe à público sua teoria de integração entre fala e gesto, na obra *Hand and mind: what gestures reveal about thought* — que se tornou um marco na abordagem linguística e psicológica dos gestos. Em linhas gerais, sua proposta estabeleceu que fala e gesto compõem aspectos diferentes, mas integrados, da linguagem: os gestos, de base imagística; a fala, de natureza proposicional. Essa perspectiva sobre os gestos como “janelas” (McNeill e Duncan, 2000) para processos imagísticos de pensamento provocou grande interesse de psicólogos na pesquisa sobre linguagem e cognição; porém, como apontam Müller, Ladewig e Bressemer (2013), na linguística propriamente dita, os gestos permaneceram como um fenômeno de interesse secundário.

Por volta dos anos 80, surgiu nos estudos linguísticos um contraponto à visão modular postulada pelo gerativismo: a Linguística Cognitiva, que concebia a linguagem como produto de princípios cognitivos gerais, não de um módulo cognitivo específico. Apesar dessa posição apontar naturalmente o caminho de uma concepção da linguagem que não se restringe apenas à modalidade oral, as análises no campo da LC se atinham, à época, a sentenças inventadas, não necessariamente a dados de uso — o que poderia atrair a atenção para a função dos gestos dos falantes (Müller, Ladewig e Bressemer, 2013). Nas últimas décadas, contudo, tem crescido cada vez mais o interesse na investigação dos gestos como parte integrante da análise linguística (Cienki, 1998; Müller, 1998a; Müller, 1998b; Sweetser, 1998; Núñez e Sweetser, 2006), com foco em diferentes aspectos. Dentre esses aspectos, se destaca a pesquisa sobre a metáfora.

Para compreendermos a inter-relação entre os Estudos de Gestos e a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) atualmente, consideremos novamente o fato de que, na abordagem cognitiva proposta por McNeill (1992), a dimensão imagística dos processos de pensamento humanos recebeu grande atenção a partir dos anos 90. Essa perspectiva se alinhava sobremodo aos postulados da Linguística Cognitiva, e, especialmente, da TMC. Para a LC, o significado de uma expressão não poderia ser adequadamente analisado se não levasse em conta a sua conceptualização, isto é, o processamento cognitivo que está na base da sua construção. Sob

esse prisma, “a semântica linguística deve, portanto, buscar a análise estrutural e a descrição explícita de entidades abstratas, como pensamentos e conceitos” (Langacker, 2006, p. 30), o que envolve, por conseguinte, a experiência sensório-motora. A Semântica Cognitiva, portanto, parte do princípio de que grande porção do nosso conhecimento — recrutado para a construção do significado em processos cognitivos de conceptualização — tem sua base em padrões extraídos de nossas interações perceptuais e ações corporais no dia a dia. A repetição dessas experiências dá origem a *gestalts* experienciais, conhecidas como esquemas imagéticos, representações generalizadas que emergem da nossa interação com o mundo (Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Lakoff e Turner, 1989; Johnson, 2007).

A metáfora, por sua vez, a partir da teoria formulada por Lakoff e Johnson (1980), passou a ser compreendida por pesquisadores nas ciências cognitivas como um desses processos de pensamento fundamentais. Mais especificamente, o processo metafórico constitui a projeção entre domínios dentro do sistema conceptual humano, o que, em outras palavras, implica a conceptualização de um domínio cognitivo (geralmente mais abstrato) em termos de outro (mais concreto). Se a natureza do nosso sistema conceptual é fundamentalmente metafórica, manifestações dessas metáforas poderiam ser encontradas não apenas na linguagem verbal, mas também em outras modalidades — como é o caso das expressões gestuais. Nesse sentido, os gestos seriam outra fonte a oferecer *insights* sobre a forma como os seres humanos pensam. Aqui retomamos a visão dos gestos como janelas para a dimensão imagística do pensamento (McNeill e Duncan, 2000), pois, como se percebe, é naturalmente compatível com a agenda de pesquisas empreendida pela Linguística Cognitiva. Com o avanço da análise de dados empíricos, particularmente em relação ao estudo das metáforas, a investigação dos gestos que espontaneamente acompanham a fala tem sido um caminho muito produtivo, na medida em que tem demonstrado manifestar, pela sua natureza, a base física que constitui a âncora do nosso sistema conceptual; em outras palavras, o domínio-fonte das metáforas — nem sempre expresso na fala em si (Cienki e Müller, 2008).

É nesse sentido que este trabalho propõe uma análise da construção do significado envolvida em dados verbais e verbo-gestuais de usos da dêixis locativa no Português Brasileiro e no Inglês Americano. Os conceitos espaciais que constituem esses usos, por emergirem diretamente da nossa experiência corporal no cotidiano, poderiam se manifestar tanto em instâncias mais prototípicas — isto é, que cumprem função locativa em espaços físicos — quanto em extensões metafóricas que têm como base esses conceitos, seja nos dados verbais ou nos dados multimodais. Os padrões gestuais em dados multimodais, a seu turno, igualmente poderiam variar em ambas as línguas, a depender do tipo de uso: nos casos mais prototípicos,

seria esperada uma prevalência dos gestos de apontar, representações icônicas dos dêiticos nessa modalidade (Avelar e Ferrari, 2017), enquanto em usos metafóricos, menos prototípicos, os gestos manuais apresentariam também outras configurações, como estudos recentes têm demonstrado (Pinheiro e Avelar, 2017; Cienki et al., 2019; Lima, Alves e Avelar, 2022; Avelar, Ferrari e Pacheco, 2022).

Enfocamos, em uma análise comparativa, os dêiticos “aí”, “ali” e “lá” no PB — tipicamente utilizados para indicar um lugar próximo ao ouvinte, próximo a ambos e distante de ambos, respectivamente —, e sua contraparte no Inglês Americano, “there”. Os dados verbais do Português Brasileiro foram extraídos de transcrições disponíveis na plataforma online do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G); os dados do Inglês Americano, por sua vez, foram coletados de transcrições disponibilizadas pelo *Corpus of Contemporary American English* (COCA). Os dados verbo-gestuais em ambas as línguas foram recolhidos do *International Distributed Little Red Hen Lab*, um banco de dados global para pesquisa em comunicação multimodal, além do YouTube.

Quanto à análise dos dados em vídeo, utilizamos o ELAN, um *software* que permite a análise complexa de arquivos audiovisuais ao possibilitar a criação de um número ilimitado de anotações textuais neles. Adotamos para essas anotações os parâmetros propostos por Bressem, Ladewig e Müller (2013) no Sistema de Anotação Linguística para Gestos (em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures*, LASG), que incluem os aspectos de análise comuns à pesquisa em línguas de sinais — isto é, formato das mãos, orientação das palmas, movimento das mãos e localização em relação aos espaços gestuais — e as Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos (em inglês, *Metaphor Identification Guidelines for Gesture*, MIG-G), apresentadas por Cienki (2017).

A estrutura da dissertação é a que segue: na seção 2, abordaremos a dêixis como fenômeno pragmático no estudo da linguagem, a partir de uma perspectiva tradicional (Benveniste, 1976; 1988) e, em seguida, explicitaremos a proposta de Marmaridou (2000) na análise do fenômeno sob um ponto de vista cognitivo. Em especial, discorreremos sobre a dêixis como categoria pragmática em termos de um Modelo Cognitivo Idealizado (Lakoff, 1987), que constrói um espaço mental responsável pela sua estrutura prototípica (Rosch, 1973, 1978).

Já na seção 3, discutiremos aspectos relacionados propriamente ao campo conhecido como Estudos de Gestos. Pretendemos, com base nas contribuições de Kendon (2004) e McNeill (1992), apresentar o conceito de gesto adotado neste trabalho, além de discutir algumas perspectivas de análise e classificação, necessários para uma melhor compreensão dos

procedimentos metodológicos. Daremos destaque especial aos gestos dêíticos, de acordo com Kendon (2004), e à proposta de Müller (2014) a respeito dos modos de representação gestual.

Na sequência, na seção 4, daremos foco à apresentação da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), com destaque à perspectiva filosófica em que se baseia a teoria — conhecida como realismo experiencialista — e sua relação com nosso objeto de estudo neste trabalho. Na sequência, discutiremos a inter-relação da TMC e da LC com a área dos Estudos de Gestos. Apresentaremos também uma revisão da literatura em estudos sobre a dêixis locativa em dados multimodais, sob a perspectiva da LC.

Na seção 5, explicitaremos os procedimentos metodológicos adotados para análise. Em um primeiro momento, focaremos na delimitação do nosso objeto de estudo; após isso, apresentaremos os *corpora* dos quais extraímos nossas amostras. Descreveremos, então, os objetivos e hipóteses que guiaram a pesquisa, dando enfoque, por fim, às ferramentas utilizadas para a análise dos dados verbo-gestuais.

Na seção 6, procederemos à análise dos dados verbais e verbo-gestuais no Português Brasileiro e no Inglês Americano, com discussão dos resultados.

Em linhas gerais, os resultados indicaram que há a ocorrência de diferentes tipos de uso dos dêíticos locativos em ambas as línguas: além de usos prototípicos, isto é, de ocorrências mais concretas, foram encontrados usos metafóricos e metafórico-discursivos. A análise dos dados verbo-gestuais indicou uma prevalência de gestos de apontar em usos mais concretos, com diferenciação na dimensão do espaço gestual nos dêíticos do PB e maior equilíbrio em Inglês. Em usos mais abstratos, além dos gestos de apontar, a análise demonstrou a ocorrência de diferentes modos de representação gestual (Müller, 1998a, 1998b, 2014), com predominância do modo “desenhar”.

2 O FENÔMENO DA DÊIXIS NO ESTUDO DA LINGUAGEM

No estudo sobre dêixis, observamos muito claramente a relação entre a linguagem e o seu contexto de uso. O termo “dêixis” tem sua origem no grego, e significa “apontar” ou “indicar”. Desde os primeiros anos de vida aprendemos a realizar essas ações comunicativas: tais expressões estão entre as primeiras a serem utilizadas pelas crianças (Clark, 1978; Butterworth, 1998), e, simbolicamente, abarcam uma série de construções: os demonstrativos, os pronomes pessoais e os advérbios específicos de tempo e lugar, por exemplo, estão entre suas categorias mais tradicionais. Segundo Levinson (1983), dêixis diz respeito ao modo como as línguas codificam aspectos do evento discursivo, o que torna a observação do contexto em que ocorrem fundamental para sua análise. Para entendermos o significado de “isto”, por exemplo, precisamos necessariamente buscar o contexto em que o demonstrativo foi utilizado em um dado evento discursivo. Por meio de pistas presentes nesse contexto (digamos, um gesto apontando o referente no espaço), podemos compreender o seu significado.

Em relação a dêixis locativa, nosso interesse nesta pesquisa, a noção de distância assume grande importância, já que por meio dela a localização relativa de pessoas, coisas e lugares é indicada. O inglês contemporâneo se utiliza da distinção básica entre “here” (proximal) e “there” (distal). No Português Brasileiro, temos a distinção entre “aqui” (próximo do falante) e a tripartição “aí”, “ali” e “lá” para distâncias relativas ao falante e ao ouvinte. Yule (1996) destaca que essa localização, na perspectiva do falante, pode ser estabelecida tanto fisicamente quanto mentalmente: neste último caso, o fenômeno é descrito na literatura como uma projeção dêítica. O autor propõe, nesse sentido, que a questão envolvida na dêixis locativa diz respeito, na verdade, a uma distância acima de tudo psicológica — objetos fisicamente próximos tenderiam a ser tratados pelo falante como psicologicamente próximos, e o que está fisicamente distante seria tratado, de igual modo, como psicologicamente distante pelo falante.

É importante mencionar ainda a distinção proposta por Fillmore (1971, 1997) entre os usos dêíticos. O autor define dois tipos: o uso gestual e o uso simbólico. Usos simbólicos necessitariam apenas do conhecimento básico dos parâmetros espaço-temporais do evento discursivo (por exemplo, dados de áudio transcritos); já termos que são utilizados com dêixis gestual requereriam, para sua interpretação, o auxílio de materiais audiovisuais para monitoramento do espaço físico envolvido no evento discursivo. Essa noção se relaciona particularmente à nossa proposta neste trabalho, haja vista que investigamos usos dêíticos tanto em dados verbais quanto em dados audiovisuais, com enfoque nos gestos.

Na subseção seguinte, apresentaremos brevemente a abordagem tradicional em relação à dêixis, para, na sequência, explorar o tratamento dado pela perspectiva cognitiva ao fenômeno.

2.1 A ABORDAGEM TRADICIONAL

Remontamos a Benveniste (1976, 1988) para a exposição a respeito de como o fenômeno de dêixis foi estabelecido tradicionalmente. Para o autor, por constituírem uma referência constante e necessária à instância discursiva, pronomes como “eu” e “tu” pertencem a uma série de “indicadores”, assim como outros pronomes, advérbios e locuções adverbiais. Demonstrativos como “este”, por exemplo, configuram a identificação de um objeto como “indicador de ostensão” com base na instância de discurso que contém o *eu*. Do mesmo modo, advérbios como “aqui” e “agora” são definidos em relação ao *eu* discursivo — eles “delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*” (1976, p. 279).

Nesse sentido, sua definição como “dêixis”, sem levar em conta que ela é, antes de tudo, intrínseca à instância discursiva que possui o indicador de pessoa, esvazia sua característica sempre particular e única: “essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado etc.) e a presente instância de discurso” (Benveniste, 1976, p. 280). Em *O aparelho formal da enunciação* (1988), Benveniste retoma essas noções, destacando a emergência dos indicadores de pessoa como *eu* e *tu* no ato de enunciação, e relaciona a essa estrutura outros indicadores de ostensão, como *este* e *aqui*, “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (p. 85). A única “realidade” a ser referida, dessa forma, é a realidade da própria enunciação, relativa à ostensão espacial de objetos concretos, sem se considerar propriamente a dimensão cognitiva e conceptual.

2.2 A VISÃO COGNITIVA

Partimos das contribuições de Marmaridou (2000) para explicitar a perspectiva da Linguística Cognitiva no estudo sobre dêixis. Tal perspectiva se ancora na análise das bases *conceptuais* que são responsáveis pelo significado pragmático de expressões dêíticas. Consideremos, a princípio, o exemplo “lá vamos nós de novo”. Como a autora argumenta, tradicionalmente, sob um olhar objetivista, o uso de “lá” em uma sentença como essa não seria

tratado como dêitico, pois não há referência a um local físico relativo ao falante no momento da enunciação. Contudo, se nos fundamentamos em uma abordagem experiencialista¹ para explicar o fenômeno, podemos considerar que a referida sentença instancia um uso dêitico: nesse caso, uma projeção metafórica² (Lakoff, 1987). A dêixis locativa tem grande importância sob o prisma experiencialista, haja vista que pessoas, assim como suas identificações sociais em um discurso (dêixis pessoal e social), estão sempre inseridas em um espaço. De modo semelhante, já que a localização de um falante pode ser diferente em momentos diferentes, a dêixis locativa em si também incorpora o aspecto temporal do evento discursivo (dêixis temporal). O ato de localizar espacialmente por meio da dêixis reflete, intimamente, a básica experiência humana de perceber entidades no espaço.

Conforme Marmaridou (2000) afirma, em uma proposta que leva em conta a estrutura cognitiva da dêixis, assim como sua base experiencial, o fenômeno é conceptualizado em termos de um Modelo Cognitivo Idealizado (Lakoff, 1987), que constrói um espaço mental³ (Fauconnier, 1994, 1997) responsável pela estrutura prototípica da categoria (Rosch, 1973, 1978). Essa estrutura, por sua vez, dá origem a efeitos prototípicos (Lakoff, 1987; Fillmore, 1977) na compreensão de termos dêíticos e seus usos, e tem como base o esquema imagético CENTRO-PERIFERIA, que dá conta da centralidade do *eu* e das distâncias relativas entre este e o objeto da dêixis.

Antes, para entender o que é um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), consideremos a definição que Lakoff (1987) dá à *gestalt*⁴ experiencial envolvida nas construções com “there” em inglês:

Presume-se, como pano de fundo, que existe alguma entidade presente em algum local no campo visual do falante, que o falante está direcionando sua atenção para ela e que o ouvinte está interessado em sua localização, mas não tem sua atenção focada nela... o falante então direciona a atenção do ouvinte para a localização da entidade (talvez com o acompanhamento de um gesto de apontar) e chama a atenção do ouvinte para o fato de que essa entidade está no local especificado. Além disso... se a entidade estiver se movendo, o movimento pode ser indicado. E o falante pode optar por descrever a entidade ou sua localização. (p. 490, tradução livre)

¹ Cf. subseção 4.3.

² Discorreremos a respeito das metáforas conceptuais na seção 4.

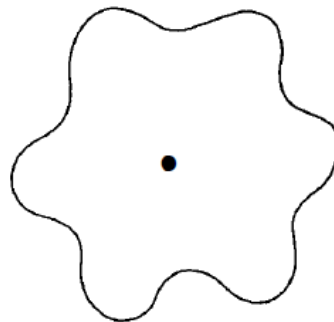
³ “Espaços criados à medida que o discurso se desenvolve. (...) São domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado. Assim, o espaço que ancora o discurso na situação comunicativa imediata (falante, ouvinte(s), lugar e momento da enunciação) é a BASE. A partir da BASE, outros espaços são normalmente criados para alocar informações que extrapolam o contexto imediato (...).” (Ferrari, 2018, p. 109)

⁴ Por *gestalt*, nos referimos aqui a uma estrutura holística, não atomística — isto é, os conceitos, nesse sentido, têm uma estrutura global que vai além da simples união composicional de suas partes (Lakoff, 1987).

Esse modelo é chamado pelo autor de “MCI de apontar para fora”⁵ das construções com “there”, e é nele que está a base da estrutura prototípica. Em outras palavras, o MCI da dêixis exposto anteriormente envolve o ato linguístico de apontar para uma entidade no espaço, realizado por um falante autorizado e dirigido a um ouvinte não focalizado. Desse modo, uma expressão dêitica é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante (o centro dêítico) e o ouvinte estão presentes simultaneamente em um determinado momento. A estrutura proposicional do MCI dêítico consiste, portanto, em um agente — o falante — chamando a atenção do paciente (o ouvinte) para uma entidade em termos de sua relação (espacial) com o agente (Marmaridou, 2000).

Para Lakoff (1987), “cada MCI é um todo complexo e estruturado, uma *gestalt* que tem quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os esquemas imagéticos, os metafóricos e os metonímicos” (p. 68, tradução livre). O esquema imagético que fornece a base para o MCI da dêixis prototípica — CENTRO-PERIFERIA — se fundamenta em nossa experiência corporal como tendo centros (por exemplo, o tronco) e periferias (por exemplo, dedos das mãos, dedos dos pés, cabelo etc.). Nesse sentido, os centros são considerados mais importantes do que as periferias, que dependem deles. Sendo assim, conforme argumenta Johnson (1987), dados um centro e uma periferia, um esquema imagético PRÓXIMO-DISTANTE também é experienciado como se estendendo ao longo de nossa perspectiva — perceptiva ou conceptual. Os elementos que estruturam o esquema, portanto, são de domínio espacial (Marmaridou, 2000), com o centro sendo instanciado pelo falante, ao passo que o objeto da dêixis seria conceptualizado como uma entidade no espaço periférico, com distância relativa ao centro. O esquema em questão pode ser ilustrado da seguinte forma:

Figura 1 – Esquema imagético CENTRO-PERIFERIA



Fonte: Johnson, 1987, p. 124.

⁵ No original, “pointing-out ICM” (Lakoff, 1987).

Segundo Johnson (1987), o ponto central representa o centro perceptivo do falante, que define seu espaço experiencial e se desvanece no horizonte (a linha ondulada). O autor destaca, por conseguinte, que além do esquema ser bastante característico do nosso espaço perceptual, ele também aparece de forma recorrente em nosso espaço *experiencial*: em nosso “mundo”, algumas coisas, eventos e pessoas são mais importantes do que outros — eles têm maior destaque em nossa experiência e são mais centrais nas nossas interações, enquanto outros são relativamente periféricos, o que, por si só, já constituiria uma extensão metafórica no uso dos dêiticos — isto é, menos prototípica.

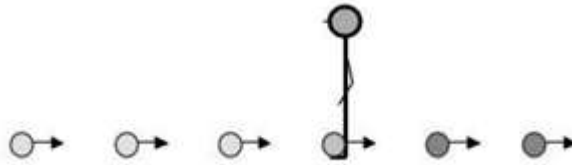
Com relação à estrutura metafórica do MCI da dêixis, Marmaridou (2000) destaca a conceptualização de aspectos sociais, de tempo e discurso em termos de espaço. Segundo a autora, a contribuição mais significativa dos estudos sobre metáfora para a estrutura da dêixis é provavelmente a compreensão de parâmetros sociais em termos de espaço físico, que resulta no que pode ser chamado de “espaço social”. Sendo assim, o domínio experiencial de espaço é projetado para estruturar o domínio abstrato de realidade social: diferenças de classe social, por exemplo, são concebidas como distância física entre falante e ouvinte, enquanto similaridades sociais são concebidas como proximidade física entre ambos. Desse modo, em sua proposta, o espaço social também pode ser representado em termos do esquema imagético CENTRO-PERIFERIA, mas que projeta propriedades do espaço físico para a experiência social (Marmaridou, 2000).

Já no que concerne a conceptualização metafórica de tempo como espaço, Marmaridou (2000) faz referência a instâncias atestadas por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1993): a primeira constitui a metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, na qual o futuro é conceptualizado como se movendo na direção do falante — o que confere ao tempo uma espécie de orientação trás-frente, tendo sua “face” direcionada ao centro dêítico na medida em que se aproxima. Vejamos o seguinte exemplo:

(a) O tempo de frio vai chegar.

Na sentença acima, o objeto (conceptualização metafórica do tempo) está se movendo ao longo de uma linha, ou trajetória, em direção ao falante — o tendo, assim, como destino. Quando atingir seu objetivo, o tempo será “agora”. Na sequência, continuará a se mover, só que desta vez para longe do centro dêítico, em direção ao passado, como ilustrado a seguir.

Figura 2 – Metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO.

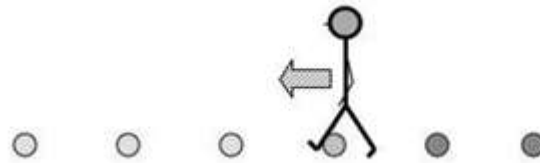


Fonte: Núñez e Sweetser, 2006, p. 406.

Uma condição básica para esse mapeamento, como se observa, é que o tempo presente esteja no mesmo local que o observador canônico — o centro dêítico. No entanto, há também a conceptualização do tempo como um objeto fixo no espaço, para o qual o falante se move — que se traduz na metáfora PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO EM UM HORIZONTE, como vemos a seguir.

(b) Chegaremos no tempo de frio.

Figura 3 – Metáfora PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO EM UM HORIZONTE



Fonte: Núñez e Sweetser, 2006, p. 406.

Com base nesses exemplos, Marmaridou (2000) propõe que a conceptualização de tempo como espaço seja estruturada com base no esquema imagético de ORDEM LINEAR e nas correspondentes projeções metafóricas para construção do seu significado.

A análise da dêixis discursiva segue de forma similar. A autora argumenta que o discurso é compreendido com base no esquema imagético PARTE-TODO, que dá a estrutura para a projeção metafórica de espaço e, de forma derivada, tempo, sobre o domínio discursivo. Como uma proposta experiencialista, é importante destacar que também o esquema imagético PARTE-TODO emerge da nossa experiência corporal, isto é, experienciamos nosso corpo como um todo que possui partes, assim como também somos capazes de observar a estrutura parte-todo nos objetos ao nosso redor. Segundo Marmaridou (2000), uma propriedade típica desse esquema imagético é que as partes podem ser contíguas umas às outras. Sendo assim, o discurso é concebido como uma entidade espacial, que é o todo composto por partes contíguas: a parte do discurso em que o falante se encontra é o centro dêítico; tais partes, por conseguinte, também são organizadas de acordo com o esquema de ORDEM LINEAR, que motiva a contiguidade.

Em síntese, a proposta de análise da dêixis em termos de um Modelo Cognitivo Idealizado estabelece uma escala de prototipicidade: instâncias podem se encaixar perfeitamente no MCI — isto é, o ato linguístico de apontar para uma entidade no espaço, realizado por um falante autorizado e dirigido a um destinatário não focalizado —, o que caracterizaria os usos prototípicos, enquanto outros que não se encaixassem tão bem seriam casos de usos menos prototípicos da dêixis (no caso deste trabalho, extensões metafóricas). Essa escala vale tanto para dêixis simbólica quanto para dêixis gestual (Fillmore, 1971).

De acordo com Marmaridou (2000), o exemplo mais prototípico de dêixis é aquele em que uma determinada construção expressa o ato do falante de apontar para uma entidade, sendo esse ato dirigido a um ouvinte — o que caracteriza a dêixis simbólica, por definição, como esse uso mais prototípico. A dêixis gestual requer uma especificação não simbólica de uma entidade, juntamente com sua identificação simbólica dêítica. Sendo assim, podemos definir a dêixis gestual como ainda um membro da categoria linguística, desde que seja acompanhada por uma identificação simbólica dêítica de um objeto. Em extensões metafóricas, menos prototípicas, estariam em jogo diferentes processos cognitivo-semânticos, necessários para a interpretação do seu significado, especialmente no que diz respeito aos gestos.

3 SOBRE OS GESTOS

Nesta seção, buscaremos discutir aspectos relacionados propriamente ao campo conhecido como Estudos de Gestos. Pretendemos, com base nas contribuições de Kendon (2004) e McNeill (1992), definir o objeto e discutir algumas perspectivas de análise e classificação, necessários para uma melhor compreensão dos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Daremos destaque especial, por fim, aos gestos dêiticos (segundo Kendon, 2004) e à proposta de Müller (2014) a respeito dos modos de representação gestual, que nos interessam de perto.

3.1 O QUE SÃO?

Os gestos são um meio de expressão comum à espécie humana: gesticulamos espontaneamente ao conversar com outras pessoas. São ações corporais empregadas como parte do processo discursivo, que demandam certo grau de intencionalidade comunicativa. Com o crescimento do interesse nessas ações corporais expressivas, uma das observações fundamentais a que a pesquisa moderna sobre gestos chegou é de que eles estão intimamente ligados à linguagem verbal, funcionando de forma integrada com um objetivo comunicativo comum (Kendon, 2004; Cooperrider e Goldin-Meadow, 2017). O seu estudo acadêmico, portanto, tem como foco essa integração.

Segundo McNeill (1992), os gestos possibilitam a observação de aspectos da dimensão imagística do pensamento humano que, de outra forma, não estariam acessíveis. Seu objetivo em *Hand and mind: what gestures reveal about thought* (1992) foi apresentar um quadro teórico que incluísse língua e gesto como aspectos de um processo subjacente único, mostrando como atuam em estreita ligação, mesmo constituindo dois modos de expressão distintos. Como o autor destaca, gestos exibem imagens que não podem ser sempre expressas pelo discurso. Nesse sentido, o gesto e a fala *cooperam* para a construção do significado: em síntese, eles compõem um sistema único e integrado, que mobiliza as modalidades auditiva (por meio da linguagem verbal) e visual (por meio dos gestos).

Adam Kendon, em *Gesture: visible action as utterance* (2004), destacou as características atribuídas ao que seria uma ação gestual por participantes de um estudo conduzido no fim da década de 70. Os resultados demonstraram que movimentos deliberados, que pareciam fazer “parte do que [a pessoa no vídeo] estava tentando dizer” (Kendon, 2004, p.

11) eram mais rapidamente caracterizados como gestos pelos observadores do que outros (Kendon, 1978). Isso levou o autor a definir os gestos como movimentos que possuem traços de manifesta e deliberada expressividade, com fronteiras delimitadas de *onset* e *offset*, que constituiriam, ao todo, uma excursão gestual. De modo interessante, participantes em uma interação ou observadores de um material audiovisual tenderiam a reconhecer diretamente tais movimentos como gestuais, sem confundi-los com movimentos de função prática ou adaptativa (como ajustar os óculos no rosto). Em relação aos braços, por exemplo, esses movimentos expressivos e deliberados seriam aqueles em que o(s) braço(s) era(m) levantado(s) para longe do corpo, na intenção de transmitir alguma mensagem, e depois retornava(m) a uma posição similar à do início. Um determinado movimento, nesse sentido, pode conter muitos ou poucos traços de deliberada expressividade — como um *continuum* —, o que influenciaria sua interpretação como um gesto. Essa interpretação, contudo, depende sempre do contexto em que o movimento foi executado — isto é, a definição de “gesto” não pode ser “desconectada” ou dada independentemente do modo como participantes em uma situação tratam o fluxo de ação/movimento uns dos outros. Como afirma o autor, “o que será considerado intencionalmente expressivo e tratado como tal pode variar de uma situação para outra” (Kendon, 2004, p. 16).

Como salienta Cienki (2022), uma grande variedade de movimentos pode ser incluída sob o rótulo de gesto: além das ações manuais, que têm sido primariamente o foco dos EG, há também estudos relacionados à postura corporal, movimentos da cabeça, expressões faciais e direcionamento do olhar. Neste trabalho, enfocamos os gestos manuais, haja vista que, diferentemente de outras partes do corpo, as mãos permitem uma ampla diversidade de movimento e forma; além disso, a localização das mãos e seu escopo de movimento também podem ser mais facilmente observados pelo interlocutor. Esses gestos manuais, apesar de parecerem difusos em uma observação informal, são passíveis de segmentação em unidades individuais para análise, de modo semelhante ao que ocorre com o fluxo da fala.

Segundo Kendon (2004), frases gestuais compõem unidades de ação corporal visíveis identificadas por traços cinésicos, que correspondem a ações significativas, como, por exemplo, apontar ou representar (por *depiction*). A possibilidade de estabelecer as fronteiras das frases gestuais nos permite uma análise segura de sua coordenação com a fala e da relação significativa entre esses dois aspectos em uma ação expressiva. Como o autor destaca, falantes criam conjuntos de gesto e fala, em que há coerência semântica entre as duas modalidades — apesar de diferentes, o significado desses dois modos de expressão interagem, o que resulta em uma

unidade mais complexa de significado. Com base em suas contribuições, vamos discorrer de forma mais detalhada a respeito do fluxo de ação gestual.

Uma excursão gestual, como visto, possui fronteiras delimitadas de *onset* e *offset* — isto é, momentos em que a mão sai da posição de repouso e, ao final, retorna a ela —, e constitui o que chamamos, conforme Kendon (2004), de *unidade gestual*. Dentro dessa unidade, é possível distinguirmos *fases*: a preparação, o golpe, a sustentação pós-golpe e a retração. Para que um golpe gestual seja produzido, o falante precisa que a mão (ou as mãos) estejam em uma posição propícia, o que corresponde à fase de preparação. Em alguns fluxos gestuais, o falante mantém a(s) mão(s) em posição após o golpe: essa manutenção é a chamada fase de sustentação. Após a realização do golpe, por fim, há o retorno da(s) mão(s) para a posição de descanso — que é a fase de retração. À exceção da retração, que faz parte da unidade gestual como um todo, essas diferentes fases compõem o que é definido na literatura como *frase gestual* (Kendon, 2004).

Figura 4 – Frase gestual: preparação, golpe e sustentação pós-golpe.



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Em outras palavras, a cada golpe temos uma frase gestual, e uma unidade gestual — a excursão completa dos articuladores — pode conter mais de uma frase. Focamos no golpe gestual, núcleo do gesto e única fase obrigatória, para classificá-lo e analisá-lo em sua integração com a fala: segundo McNeill (1992, p. 375), “semanticamente, é a parte do gesto que carrega o conteúdo”.

Na próxima subseção, vamos discorrer a respeito de algumas propostas de classificação.

3.2 QUANTO À SUA CLASSIFICAÇÃO

Como aponta Kendon (2004), não há um sistema universal de classificação dos gestos que seja útil para todas as investigações na área dos EG. Contudo, há certo consenso entre pesquisadores a respeito de que gestos podem ser utilizados para apontar, para representar por meio de alguma forma de *depiction* ou encenação de algo que seja relevante para o conteúdo referencial do que está sendo falado, além de cumprir funções importantes de marcação ou

organização da estrutura argumentativa e lógica de um discurso. Os estudos pioneiros liderados por McNeill (1992) em seu laboratório o levaram a propor um sistema de classificação que, de modo geral, tem sido amplamente utilizado por outros pesquisadores da área: os gestos icônicos — que incluem movimentos espaciais e cinetógrafos⁶ —; os gestos metafóricos, em que o conteúdo imagístico apresenta uma ideia abstrata, em vez de um objeto concreto ou um evento; os gestos dêiticos, limitados, conforme McNeill (1992), aos gestos de apontar; e os gestos rítmicos (*beats*), em que a mão se move de acordo com o padrão rítmico do discurso.

Contudo, Müller (1998a) demonstrou algumas deficiências inerentes ao sistema proposto por McNeill (1992). Elas derivavam do fato de que, na classificação dos gestos, forma e função eram misturadas, o que resultava em inconsistências analíticas. Alguns exemplos dessas inconsistências incluem: gestos metafóricos também serem icônicos (em relação ao domínio-fonte que representam, o que causa conflito em sua categorização segundo o sistema); e gestos dêiticos serem classificados com base em critérios formais (isto é, como “gestos de apontar”), e gestos icônicos e metafóricos, por outro lado, serem categorizados com base em suas funções.

Além disso, Müller (1998a) observou que gestos de apontar também podem ser metafóricos, quando há envolvimento de dêixis abstrata e a referência a ideias como objetos localizados no espaço (cf. Cienki, 1998). Outra questão reside no fato de que os gestos rítmicos, segundo McNeill (1992), poderiam ser sobrepostos a outros tipos de gesto (icônicos, metafóricos, dêiticos). Por fim, pela natureza dos estudos desenvolvidos pelo autor, que deram origem a seu sistema de classificação, Müller (1998a) salienta que os gestos pragmáticos não estão elencados, já que a análise foi feita com base em narrativas, não em conversações nas quais funções interpessoais poderiam aparecer.

Conforme explica Cienki (2022), como uma solução para tais questões, pesquisadores do projeto “Towards a Grammar of Gesture”⁷ buscaram desenvolver um sistema em que a análise da forma e da função dos gestos fosse distinguida. Desse empreendimento, surgiu o Sistema de Anotação Linguística para Gestos⁸ (Bressem, 2013; Bressem, Ladewig e Müller, 2013), que tem sido adotado por diversos pesquisadores em Linguística Cognitiva. A ideia

⁶ Que representam ações corporais.

⁷ <http://www.togog.org/>

⁸ Em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures* (LASG).

desse sistema é iniciar a análise dos gestos a partir da forma⁹, o que garante critérios sólidos de observação para, então, interpretar sua função no contexto de fala em que ocorrem.

Com base na aplicação do Sistema de Anotação Linguística para Gestos (Bressem, Ladewig e Müller, 2013) e nas contribuições de Müller (1998a), Kendon (2004) e Cienki (2013a), algumas funções gestuais puderam ser caracterizadas. As categorias básicas envolvem funções referenciais e pragmáticas: no caso de gestos referenciais, é possível subdividi-los em dêixis e representação (aqui, entendida como *depiction*). Gestos pragmáticos, por sua vez, se relacionam à atitude do falante sobre o que está sendo falado — ou seja, demonstram mais claramente aspectos da interação comunicativa em si. Para o nosso propósito neste trabalho, no entanto, focaremos nos gestos referenciais, e julgamos importante explicitar suas subcategorias. Sendo assim, passaremos a algumas considerações a respeito da referência por meio de dêixis e de representação.

3.2.1 Gestos dêíticos

Os gestos referenciais que envolvem dêixis são comumente associados aos chamados “gestos de apontar”, prototípicos da função. Kendon (2004) dedica um capítulo à descrição dessa subcategoria. Em seu trabalho, o autor busca apresentar um repertório desses gestos com base no formato das mãos para observar possíveis diferenças sistemáticas em relação ao modo como o “apontar” é realizado pelo falante e sua correlação com o discurso em questão. Além disso, como ele destaca, gestos de apontar são comumente realizados pelas mãos, mas há registros de tais gestos realizados também pelo movimento da cabeça, dos olhos, dos lábios, do ombro e até mesmo dos pés. Todos esses tipos de gestos, contudo, têm em comum a característica de que a parte do corpo utilizada para apontar é conduzida em uma trajetória bem definida, e a dinâmica do movimento é tal que, ao menos na parte final dele, a trajetória é linear. À exceção das instâncias em que um objeto apontado está em movimento, o gesto é direcionado a um alvo específico e bem definido no espaço. Esses gestos podem indicar, portanto, um objeto, um lugar ou uma direção, que se descobre, por parte do(s) interlocutor(es), pela projeção em linha reta a partir do ponto mais distante do corpo do falante — que está sendo utilizado no movimento — em direção ao espaço além dele. Esse espaço pode ser tratado de diferentes

⁹ A forma é descrita de acordo com os quatro parâmetros comuns à pesquisa em línguas de sinais: formato das mãos, orientação das palmas, movimento das mãos e sua localização em relação aos espaços gestuais, como definidos por McNeill (1992). Apresentaremos o LASG em detalhes na subseção 5.3.

formas: por um lado, pode ser um espaço físico compartilhado pelos participantes na interação, no qual o objeto ou a localização apontada está em algum lugar visível no ambiente; por outro lado, o objeto ou localização pode existir em algum lugar do mundo, mas sem ser possível visualizá-lo na situação imediata (por exemplo, quando o falante aponta para um lugar da casa que está além do cômodo em que se encontra). De modo mais abstrato, esse espaço pode ser estruturado pelas próprias ações do falante na constituição de um “mapa invisível”, pela combinação de palavras e gestos dêiticos para apontar, digamos, objetos e personagens em uma história sendo contada — ou, ainda, o “mapa” pode indicar componentes do próprio discurso, como contrastes de aspectos lógicos sendo apontados como lugares diferentes no espaço (Kendon, 2004).

Figura 5 – Os sete tipos de gestos de apontar



Fonte: Kendon, 2004, p. 206.

Nosso enfoque neste trabalho será especificamente os gestos de apontar manuais, e apresentaremos os resultados do estudo comparativo conduzido por Kendon (2004) em relação à sua forma. Segundo o autor, é possível dividi-los em sete diferentes tipos: Dedo Indicador Estendido Neutro (A); Dedo Indicador Estendido Pronado (B); Polegar Estendido (C); Mão Aberta Neutra (D); Mão Aberta Supinada (E); Mão Aberta Oblíqua (F); Mão Aberta Pronada (G), como ilustrado na figura 5. De acordo com suas observações considerando os contextos discursivos, Kendon (2004) propõe que a forma utilizada ao apontar pelo falante está relacionada sistematicamente ao modo como o objeto referenciado é apresentado no discurso:

“é como se a forma de apontar adotada fornecesse informações sobre como o falante deseja que o objeto indicado seja considerado” (p. 201, tradução livre).

Consideremos o formato Dedo Indicador Estendido. Conforme Kendon (2004) salienta, esse tipo de gesto de apontar é comumente utilizado quando a intenção do falante é indicar o referente como um objeto individual e particular, o colocando em proeminência. Com frequência vem acompanhado por palavras explicitamente dêiticas, como “here”, “there”, “this” ou “that”, por exemplo. O contraste entre a orientação da palma (vertical ou pronada) é também explicitado pelo autor: o Dedo Indicador Estendido Pronado cumpre a função de destacar o referente individualmente de modo mais especializado, ao passo que o Dedo Indicador Estendido Neutro, além de destacá-lo, em geral vem acompanhado por um comentário sobre o objeto.

No que diz respeito ao tipo Mão Aberta, Kendon (2004) afirma que, diferentemente do Dedo Indicador Estendido, ao apontar dessa forma (em qualquer variedade, seja neutra, supinada, oblíqua ou pronada) o falante não indica o objeto como foco principal ou tópico do discurso; na verdade, o referente é apontado como relacionado ao tópico, como, por exemplo, um exemplar de uma classe ou a localização de alguma atividade sendo discutida. Além disso, é esse tipo de gesto de apontar utilizado quando o falante deseja que o ouvinte observe ou considere o objeto porque, de certo modo, ele leva ao tópico principal do discurso. Gestos de apontar com Mão Aberta se diferenciam do Dedo Indicador Estendido também no sentido de que ocorrem menos frequentemente acompanhados a palavras dêiticas. Na variedade Mão Aberta Supinada, está envolvida a ação de apresentar, além de propriamente indicar o referente. O falante pode utilizar essa variedade para fazer reconhecer outra pessoa como fonte de alguma informação dada, ou como forma de demonstrar que concorda ou considera correto o que ela disse. Em outras palavras, o uso de Mão Aberta Supinada está relacionado à intenção do falante de que o referente seja observado ou considerado pelo ouvinte de um modo específico. Em relação à variedade Mão Aberta Oblíqua, quando utilizada para apontar, indica o objeto quando um comentário está sendo feito, seja sobre ele em si ou sobre a sua relação com o ouvinte. Segundo Kendon (2004), comumente o referente é uma pessoa, e o comentário, negativo. Já a variedade de Mão Aberta Pronada é especialmente utilizada pelo falante quando o referente indicado deve ser considerado em sua extensão espacial, ou quando vários objetos estão sendo apontados de uma vez, como um conjunto.

Por fim, no gesto de apontar com o Polegar Estendido, Kendon (2004) observou que o referente sempre esteve ao lado ou atrás do falante. Uma característica do uso desse tipo de gesto é que o objeto ou lugar sendo indicado não precisava ter sua localização ou identidade

estabelecida de modo preciso — seja porque já houvesse um conhecimento compartilhado sobre o ambiente entre os participantes ou porque a localização ou identidade do objeto já tivesse sido apontada previamente. Naturalmente, esses aspectos do referente não são o tópico discursivo nesses usos.

De modo geral, quando se fala em movimentos corporais que acompanham expressões linguísticas dêiticas, os gestos de apontar são citados. Esses gestos são responsáveis, em última instância, por estabelecer a correlação entre o discurso e a sua circunstância espaço-temporal. No que diz respeito ao presente trabalho, tais gestos são considerados exemplares prototípicos da função dêitica, enquanto utilizações mais abstratas poderiam manifestar extensões metafóricas do significado central da categoria, o que se refletiria em outras formas de representação gestual.

3.2.2 Modos de Representação Gestual

Antes de discorrermos sobre os diferentes modos de representação gestual, é importante destacar que, como salienta Cienki (2022), sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, a referenciação não é uma questão de mapeamento direto entre uma expressão (seja ela verbal ou gestual) e o mundo físico, mas de mapeamento entre a expressão e a nossa *conceptualização* do mundo (Lakoff, 1988). Isso vale para os gestos de apontar citados na subseção anterior, mesmo nos casos em que o referente é físico: é possível, em um dado cenário, colocar em proeminência um aspecto dele em relação aos outros (consideremos, por exemplo, o que foi discutido sobre o gesto de apontar com Dedo Indicador Estendido). Essa proeminência não é uma característica intrínseca ao cenário, mas resultado do *construal*¹⁰ cognitivo que o falante faz dele. Desse modo, não apenas as escolhas linguísticas, mas também os tipos de gestos produzidos ao fazer referência a conceitos, são filtrados pela lente do *construal*. Quando o referente é um conceito abstrato, no entanto, esse filtro fica mais evidente, já que não possuem forma física ou uma localização no espaço (Cienki, 2022).

As formas de fazer referência por representação gestual são apresentadas por Müller (1998a, 1998b, 2014). Segundo a autora, as diferentes técnicas empregadas pelos falantes podem ser caracterizadas como encenar, segurar/moldar, desenhar e corporificar. “Encenar” envolve a(s) mão(s) realizando um movimento para mostrar determinada ação, em vez de

¹⁰ Se refere à nossa capacidade de conceber e retratar uma mesma situação de maneiras diferentes. Em outras palavras, ao observar uma cena, o que realmente vemos depende de quão atentamente a examinamos, o que escolhemos examinar, a quais elementos prestamos mais atenção e de onde a observamos (Langacker, 2008).

realmente fazê-la — como, por exemplo, o movimento de escrever “no ar”, como se estivesse portando uma caneta. Em “segurar/moldar”, as mãos são articuladas e/ou movidas de modo que consigam representar a forma de um objeto em 3D — por exemplo, dispor as mãos como se estivessem segurando uma bacia, ou uma caixa. No que diz respeito a “desenhar”, um ou mais dedos estendidos podem traçar uma linha (2D) como se estivessem desenhando o contorno externo de uma forma ou a trajetória de um movimento no espaço. Já em relação a “corporificar”, os dedos e/ou a própria mão podem ser usados para representar um objeto, possivelmente mostrando sua ação — exemplos incluem representar um celular com o polegar e o dedo mínimo estendidos, ou um papel com a mão aberta.

Figura 6 – Modos de Representação Gestual: a mão executa o movimento de puxar uma alavanca; as mãos moldam a forma e desenham (traçam) o contorno de um objeto oval; a mão representa um pedaço de papel e o indicador representa uma caneta.



Fonte: Müller, 2014, p. 1691.

De acordo com Müller (2014), criar e compreender gestos implica em processos cognitivo-semióticos de metonímia. São esses processos que motivam a forma dos gestos. Os padrões de ação representados no modo encenar, por exemplo, são significativamente reduzidos — e aspectos significativos dela tornam-se abstratos e esquematizados. Em outras palavras, todas as representações operam com base na ideia de parte pelo todo das relações metonímicas, se diferenciando a respeito de *qual* parte representa o todo: nas instâncias de encenar, por exemplo, a motivação vem de uma versão esquematizada da ação subjacente. Conforme a autora destaca, esses processos cognitivo-semióticos — que caracterizam os diferentes modos de representação — são vitais tanto para a criação quanto para a percepção do gesto. Eles explicam como o significado da forma do gesto é motivado, um significado bastante vago quando considerado fora do contexto, mas que é, ainda assim, significativo: podemos reconhecer sem problemas que alguém está moldando uma forma, completamente fora de contexto. Precisamos do contexto para reconstruir o significado local do gesto e para estabelecer um tipo específico de referência, mas a forma do gesto é significativa em si mesma.

Quadro 1 – Os modos de representação gestual operam com base no princípio cognitivo-semiótico de metonímia.

Modos de Representação Gestual Abstração e Esquematização Metonímia motiva o significado da forma			
AÇÃO MODULADA PELA AÇÃO Partes significativas de uma ação esquematizada.  A mão encena como se estivesse performando uma ação instrumental.	MANIPULAÇÃO DO OBJETO PELO OBJETO Elementos significativos da superfície de um objeto.  A mão molda como se estivesse modelando uma escultura.	FORMA OU TRAJETÓRIA DO OBJETO PELO OBJETO Formas ou linhas significativas de um objeto.  A mão desenha como se estivesse traçando o contorno de um objeto ou linha.	GESTALT DO OBJETO PELO OBJETO <i>Gestalt</i> significativa característica de um objeto  A mão corporifica um objeto como se estivesse representando uma escultura.

Fonte: adaptado de Müller, 2014.

Em resumo, a autora argumenta que “os modos de representação gestual, na verdade, explicam as motivações icônicas e indexicais básicas para a criação de gestos” (Müller, 2014, p. 1694). Por fim, a autora apresenta uma sistematização cognitivo-semântica da interpretação do significado nos gestos. Nesse sentido, o sistema sintetiza os modos de representação em dois fundamentais: encenar e corporificar. O primeiro conceptualiza as ações das mãos e braços de duas formas diferentes: encenando ações e encenando movimentos. O segundo também conceptualiza entidades manualmente de duas maneiras distintas: corporificando objetos e corporificando objetos em movimento.

Quadro 2 – Modos de representação como base de um sistema cognitivo-semântico da construção do significado nos gestos.

Modos de Representação Uma semântica cognitiva da construção do significado nos gestos			
Encenando (como se...)		(Como se...) corporificando	
ENCENANDO AÇÕES	ENCENANDO MOVIMENTOS	CORPORIFICANDO OBJETOS	CORPORIFICANDO OBJETOS EM MOVIMENTO
APENAS AÇÃO	APENAS MOVIMENTO	APENAS OBJETO	OBJETO E MOVIMENTO
AÇÃO COM OBJETO ESPECÍFICO	MOVIMENTO E TRAJETÓRIA	OBJETO(S) LOCALIZADO(S)	OBJETO, MOVIMENTO, E MODO DE MOVIMENTO
AÇÃO COM OBJETO NÃO ESPECÍFICO	MOVIMENTO E MODO DE MOVIMENTO	OBJETO(S) DIRECIONADO(S)	OBJETO, MOVIMENTO, MODO DE MOVIMENTO E LOCALIZAÇÃO OU TRAJETÓRIA
	MOVIMENTO, TRAJETÓRIA E MODO DE MOVIMENTO	OBJETOS EM RELAÇÃO ESPACIAL	OBJETO, MOVIMENTO E TRAJETÓRIA

Fonte: adaptado de Müller, 2014.

Conforme Müller (2014) salienta, em um sistema como esse faz sentido colocar o modo “segurar/moldar” e o modo “desenhar” sob uma categoria mais geral de *encenar*. Moldar e desenhar são ambos resultados de tipos específicos de ações manuais: enquanto segurar/moldar se baseia em tocar um objeto, desenhar deriva da ação de usar os dedos para traçar linhas em superfícies. No que diz respeito a encenar movimentos, Müller (2014) recorre ao sistema proposto por Talmy (1983) em seu estudo sobre a estrutura conceptual de eventos de movimento. É possível encenar com as mãos: apenas o movimento; o movimento e a trajetória; o movimento e o modo de movimento; assim como o movimento, a trajetória e o modo.

Já no grupo de gestos sob o modo *corporificar*, há a distinção entre objetos e objetos em movimento. As mãos podem apenas representar (no sentido de *depiction*) um objeto, mas também podem localizá-lo no espaço, direcioná-lo ou, ainda, colocar dois objetos em relação espacial. Por outro lado, as formas de representação manuais são amplamente utilizadas para retratar objetos em movimento e, assim, o sistema de Talmy (1983) sobre os eventos de movimento como estruturas conceptuais entra em ação novamente. Nesse caso, o movimento da mão retrata o movimento da figura contra um fundo (Müller, 2014).

Como aponta Cienki (2022), embora todos os gestos representacionais impliquem inerentemente metonímia — como vimos — na forma como representam um referente, do ponto de vista da Linguística Cognitiva tais gestos também podem envolver *metáfora*. Segundo o autor, isso ocorre sempre que um conceito abstrato é expresso com um gesto, já que a abstração em si não tem uma forma que possa ser representada espacialmente. É necessário, assim, recorrer a algum domínio físico para simbolizar o conceito, e esse domínio-fonte fornece a base para a representação icônica no gesto. Na seção seguinte, vamos considerar mais a fundo alguns aspectos basilares da Teoria da Metáfora Conceptual.

4 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL

Nesta seção, daremos foco à apresentação da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980). Destacaremos a perspectiva filosófica adotada — conhecida como realismo experiencialista — e sua relação com nosso objeto neste trabalho. Na sequência, discutiremos a inter-relação entre a TMC e a LC e os Estudos de Gestos. Além disso, apresentaremos uma revisão da literatura em estudos sobre a dêixis locativa em dados multimodais — os trabalhos em questão adotam a perspectiva da Linguística Cognitiva para investigação de diferentes aspectos em relação à dêixis, com base em dados tanto do Português Brasileiro quanto do Inglês.

4.1 METÁFORAS DA VIDA COTIDIANA

Metaphors we live by (1980), de Lakoff e Johnson, representou um marco nos estudos sobre a metáfora na linguagem e na filosofia. A obra clássica, precursora do campo de pesquisas em Linguística Cognitiva, veio apresentar a metáfora como um processo cognitivo basilar do sistema conceptual humano: os autores demonstraram, a partir de inúmeras evidências linguísticas, como o fenômeno é pervasivo no pensamento e na linguagem cotidiana, o que ia de encontro à visão tradicional. Tanto nos estudos da linguagem quanto nos estudos filosóficos, a metáfora não era considerada um tema central para uma explicação adequada sobre questões relacionadas ao significado. A sua posição histórica na linguagem, por exemplo, a destacava como um recurso poético-literário, estético, distante do dia a dia das pessoas, o que a tornava tema de interesse secundário. Na filosofia, por sua vez, recebeu pouca atenção nas investigações sobre como os seres humanos compreendem o mundo e a si mesmos ao longo do tempo.

Sendo assim, o estabelecimento de um campo de estudo aprofundado sobre o papel da metáfora na construção do significado não era um caminho simples: pela sua posição pré-determinada à retórica e à literatura, ou “mera linguagem” figurativa, a sua proposição como um processo *cognitivo* fundamental para os seres humanos representou uma grande quebra de paradigma. A hipótese que norteou os autores foi a de que a metáfora seria uma chave para entendermos como concebemos o mundo ao nosso redor. E, de fato, as evidências encontradas eram tantas e ubíquas, que pode ser difícil enxergá-la em expressões comuns como “veremos isso lá na frente, no próximo ano” — instância de metáfora orientacional que concebe o futuro como um lugar *à frente* do ego.

Nessa metáfora, o domínio-fonte de *espaço*, mais concreto, estrutura a concepção de *tempo*, o domínio-alvo, mais abstrato. Segundo Lakoff e Johnson (1980), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos dos quais pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica” (p. 3, tradução livre). De acordo com os autores, a forma como nos conduzimos diariamente é baseada nesses conceitos, dos quais, muitas vezes, não tomamos consciência. Uma maneira de investigar como surgem é observar a própria linguagem, já que esta tem base no mesmo sistema conceptual que utilizamos para pensar e agir. Isso significa que, para a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), metáforas linguísticas só são possíveis porque a natureza do sistema conceptual é metafórica. Consideremos a instância da metáfora FUTURO ESTÁ À FRENTE DO EGO. De acordo com a TMC, podemos sistematizá-la da seguinte forma:

Quadro 3 – Metáfora FUTURO ESTÁ À FRENTE DO EGO

Metáfora FUTURO ESTÁ À FRENTE DO EGO		
Domínio-fonte: Espaço horizontal unidimensional		Domínio-alvo: Tempo
Marcos em relação aos quais o observador se move	→	Períodos no tempo
Marco à frente do observador	→	Tempo futuro
Movimento frontal do observador em relação aos marcos	→	Passagem do tempo
A distância percorrida pelo observador	→	A quantidade de tempo passado

Fonte: adaptado de Núñez e Sweetser, 2006.

Como vemos, aspectos da nossa experiência espacial fornecem a estrutura para a conceptualização do tempo, um domínio abstrato que não possui inerentemente “frente” ou “trás”, apesar de utilizarmos esses termos com frequência para nos referirmos a eventos temporais. Isso demonstra a função estruturante da metáfora no modo como pensamos e agimos cotidianamente.

Uma questão que se coloca, no entanto, é: se grande parte do nosso sistema conceptual é metafórica — isto é, conceitos são compreendidos parcialmente em termos de outros conceitos —, existiriam conceitos compreendidos diretamente, sem necessidade de metáfora? Em outras palavras, há uma âncora para o nosso sistema conceptual? Segundo Lakoff e Johnson (1980), entre os principais candidatos para conceitos que são compreendidos diretamente estão os conceitos espaciais, que surgem da nossa experiência. Como os autores destacam, “a estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa experiência espacial constante, isto é, nossa interação com o ambiente físico” (p. 56–57, tradução livre). De modo geral, conceptualizamos o que não é físico em termos do que é físico — isto é, concebemos o que é menos claramente delineado em termos do que é mais claramente delineado. Como nossos

sistemas perceptual e motor nos fornecem uma estrutura bem delimitada do conceito de espaço, as metáforas que têm esse domínio cognitivo como fonte permitiriam uma compreensão mais clara de conceitos abstratos ao concebê-los nesses termos, o que se refletiria em usos metafóricos dos dêiticos locativos, por exemplo — nosso objeto de estudo deste trabalho —, não apenas usos prototípicos. Na subseção seguinte, vamos considerar melhor o realismo experiencialista, perspectiva filosófica adotada pela TMC.

4.2 O REALISMO EXPERIENCIALISTA

A perspectiva filosófica adotada pela Teoria da Metáfora Conceptual parte da noção de que não há uma realidade absoluta, incondicional e objetiva que possa ser alcançada pelo ser humano, haja vista que nossa relação com o mundo é necessariamente mediada pela nossa cognição. Esta, por sua vez, tem sua âncora em nossa experiência física e cultural, da qual emergem conceitos basilares, como vimos na subseção anterior. Para apresentar sua posição, Lakoff e Johnson (1980) discorrem a respeito dos chamados “mito do objetivismo” e “mito do subjetivismo”.

Segundo os autores, o mito do objetivismo postula que há a possibilidade de alcançarmos uma verdade universal e independente de pontos de vista sobre a realidade, já que nossos conceitos acerca dos objetos existentes no mundo seriam constituídos pelas propriedades que tais objetos possuem em si mesmos. Nesse sentido, palavras têm significados fixos, compostos pelas propriedades inerentes aos objetos e às relações a que eles se referem. Essa visão objetivista tem sido preponderante no pensamento ocidental — o que, de modo geral, relegou à metáfora uma posição secundária nas investigações científicas, por constituir uma instância de linguagem figurativa/imaginativa, um “desvio”, de acordo com essa visão, da linguagem “direta” que corresponde à realidade.

É nesse contexto que os autores propõem uma “síntese experiencialista”: um terceiro caminho entre o objetivismo e o subjetivismo. Em suas palavras, “rejeitamos a visão objetivista de que há uma verdade absoluta e incondicional sem, contudo, adotar a alternativa subjetivista de que a verdade apenas é acessada pela imaginação, sem ser restringida por circunstâncias externas” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 192, tradução livre). Essa perspectiva parte da noção de que a compreensão humana acerca do mundo é necessariamente relativa ao nosso sistema conceptual — que é, desde que nascemos, embebido em nossa experiência cultural, não desconectado dela. Sendo assim, não há como enquadrá-la em qualquer sistema neutro e

absoluto de acesso à realidade. Nesse sentido, postulados comuns à tradição racionalista no estudo do significado linguístico, que parte de condições de verdade fixas, são contrapostos pela visão experiencialista, que considera o significado como relativo à estrutura *conceptual* do ser humano.

Como os autores afirmam em *Why cognitive linguistics requires embodied realism* (2002), desenvolvimentos em neurociência cognitiva demonstraram que o significado é, de fato, ancorado na experiência sensório-motora e que esse significado corporificado se estende, por mecanismos imaginativos como metáfora, metonímia, categorias radiais e mesclagem conceptual para estruturar conceptualizações e raciocínios abstratos. Como Grady (1997) e Johnson (1997) mostraram, centenas de metáforas primárias¹¹ surgem automaticamente e inconscientemente por meio do nosso funcionamento cotidiano no mundo. Isso não significa um alinhamento ao postulado empirista de que o ser humano nasce como uma *tabula rasa*, com todo conhecimento sendo adquirido por meio dos sentidos: Johnson e Lakoff (2002) destacam que as evidências empíricas apontam para a necessidade da existência de mecanismos cognitivos inatos (como mapas topográficos do campo visual, campos receptivos centro-periferia, conjuntos de células sensíveis à orientação etc.), assim como aprendidos (*frames* e MCIs).

De acordo com os autores, “a experiência é sempre um processo *interativo*, envolvendo restrições neurais e fisiológicas do organismo, bem como as possibilidades disponíveis pelo ambiente e por outras pessoas [com quem nos relacionamos]” (p. 248, tradução livre). Ou seja, a partir dessa visão, o significado não provém apenas das estruturas “internas” do organismo (“subjetivo”), nem exclusivamente de estímulos “externos” (os “objetos”), mas sim de padrões recorrentes de interação entre o organismo e o ambiente. Esquemas imagéticos, por exemplo, são significativos e desempenham o seu papel na cognição abstrata justamente pela sua conexão contínua com a experiência sensório-motora. Ao contrário da tradição racionalista, o experiencialismo postula que não há separação definitiva entre mente e corpo, já que estamos sempre “em contato” com o nosso mundo através das nossas ações e experiências corporais.

No que diz respeito à variação cultural observada em metáforas conceptuais, os autores defendem que, embora aspectos do realismo experiencialista ou realismo corporificado (Johnson e Lakoff, 1999) sejam compartilhados entre todos os seres humanos (vide mecanismos cognitivos inatos à espécie), assim como semelhanças entre nossos ambientes (todos estamos sujeitos à lei da gravidade), há espaço dentro dessas restrições gerais para variação cultural no

¹¹ Correlações experienciais generalizadas e cognitivamente salientes entre dois domínios que constituem uma cena primária. Exemplo: tempo e espaço.

modo como o significado é ampliado e elaborado. Um mesmo esquema imagético, emergente da experiência corporal, pode ser utilizado e interpretado de formas diferentes por culturas diferentes (cf. Núñez e Sweetser, 2006). Em resumo, nossa própria capacidade de compreender o mundo e outras pessoas surge da natureza de nossa existência corporal (nosso corpo físico e as estruturas/processos dos nossos cérebros), além das interações corporais que temos com nossos ambientes — sejam elas materiais ou culturais (Johnson, 2015).

4.3 A INTER-RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS DE GESTOS

Como destaca Cienki (2013b), nas últimas décadas, não apenas os estudos sobre metáforas conceptuais, mas também tópicos como metonímia, esquemas imagéticos, *perspective-taking*, *construal*, espaços mentais, mesclagem conceptual, entre outros, têm sido foco de atenção na inter-relação entre a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gestos. Pesquisas têm demonstrado, por exemplo, como gestos manifestam esquemas imagéticos, dada a sua natureza analógica e multidimensional (Cienki, 2005). Isso se explica pelo fato de que, adotando uma perspectiva do significado linguístico como conceptual, para a LC, os mecanismos de sua construção poderiam ser encontrados não apenas na linguagem verbal, mas também em outras formas de expressão, que poderiam também ser consideradas unidades simbólicas — como os gestos. Por essa linha de raciocínio, no que diz respeito especificamente à metáfora, se ela não é apenas um recurso linguístico, mas um meio pelo qual as pessoas conceptualizam (consciente ou inconscientemente) um domínio cognitivo em termos de outro, segue-se daí naturalmente que as metáforas conceptuais podem ser expressas não apenas em palavras faladas ou escritas, mas também em outras formas de comportamento humano — neste caso, os gestos.

Em seu trabalho pioneiro, Cienki (1998) demonstrou as várias maneiras em que metáforas conceptuais podem se relacionar na linguagem verbal e nos gestos. A mais clássica seria a manifestação da mesma imagem nas palavras e nos gestos, como quando se fala em tentar levar em conta diferentes fatores de maneira equilibrada, e simultaneamente se faz um gesto com as duas mãos, com as palmas abertas, uma subindo enquanto a outra desce (e vice-versa). Contudo, o autor também destaca que, longe de acontecer apenas uma “repetição” gestual da metáfora verbal, é possível encontrar evidências da conceptualização metafórica em casos nos quais gestos e palavras indicam domínios-fonte diferentes para a estruturação de um mesmo domínio-alvo. Por exemplo, Cienki (2008) cita o fato de um aluno falar sobre a distinção

moral entre o certo e o errado como preto ou branco, mas gestualmente “divide” o espaço à frente dele em dois locais diferentes — que representaria a oposição feita na metáfora verbal (certo e errado como preto e branco), mas, em última instância, constitui um domínio-fonte diferente (certo e errado como dois espaços distintos). Além disso, metáforas conceituais podem se manifestar apenas em palavras ou apenas em gestos. A expressão “*feeling blue*”, em inglês, para indicar tristeza, não pode ser manifestada iconicamente pelo gesto; por outro lado, como aponta Cienki (2013b), a metáfora pode aparecer apenas nos gestos quando um falante de inglês gesticula da esquerda para a direita enquanto descreve um processo que ocorreu — conceber um evento que transcorre ao longo do tempo da esquerda para a direita, segundo o autor, se baseia em uma metáfora espacial comum, em que o estado precedente está orientado para a esquerda e o estado posterior para a direita (cf. Calbris, 1985), e não há correspondência dessa metáfora em nenhuma expressão verbal nas línguas analisadas até hoje.

Como destaca Cienki (2016), a interação entre a LC e os EG é de natureza mútua, isto é, não se trata apenas da pesquisa sobre gestos ser levada em consideração na LC, mas também da inclusão de abordagens teóricas da LC nos Estudos de Gestos. Essa conexão, segundo ele, se coloca como muito promissora, e abarca a comunicação multimodal de modo geral — como a publicidade, o cinema etc. Essa perspectiva apresenta, como se observa, uma concepção de linguagem mais ampla. Nos termos do autor, a própria linguagem é considerada como uma categoria prototípica, com itens léxico-gramaticais sendo exemplos mais centrais e outros sistemas semióticos relacionados (entre eles, os gestos) constituindo categorias que podem se sobrepor ao sistema semiótico da linguagem em vários graus, dinamicamente, ao longo de escalas de tempo variáveis (Cienki, 2016, p. 606).

Um outro ponto importante na inter-relação entre a LC e os Estudos de Gestos, especialmente no que diz respeito à Teoria da Metáfora Conceptual, é a maneira como expressões metafóricas são caracterizadas. Como já vinha sendo observado por pesquisadores na área, a gradiência da metaforicidade podia ser encontrada mesmo em investigações que envolviam apenas a análise de expressões verbais (Cameron, 2003; Müller, 2008a, 2008b). Com o crescimento do interesse na análise dos gestos que acompanham a fala, essa natureza dinâmica ficou ainda mais evidente: como destaca Cienki (2013c), em alguns usos, as mãos empregam um formato claramente articulado, ou se movem em uma trajetória que também traça uma forma bem articulada; em outros, o formato das mãos é articulado de forma mais relaxada, manifestando uma menor saliência de metaforicidade. Além disso, gestos podem ser colocados mais ou menos em primeiro plano, de modo que destaquem a carga metafórica que comportam. Alguns desses fatores são: a localização do gesto (os que são produzidos ao nível da cintura,

por exemplo, são menos salientes do que aqueles que são produzidos mais acima); a qualidade e velocidade do gesto (gestos mais acentuados e rápidos são mais salientes); e a direção do olhar do falante — olhar para o gesto indica maior saliência (Müller e Tag, 2010). Todos esses comportamentos podem ser manifestados em maior ou menor grau, o que reforça a dinamicidade da metáfora.

Conforme aponta Cienki (2008), há três parâmetros que são úteis ter em mente no que diz respeito à análise de metáforas conceituais e expressões metafóricas: o grau de convencionalidade de uma metáfora conceitual em uma dada cultura (de convencional a nova); o grau de convencionalidade de uma expressão metafórica em uma dada cultura (de convencional a nova); e o grau de destaque da expressão metafórica em uma dada instância de uso (tornando-a cognitivamente mais ou menos saliente). É sabido que metáforas conceituais podem ser mais convencionais ou mais criativas — isto é, possuem natureza escalar: no caso de metáforas conceituais inovadoras, necessariamente estaremos diante de formas de expressão novas; já no caso de metáforas mais convencionais, há uma escala nas suas formas de expressão, que podem variar de mais convencionais a mais novas.

Isso significa dizer que o potencial de ativação da metaforicidade é igualmente escalar, de modo que metáforas podem estar mais ou menos “congeladas” ou “descongeladas” ou mais ou menos “adormecidas” ou “acordadas”. Metáforas “acordadas” são metáforas cujo potencial metafórico é ativado durante a fala, determinado pelo ponto de vista do falante por meio de indicadores de ativação; já as metáforas “adormecidas” têm metaforicidade potencialmente disponível para o falante/ouvinte comum porque é transparente, mas não há indicações empíricas (no uso) de metaforicidade ativada (Müller, 2008a, p. 198). Segundo Cienki (2008), fatores contextuais podem influenciar no grau de saliência de uma expressão metafórica, assim como o potencial de realização da sua metaforicidade. O falante pode fazer uso, por exemplo, de marcações na prosódia, de dispositivos lexicais para atrair a atenção do interlocutor para a metáfora (como “por assim dizer”) e de gestos que seriam mais “expansivos” que o normal.

No que diz respeito especificamente a gestos metafóricos, a mesma escala de convencionalidade pode ser aplicada. De acordo com Cienki (2008), essa escala pode ir do uso de uma metáfora conceitual convencional por meio de uma expressão gestual também convencionalizada (como um emblema — polegar para cima indicando avaliação positiva, por exemplo) até expressões novas usadas em um contexto particular. Além disso, o mesmo processo de destaque que é possível em metáforas verbais pode acontecer nos gestos: gestos mais criativos são mais salientes, gestos mais convencionais também podem ser colocados em saliência por meio de um uso mais expansivo do espaço gestual ou do olhar direcionado para o

gesto, como vimos anteriormente. Expressões de um mesmo domínio-fonte para um mesmo domínio-alvo tanto na fala quanto nos gestos, simultaneamente, também são um indicativo de destaque da projeção metafórica entre os domínios por parte do falante. Müller (2008a) aponta também aspectos de elaboração verbal, especificação, oposição semântica, integração sintática ou expressões da metáfora em duas modalidades simultaneamente, como gestos ou imagens.

De modo geral, reconhece-se que a metaforicidade é mais bem caracterizada como uma propriedade dinâmica (Müller, 2008a), que pode estar mais ou menos ativada em graus variados, em vez de uma questão categórica, como inicialmente se poderia conceber. Como destaca Cienki (2008), essa questão se torna ainda mais evidente no estudo dos gestos, devido à saliência (ou não) dos gestos usados em certos contextos. É nesse sentido também que, no que se refere à análise proposta neste trabalho, consideramos usos *mais* ou *menos* prototípicos, sem adotar uma distinção binária entre literalidade e metaforicidade dos itens lexicais em uso, mas levando em conta sua dinamicidade em interações.

4.4 ALGUNS ESTUDOS SOBRE DÊIXIS LOCATIVA EM DADOS MULTIMODAIS

Como demonstram Avelar, Barbosa e Graça (2025), as pesquisas sobre gestos em interface com a linguística têm recebido bastante interesse no Brasil, tendo o número de publicações dobrado nos últimos cinco anos. A seguir, apresentaremos uma breve revisão da literatura em estudos sobre a dêixis locativa em dados multimodais, a partir da perspectiva da LC.

Os usos dos dêiticos locativos “aqui” e “lá” em discurso político foram investigados por Avelar e Ferrari (2017) com o objetivo de caracterizar o significado emergente no espaço-mescla, em uma articulação entre configurações gestuais simultâneas à dêixis verbal. As autoras tiveram como base, a partir do arcabouço teórico da LC, a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e a Gramática Cognitiva (Langacker, 2008), retomando a Teoria da Integração Conceptual (Fauconnier e Turner, 2002) e a noção de Integração Experiencial (Auchlin, 2013). Os resultados a que chegaram apontam que usos discursivos dos dêiticos emergem da integração entre um espaço de *input* conceptual, que corresponde à estrutura linguística do dêitico, e um espaço de *input* experiencial, que se refere a configurações gestuais específicas. Nesse sentido, as autoras afirmam que “a integração desses espaços permite que o falante selecione trechos de seu discurso para colocar em proeminência” (Avelar e Ferrari, 2017, p. 73).

A análise se baseou em um vídeo de sessão legislativa da Câmara dos Deputados do pastor Silas Malafaia, responsável pela sessão solene intitulada “sessão solene em honra ao dia da família”, na qual utiliza extensivamente recursos dêiticos e gestuais. As hipóteses das autoras eram as de que os dêiticos locativos “aqui” e “lá” apresentariam usos semântico-pragmáticos metaforizados no discurso político; e de que os gestos que acompanham tais usos promovem uma integração experiencial, em que a estrutura emergente focaliza partes específicas do discurso. Foram encontradas incongruências entre os usos dêiticos e os gestos concomitantes (como o uso do “aqui” com o gesto de apontar para fora e o uso de “lá” com o gesto de apontar para baixo), além de congruências aparentes, haja vista que, em sua análise, Avelar e Ferrari (2017) demonstraram que os gestos, na verdade, funcionam como marcadores de ênfase, de modo ostensivo e preciso, destacando tópicos discursivos e ênfase prosódica. Os usos dêiticos, nesse sentido, não se referem a locais físicos, mas ao próprio discurso — que constitui uma forma de extensão metaforizada do seu significado central — resultantes da integração experiencial entre a estrutura dêitica e os gestos.

Já Pinheiro e Avelar (2017) observaram usos prototípicos e não prototípicos do dêitico “aqui”, com base em dados do corpus C-ORAL-BRASIL e em trechos de vídeos de palestras TEDx, disponíveis no YouTube. A proposta foi analisar a integração entre gesto e fala a partir do arcabouço teórico da LC, em especial a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) e os Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987). A análise, de caráter qualitativo, além do uso prototípico (isto é, locativo de espaço), apontou para usos não prototípicos do dêitico em contextos multimodais. Nos dados orais, os participantes do diálogo são um vendedor de sapatos e a sua cliente, tendo o diálogo acontecido em uma loja de sapatos em Belo Horizonte, com o tópico de escolha de sandálias para comprar. Os dados multimodais, por sua vez, constituem trechos de uma palestra intitulada “Felicidade é aqui e agora”, proferida pelo professor Clóvis Barros Filho, em São Paulo, e o principal tópico de discussão é a definição de felicidade e a necessidade de vivê-la no presente.

No que diz respeito aos dados orais, as autoras encontraram uma ocorrência prototípica e outra não prototípica; em relação aos dados multimodais, foram encontradas uma ocorrência prototípica e duas não prototípicas. As autoras perceberam que em contextos não prototípicos os usos não foram acompanhados do característico “apontar para baixo”: eles apresentaram, por outro lado, formas gestuais distintas — como se o falante estivesse segurando um objeto com as mãos, evidenciando a metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS e como uma trajetória no espaço, do meio para a frente, manifestando a metáfora TEMPO É UM OBJETO MÓVEL, concomitantemente à metáfora TEMPO É ESPAÇO expressada verbalmente. Sua contribuição,

assim, instrumentaliza análises dêiticas do ponto de vista metafórico e discursivo, para além de indicações de ostensão espacial de instâncias concretas.

Cienki et al. (2019) conduziram um estudo experimental para investigar como as conceptualizações do físico e do abstrato são expressas na fala e nos gestos em usos da dêixis locativa no PB — “aqui”, “aí”, “ali” e “lá”. Os autores buscaram testar duas hipóteses opostas: a de que os gestos utilizados na dêixis concreta e abstrata seriam similares, com base na noção de mente corporificada; e a de que o uso dos gestos seria diferente, com base em afirmações feitas pelas neurociências e ancoradas em padrões de uso dos dêiticos. No estudo, vinte e quatro participantes encenaram pequenos *scripts*, que continham oito contextos, cada qual com uma ocorrência de uso concreto e uma abstrata dos dêiticos em análise. A abordagem buscou dar aos participantes a oportunidade de demonstrar naturalmente até que ponto eles usavam gestos para acompanhar conceptualizações concretas e abstratas por meio da linguagem, com base na distinção quaternária do PB. Os resultados a que chegaram demonstraram que a oposição semântica entre “aqui” (próximo do falante) e “lá” (distante do falante e do interlocutor) também está presente nos gestos que concomitantes à fala. Contudo, verificaram que não existe uma diferença evidente no uso dos gestos com o “aí” quando comparado aos outros dêiticos.

Além disso, os resultados apontaram que gestos simultâneos ao uso concreto dos dêiticos são semelhantes àqueles que coocorrem com o uso abstrato em alguns aspectos, mas também foram encontradas diferenças. Levando em conta os oito modos de representação usados nos gestos analisados (apontar, *punching*, arremessar, estabelecer limites, *sliding*, desenhar, segurar e moldar), apontar foi a categoria mais frequente, seguida por arremessar, tanto em usos concretos quanto em usos abstratos. De modo interessante, os autores verificaram que apenas usos abstratos apresentaram todas as oito categorias de representação nos gestos. Exceto pelo dêitico “lá”, que teve o gesto de arremessar como mais frequente, apontar foi o mais frequente em usos concretos. Cienki et al. (2019) concluem que as imagens (simulações) parecem ser ativadas com referências abstratas, contudo, os fatores que motivam as particularidades das diferenças relatadas no estudo precisam ser explorados em trabalhos futuros.

Avelar, Ferrari e Pacheco (2022), por sua vez, realizaram uma investigação que muito se relaciona à proposta deste trabalho: as autoras observaram os usos prototípicos e metafóricos da dêixis locativa no Português Brasileiro e no Inglês Americano, em uma abordagem intercultural na análise de dados multimodais. Seu enfoque foram os gestos manuais que seriam prevalentes no uso dêitico em ambas as línguas, tendo como referencial, dentro da LC, o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (Lakoff, 1987) e do Princípio de Metaforicidade

(Müller, 2008a). Com base no Sistema de Anotação Linguística para Gestos (Bressem, Ladewig e Müller, 2013), as autoras realizaram uma análise comparativa com base em 40 dados audiovisuais em português (10 para cada dêitico locativo — “aqui”, “aí”, “ali” e “lá”) e 20 dados em inglês (10 com usos do “here” e 10 com usos do “there”), buscando descrever como a integração verbo-gestual opera na indicação de referentes tanto na cena imediata da interação quanto em projeções não imediatas realizadas pelo falante.

Os resultados mostraram que os usos dêiticos em dados multimodais podem ser organizados em categorias radiais, com membros centrais prototípicos e outros menos prototípicos, a depender do grau de ativação da metaforicidade. A análise comparativa entre o Português Brasileiro e o Inglês Americano, por fim, indicou uma similaridade cognitiva entre as duas línguas, apesar de diferenças culturais na performance de gestos relacionados também terem sido observadas.

Por fim, Lima, Alves e Avelar (2022) tiveram como objetivo investigar, com base na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), as expressões metafóricas presentes em enunciados dêiticos, que são frequentemente associadas aos gestos de apontar. Seu foco foi analisar duas ocorrências verbo-gestuais do dêitico locativo “here” no Inglês, coletadas a partir do *International Distributed Little Red Hen Lab* e do site *Youghlish*. Com base nos resultados encontrados na análise, isto é, a presença da metáfora conceptual A VIDA É UMA JORNADA, os autores apontam que a investigação de metáforas conceptuais nos gestos em dados naturalísticos pode fornecer pistas interessantes acerca do modo como falantes conceptualizam o espaço-tempo imediato na interação face a face, a partir de aspectos culturais mais profundos, além de percepção, experiência e de crenças convencionalizadas.

Esses estudos indicam um caminho promissor na investigação de usos da dêixis locativa tanto em contextos mais prototípicos (isto é, mais concretos) quanto metafóricos. Além disso, a investigação comparativa entre duas línguas também se apresenta como um caminho interessante, na medida em que permite identificar similaridades e diferenças na conceptualização expressa, pelos falantes, em compósitos verbo-gestuais.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, explicitaremos os procedimentos metodológicos adotados para análise dos dados. Em um primeiro momento, focaremos na delimitação do nosso objeto de estudo; na sequência, vamos apresentar os *corpora* dos quais extraímos nossas amostras. Descreveremos, então, os objetivos e hipóteses que guiaram a pesquisa, dando enfoque, por fim, às ferramentas utilizadas para a análise dos dados verbo-gestuais.

5.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E OS *CORPORA*

Ao propor uma análise comparativa entre usos da dêixis locativa no Português Brasileiro e no Inglês Americano, buscamos delimitar nosso objeto de estudo com base em diferenças encontradas entre ambas as línguas para indicação de lugar: enquanto o Português Brasileiro possui uma tripartição — “aí”, “ali” e “lá” — para referência a locais que não são exclusivamente próximos ao falante, o Inglês Americano contemporâneo tem como correspondente apenas o dêitico “there”. Sendo assim, optamos por focar nessa distinção — o PB com uma diferenciação mais detalhada, de um lado, e o termo mais abrangente no Inglês Americano, de outro. Além disso, buscamos realizar a análise dos usos dêiticos em dados de naturezas diferentes: inicialmente, procedemos à investigação com base em dados verbais a partir de transcrições de áudio em ambas as línguas; na sequência, relacionamos os tipos de uso encontrados a padrões gestuais em dados audiovisuais.

A fim de realizar a investigação a que nos propomos, coletamos os dados verbais e verbo-gestuais de uso dos dêiticos locativos “aí”, “ali”, “lá” e “there” de três bancos, além do YouTube. O primeiro, em português, se encontra disponível na plataforma on-line do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), que disponibiliza vastas amostras de língua falada com a participação de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Neste trabalho, focamos nas amostras de falantes da cidade do Rio de Janeiro. Cada um dos informantes produziu cinco tipos distintos de textos orais: narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento; e relato de opinião. O segundo, em inglês, está disponível no *Corpus of Contemporary American English* (COCA). É provavelmente o corpus de inglês mais utilizado no mundo, e contém mais de um bilhão de palavras em oito gêneros: falado, ficção, revistas populares, jornais, textos acadêmicos, legendas de TV e filmes, blogs e outras páginas da web. Buscamos, para nossos

objetivos neste trabalho, os dêiticos locativos dentre as mais de 80 milhões de transcrições de conversações espontâneas extraídas de aproximadamente 150 diferentes programas de TV e rádio. Os dados multimodais, por sua vez, foram disponibilizados pelo *International Distributed Little Red Hen Lab*, um laboratório global de ciência *big data* e cooperativa para pesquisa em comunicação multimodal, hospedado no site da *University of California*, Los Angeles, codirigido por Francis Steen (UCLA) e Mark Turner (CWRU), além de vídeos de entrevistas e palestras disponibilizados pelo YouTube.

Segundo seus diretores, o conjunto de dados do *Red Hen Lab* contém mais de 5 bilhões de palavras e 500.000 horas de arquivos audiovisuais, além de arquivos de imagens estáticas e textos. O *corpus* é mantido pela biblioteca da UCLA e pela biblioteca da *Case Western Reserve University*. O componente original do *corpus* do *Red Hen Lab* é o *UCLA NewsScape Archive*, que foi originalmente desenvolvido pelo Departamento de Comunicação da UCLA. Grande parte do *NewsScape* consiste em transmissões nacionais e a cabo dos Estados Unidos, com ampla cobertura dos mercados de mídia de Los Angeles e Cleveland, Ohio. Atualmente, possui acervos substanciais em inglês (incluindo inglês britânico e indiano), espanhol (incluindo do México), francês, italiano, português europeu e brasileiro, alemão, norueguês, sueco, dinamarquês, holandês, russo, polonês, tcheco, chinês, árabe, hindi e bengali. Por motivos de direitos autorais, o acesso está restrito aos pesquisadores ligados ao laboratório. No caso do *Red Hen Lab Brazil*, o projeto foi trazido, inicialmente, pelos pesquisadores Lilian Ferrari (UFRJ), Máira Avelar (UESB) e Gustavo Guedes (CEFET-RJ), e, atualmente, está sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob coordenação de Tiago Torrent.

Nos três *corpora* e no YouTube, efetuamos a busca pelos dados a partir da inserção de palavras-chave (os dêiticos locativos) nos mecanismos de pesquisa disponibilizados por cada um deles. No caso dos dados audiovisuais, foram excluídas ocorrências verbais dos dêiticos que não vinham acompanhadas de gestos manuais, que constituíram nosso foco de investigação. Sendo assim, foram coletadas 200 ocorrências de dados verbais — 50 do dêitico “aí”, 50 do dêitico “ali”, 50 do dêitico “lá” e 50 do dêitico “there”. Em relação aos dados audiovisuais, foram selecionadas ocorrências de cada tipo de uso identificado dos dêiticos a fim de que fossem observados os padrões gestuais correspondentes: 10 usos prototípicos e 10 usos metafóricos do dêitico “aí”; 10 usos prototípicos e 10 usos metafóricos do dêitico “ali”; 10 usos prototípicos e 10 usos metafóricos do dêitico “lá”; e 10 usos prototípicos e 10 usos metafóricos do dêitico “there”, totalizando 80 dados. Os dados do Português Brasileiro foram extraídos da estação brasileira do *Red Hen*, que conta com programas jornalísticos e *talk-shows* exibidos no

país — mais especificamente, três canais foram selecionados: Globo, Record e Band, e também de vídeos de entrevistas e palestras disponíveis no YouTube.

5.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES DE PESQUISA

Tivemos como principais objetivos (i) descrever os diferentes usos dos dêiticos locativos investigados nos dados de fala e (ii) relacionar os tipos de uso distintos dos dêiticos a padrões gestuais em dados multimodais do Português Brasileiro e do Inglês Americano. A partir desses objetivos, estabelecemos as hipóteses de que (i) os dêiticos locativos apresentam usos prototípicos (mais concretos) e metafóricos tanto em português quanto em inglês e de que (ii) os usos prototípicos e metafóricos dos dêiticos se relacionam a padrões gestuais distintos em ambas as línguas.

A análise das amostras teve caráter qualiquantitativo: inicialmente, mapeamos os dêiticos locativos em transcrições de dados de fala do *corpus* do D&G, em português, e do COCA, em inglês; em seguida, os classificamos e quantificamos, a partir de análise comparativa com tratamento estatístico para cálculo de frequência. Na sequência, identificamos os usos dos dêiticos em dados multimodais disponibilizados pelo *Red Hen Lab* e pelo YouTube, os quais igualmente foram analisados, classificados e quantificados, com o auxílio de um *software* de anotação para arquivos audiovisuais, o ELAN, que descreveremos na subseção seguinte.

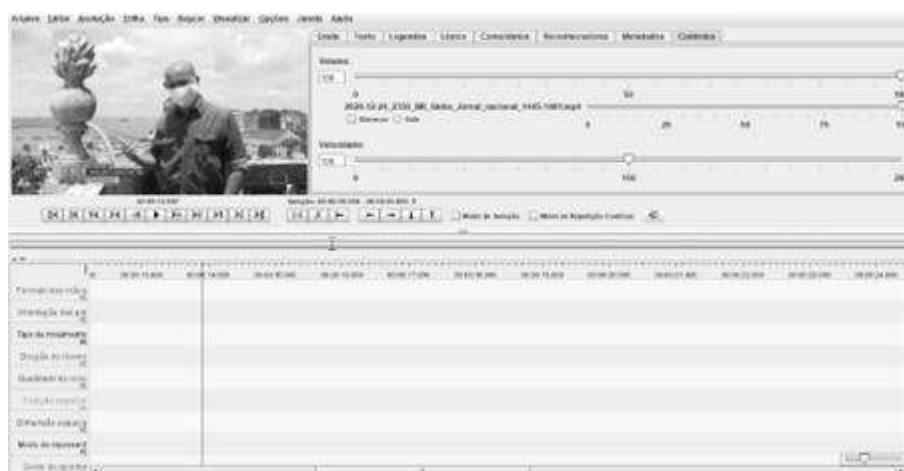
5.3 ANÁLISE VERBO-GESTUAL: LASG E MIG-G

De acordo com os desenvolvedores, com o *software* ELAN o usuário pode adicionar um número ilimitado de anotações textuais a gravações de áudio e/ou vídeo. Uma anotação pode ser uma frase, palavra ou glossário, um comentário, tradução ou descrição de qualquer característica observada na mídia. As anotações podem ser criadas em várias camadas, chamadas aqui de “trilhas”. As trilhas, por sua vez, podem ser interligadas hierarquicamente. Um ponto interessante da ferramenta é que a anotação pode ser alinhada temporalmente à mídia, o que se mostrou bastante útil, na medida que buscamos alinhá-las às excursões gestuais identificadas nos dados. O conteúdo das anotações consiste em texto *unicode* e os documentos de anotação são armazenados em formato XML (EAF).

No presente trabalho, as trilhas no ELAN foram compostas pelos parâmetros propostos no Sistema de Anotação Linguística para Gestos (Bressem, Ladewig e Müller, 2013), ou LASG, na abreviação em inglês, e pelas Diretrizes para Identificação de Metáfora nos Gestos, MIG-G

(Cienki, 2017). O LASG foi desenvolvido pelas autoras com o objetivo de oferecer uma perspectiva sobre a anotação de gestos baseada em uma abordagem linguística (cognitiva) do uso da linguagem, com foco na forma para a reconstrução sistemática do seu significado. O sistema, portanto, parte da noção de que a fala e os gestos estão intimamente ligados e que a linguagem é inerentemente multimodal, além de abordar aspectos necessários para a descrição das formas gestuais, a fim de que se possa chegar a significados e funções dos gestos com e sem o acompanhamento da fala. Sendo assim, o significado de um gesto é determinado em uma análise de sua forma, a princípio, livre de contexto, que serve de base para a análise posterior dos gestos em relação ao contexto (Bressem, Ladewig e Müller, 2013, p. 1100). Como as autoras destacam, uma perspectiva linguística sobre os gestos pressupõe que os gestos (i) podem ser segmentados e classificados; (ii) apresentam regularidades e estruturas ao nível da forma e do significado; e (iii) têm potencial para combinações e estruturas hierárquicas.

Figura 7 – Layout do software ELAN



Fonte: Banco de imagens da autora.

O primeiro passo é a delimitação das unidades de análise. Como discutido anteriormente (cf. seção 3), as autoras salientam que o Sistema de Anotação Linguística para Gestos parte da noção de que os gestos são movimentos corporais com objetivos comunicativos, e que, semelhantemente à linguagem verbal, são usados para expressar os pensamentos, sentimentos e intenções de um falante. As contribuições de Kendon (2004) a respeito da estrutura frasal dos gestos, assim como suas diferentes fases, também é levada em conta pelo sistema. Nesse sentido, toda a excursão (que vai desde o momento em que os articuladores deixam a posição de descanso até o momento em que retornam a ela), que constitui uma unidade gestual, é inicialmente selecionada. Essa unidade, por sua vez, é posteriormente segmentada de acordo com suas fases: a preparação, o golpe, a sustentação pós-golpe e a retração. Dessas fases, como

vimos, o golpe é considerado o movimento mais importante, sendo o núcleo da unidade gestual e o responsável por carregar seu significado, correlacionando-se com a parte mais relevante do enunciado verbal. Conforme as autoras afirmam, “a identificação das fases do gesto não é apenas um pré-requisito para determinar os segmentos gestuais, mas também para especificar a relação exata do gesto com as unidades do fluxo da fala. Portanto, é uma etapa necessária para detectar o significado de um gesto” (Bressem, Ladewig e Müller, 2013, p. 1103, tradução livre).

O segundo passo consiste na descrição das formas gestuais propriamente. De acordo com Bressem, Ladewig e Müller (2013), esse passo inclui os seguintes aspectos: (i) descrição dos gestos com base nos quatro parâmetros de forma utilizados nas línguas de sinais (“formato das mãos”, “orientação das palmas”, “movimento” e “posição no espaço gestual”); e (ii) a identificação da motivação de uma forma gestual, explicando os princípios cognitivo-semióticos subjacentes (modos de representação, cf. subseção 3.2.2), bem como do fundamento do gesto em esquemas imagéticos, ações, padrões motores etc. Passemos, agora, a uma descrição mais detalhada dos quatro parâmetros utilizados no sistema, que foram desenvolvidos, a princípio, para a descrição de línguas de sinais.

Em *A linguistic perspective on the notation of form features in gestures* (2013), Jana Bressem descreve em detalhes os parâmetros propostos pelo LASG para análise da forma gestual. A autora destaca que a criação do LASG teve como motivo a então ausência de um método linguístico sistemático para a notação de gestos. Anteriormente, em análises de natureza linguística, era comum que a fala exercesse uma grande influência sobre a descrição dos gestos, que deveriam, por sua vez, se “adequar” ao conteúdo verbal. Desse modo, aspectos das formas gestuais eram escolhidos seletivamente, dependendo da expressão verbal que os acompanhava. Sendo assim, Bressem (2013) aponta que os estudos realizados no âmbito da análise linguística (e semiótica) dos gestos que têm como base o LASG seguem um procedimento metodológico específico, que se fundamenta na separação dos gestos e da fala em partes do processo analítico. Nesse sentido, “os gestos são, antes de tudo, investigados independentemente da fala. Somente sucessivamente, gestos e fala são unidos, levando assim a uma investigação da forma, significado e função dos gestos tanto isoladamente quanto em relação à fala” (p. 1081, tradução livre).

Segundo a autora, o sistema de anotação é caracterizado por alguns atributos básicos, quais sejam: (i) uma perspectiva fonética sobre a notação das formas gestuais, que se refere à representação articulatória das formas gestuais; (ii) não há notação anatômica dos braços ou outras partes do corpo, já que o sistema só provê as bases para a notação das mãos, deixando de fora descrições articulatórias e anatômicas de braços, outras partes e posturas corporais; (iii)

uma caracterização sistemática das formas gestuais em todos os quatro parâmetros das línguas de sinais, já que o sistema fornece categorias descritivas para a notação das formas das mãos, orientações da palma, padrões de movimento e posições no espaço gestual, seguindo uma lógica particular de organização delas de acordo com sua proeminência; (iv) uma caracterização das formas gestuais independentemente da fala, pois, como vimos, o sistema parte da noção de que uma descrição das características da forma gestual deve preceder a análise do seu significado e função; (v) a evitação de uma notação de forma gestual que inclua paráfrases de significado e função, como por exemplo descrições de “mão em concha” ou “bandeja” — o sistema busca abordar as formas dos gestos da maneira mais objetiva possível, propondo “uma terminologia que capta a qualidade fisiológica e material específica dos gestos” (Bressem, 2013, p. 1084, tradução livre); por fim, (vi) flexibilidade, expansibilidade, praticabilidade e facilidade de aprendizagem das convenções de notação, que diz respeito à possibilidade de extensão, especialmente em relação à incorporação de novas formas gestuais, além de ser um sistema prático e fácil de aprender.

No primeiro parâmetro de análise, “formato das mãos”, o sistema distribui as várias formas manuais a quatro categorias básicas: punho, mão aberta, dedos individuais e combinações de dedos.

Figura 8 – Formato das mãos: punho, mão aberta, dedos individuais e combinação de dedos.

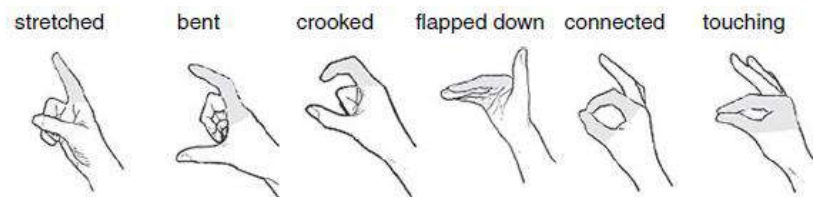


Fonte: Bressem, 2013, p. 1085.

A descrição do formato das mãos, portanto, se baseia na avaliação da sua característica mais proeminente: se a mão está fechada em punho, se palma é a característica mais proeminente da configuração, se os dedos individuais determinam a sua configuração ou se combinações de dedos individuais ou em associação com a palma dominam o formato das mãos. A decisão sobre a característica que se destaca é o primeiro passo na análise do parâmetro de formato das mãos; na sequência, formatos manuais que envolvam as duas mãos também devem ser distinguidos com base nas quatro categorias supracitadas, o número de dedos individuais envolvidos, o formato dos dedos ou nomeados individualmente como “mãos interligadas”.

Assim, no que diz respeito às formas gestuais indicadas como “dedos individuais”, “combinação de dedos” ou formato de mãos envolvendo as duas mãos, a configuração das mãos é especificada ainda pelo número e formato dos dedos envolvidos. Segundo Bressemer (2013), para diferenciar os dedos da mão, eles são numerados — começando por 1 (=polegar) até 5 (=dedo mínimo). Depois de identificar e numerar os dedos, sua forma deve ser especificada entre seis categorias: estendido, flexionado, torto, abaixado, conectado ou tocando.

Figura 9 – Formato dos dedos: estendido, flexionado, torto, abaixado, conectado e tocando.



Fonte: Bressemer, 2013, p. 1085.

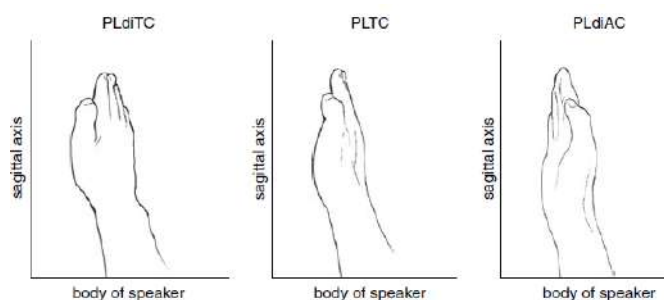
Figura 10 – Combinação dos dedos

Combination of fingers						
1+2 connected	1+3 connected	1+2 crooked	1+2 bent	1-5 crooked	1-5 bent	1-5 spread bent
2-5 flapped down	2-5 flapped down 1 stretched	2-5 bent	1-5 touching	1+5 connected	1+2 touching	

Fonte: Bressemer, 2013, p. 1086.

Desse modo, a anotação do parâmetro “formato das mãos” envolve três etapas: atribuir o formato da mão a uma das quatro categorias ou classificá-la como uma configuração envolvendo ambas as mãos; numerar cada dedo; e especificar o formato dos dedos.

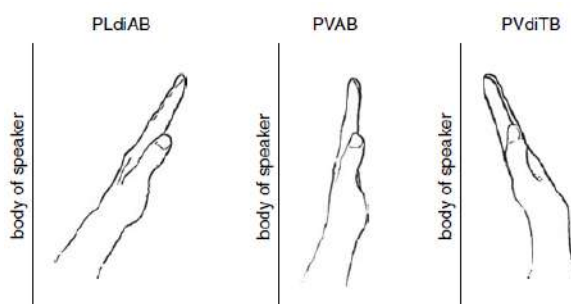
Figura 11 – Orientação lateral



Fonte: Bressem, 2013, p. 1087.

No que diz respeito ao parâmetro “orientação”, sua codificação, de acordo com a autora, é baseada na distinção feita por McNeill (1992). Sendo assim, a notação da orientação depende primariamente da orientação das palmas e do espaço gestual. Isso significa que a descrição desse parâmetro envolve um procedimento em duas partes, no qual primeiro a orientação das palmas e, depois, a orientação em relação ao espaço gestual deve ser distinguida. Segundo Bressem (2013), para a caracterização da orientação das palmas, se diferenciam quatro ângulos básicos diferentes: palma para cima, palma para baixo, palma lateral e palma vertical. Além desses quatro, o marcador “diagonal” é usado para diferenciar ainda mais os quatro ângulos básicos e para marcar uma orientação intermediária entre eles.

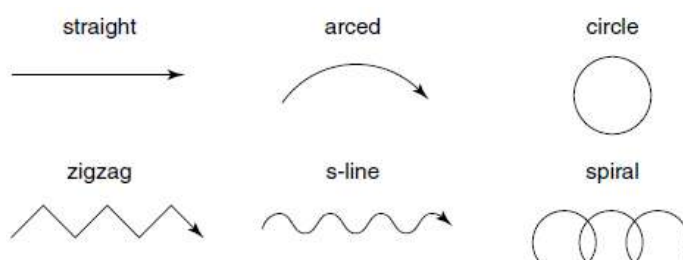
Figura 12 – Orientação vertical



Fonte: Bressem, 2013, p. 1087.

As orientações “palma lateral”, “palma vertical” e qualquer orientação adicionalmente marcada pelo marcador “diagonal” são diferenciadas em relação ao espaço gestual. Aqui, de acordo com a autora, se distinguem quatro tipos: em direção ao centro, para fora do centro, em direção ao corpo e para fora do corpo. A caracterização da orientação da mão é, portanto, sempre uma combinação de duas etapas, como em “palma vertical (1) para fora do corpo (2)”, por exemplo (Bressem, 2013, p. 1088). Em resumo, a notação do parâmetro “orientação” envolve quatro passos: descrever a orientação básica das palmas; se necessário, especificar a orientação com o marcador “diagonal”; caracterizar a orientação das palmas em relação ao espaço gestual; e, se necessário, especificar a orientação dos dedos.

Figura 13 – Tipos de movimento

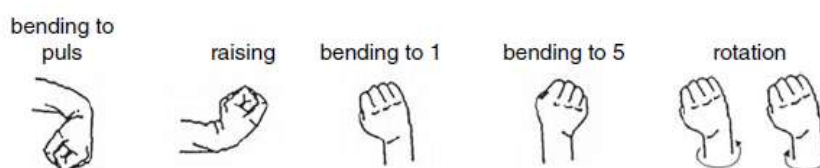


Fonte: Bressem, 2013, p. 1088.

Com relação ao parâmetro “movimento”, três aspectos são considerados separadamente: tipo de movimento, direção do movimento e qualidade do movimento. Em “tipo de movimento”, a forma dos padrões de movimento é descrita. Os tipos básicos de movimento são: movimento reto, movimento arqueado, circular, zigue-zague, linha em S e espiral.

Como destaca Bressem (2013), para movimentos executados pelo pulso da mão, o sistema de notação distingue mais três tipos possíveis — “flexão”, “elevação” e “rotação”.

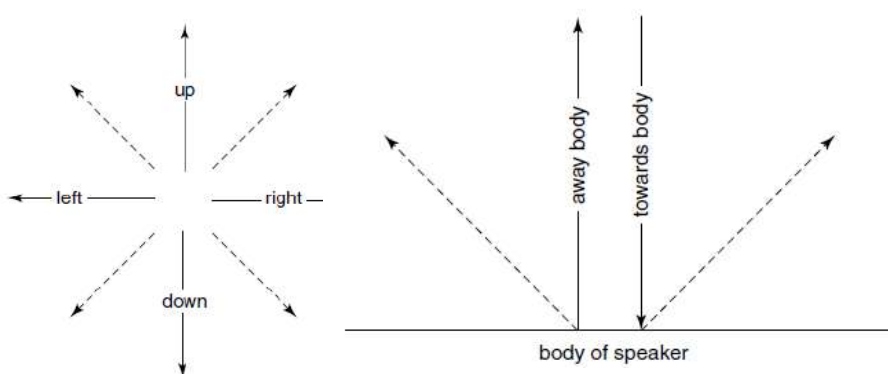
Figura 14 – Tipos de movimento do pulso



Fonte: Bressem, 2013, p. 1089.

O terceiro tipo de padrões de movimento, isto é, movimentos de dedos individuais, é representado de acordo com os tipos de movimento básicos “reto”, “arqueado” e “circular”. Além disso, para a representação dos movimentos executados por todos os dedos de uma mão, são diferenciados “dedos batendo”, “dedos abaixando”, “movimento de pegar” e “fechamento dos dedos”.

Figura 15 – Direções do movimento (eixos vertical, transversal, diagonal e sagital)



Fonte: Bressem, 2013, p. 1090.

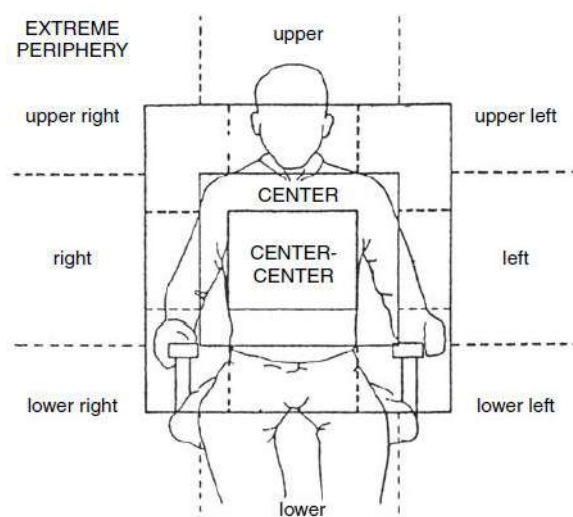
No que se refere à direção, Bressem (2013) esclarece que os movimentos do braço e do ombro, bem como dos dedos individuais, se distinguem em três direções principais: movimentos ao longo do eixo transversal (direita e esquerda, vistos da perspectiva de quem gesticula); movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo); e movimentos ao longo do eixo sagital (para fora do corpo e em direção ao corpo). Essas direções, por sua vez,

ainda podem ser diferenciadas pelo complemento “diagonal” — por exemplo, “diagonal para cima à direita”, que caracterizam movimentos no eixo diagonal. Além disso, um outro aspecto da direção do movimento é considerado, quais sejam os movimentos circulares e espirais. Esses movimentos se diferenciam em “sentido horário” ou “sentido anti-horário”. No caso dos movimentos espirais, se descreve mais detalhadamente a sua direção em relação a um dos quatro eixos.

A seu turno, o parâmetro “qualidade do movimento” abrange outros aspectos dos padrões de movimento, como tamanho (reduzido ou ampliado); velocidade (desacelerada, acelerada); e fluxo do movimento (acentuado) — os quais podem ser combinados na descrição. A autora pontua que esse parâmetro aborda especificamente a marcação dos movimentos. Segundo ela, um movimento é marcado se se destaca em relação a outros movimentos devido a uma saliência particular em relação a uma dessas características qualitativas.

Por fim, em relação à “posição”, Bressemer (2013) explicita que sistema de notação se baseia no conceito de espaço gestual introduzido por McNeill (1992), que divide o espaço gestual “em setores usando um sistema de quadrados concêntricos” (McNeill, 1992, p. 86, tradução livre). Nesse sentido, se distinguem quatro setores básicos, quais sejam, “centro-centro”, “centro”, “periferia” e “periferia extrema”, que são ainda diferenciados de acordo com as características “superior”, “inferior”, bem como “direita” e “esquerda”, como se observa a seguir.

Figura 16 – Espaço gestual



Fonte: McNeill, 1992, p. 89.

Se, no entanto, o pesquisador estiver interessado em uma descrição mais detalhada dos movimentos e posições no espaço, então um modelo tridimensional do espaço gestual (segundo

Fricke 2005, 2007) oferece uma extensão apropriada. Partindo do espaço gestual elaborado por McNeill, Fricke atribui quatro dimensões ao espaço gestual: 0 = corpo do próprio falante; 1 = distância próxima do corpo; 2 = distância média do corpo; e 3 = distância longa do corpo. Segundo Bressem (2013), esse modelo tridimensional do espaço gestual pode explicar a distância da mão em relação ao corpo do falante, mas também envolver a reconstrução de trajetórias de movimento no espaço.

Após a descrição da forma, o sistema indica a identificação de sua motivação, isto é, os processos semióticos básicos envolvidos na sua criação. Como as autoras apontam, pesquisas sobre gestos demonstraram que eles podem: (i) explorar padrões motores de ações cotidianas; (ii) evocar padrões geométricos, esquemáticos ou *gestalts* (círculos, formas ovais, quadrados); (ii) além de fazer uso de estruturas de esquemas imagéticos. Em suas palavras, “o Sistema de Anotação Linguística para Gestos pressupõe, portanto, que nos gestos vemos e experienciamos a base corporificada do significado verbal enquanto falamos” (Bressem, Ladewig e Müller, 2013, p. 1104, tradução livre).

Em relação propriamente aos modos de representação gestual, Bressem, Ladewig e Müller (2013) afirmam que a base do significado gestual é a *mimesis*, exceto quanto apontam. Sendo assim, é possível distinguir duas técnicas básicas pelas quais a *mimesis* gestual é alcançada nos gestos: encenar e corporificar (cf. 3.2.2). Como discutido anteriormente, no modo “encenar”, as mãos agem como se fossem realizar (partes de) uma ação real; já no modo “corporificar” as mãos agem como se fossem elas próprias um objeto — podendo retratar apenas objetos, objetos em movimento, objetos localizados ou direcionados, bem como objetos em relação espacial. Mais além, como os gestos são capazes de representar aspectos de movimento, podem também retratar apenas movimento ou movimento junto com sua trajetória e/ou modo. Já no que diz respeito aos padrões motores, esquemas imagéticos e ações, entre outros, as autoras afirmam que os gestos constituem frequentemente reconstituições de ações mundanas básicas, fundamentando suas ações comunicativas em ações do mundo real. Sendo assim, ao modular os padrões de movimento das ações cotidianas, os gestos criam uma “abstração” das ações do mundo real, tornando-as reconhecíveis como ações simuladas. A base corporal concreta dos gestos, segundo elas, torna-se visível em suas formas, proporcionando “caminhos” metonímicos para identificação das ações cotidianas representadas (Bressem, Ladewig e Müller, 2013).

Como neste trabalho visamos a investigação tanto de usos prototípicos quanto de usos menos prototípicos dos dêiticos locativos, recorreremos à contribuição de Cienki (2017), que, a seu turno, propõe as Diretrizes para Identificação da Metáforas nos Gestos (na abreviação em

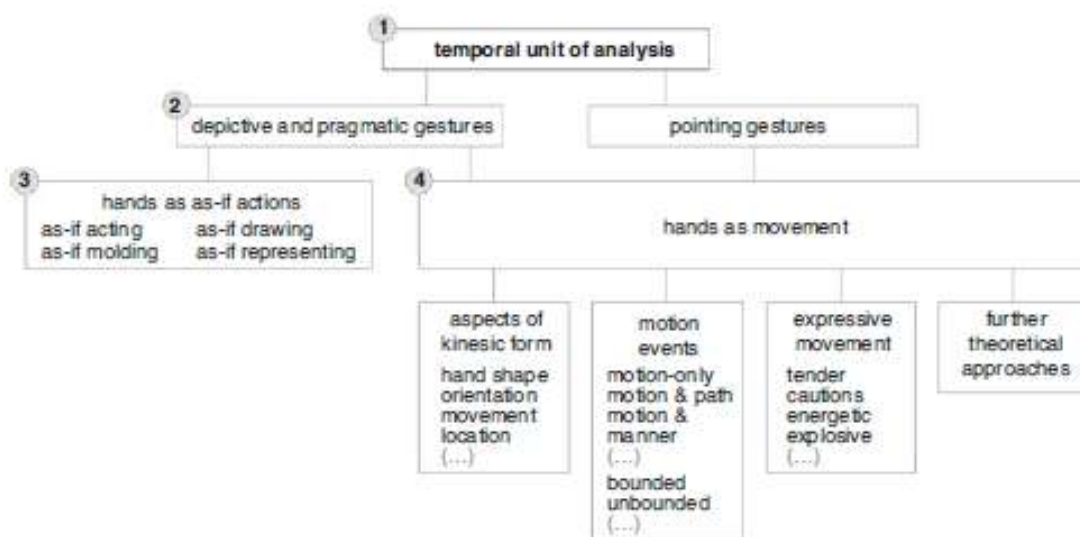
inglês, MIG-G). O MIG-G parte da análise formal dos gestos estabelecida pelo LASG, assim como seus pressupostos teóricos, para a investigação de metáforas verbo-gestuais. Ao todo são sete passos indicados pelo autor, dos quais os dois primeiros, como orientam Bressem, Ladewig e Müller (2013), devem ser realizados com o áudio do vídeo desligado, de forma que o conteúdo semântico da fala não influencie a análise dos gestos.

Desse modo, o primeiro passo consiste na identificação dos núcleos gestuais, isto é, os golpes gestuais a serem analisados. O autor orienta que essa etapa seja cumprida com o vídeo em *slow motion* de modo que a excursão gestual possa ser bem delimitada. O segundo passo, por sua vez, diz respeito à identificação da forma gestual a partir dos quatro parâmetros básicos descritos por Bressem (2013) e discutidos anteriormente, repetidos aqui por conveniência: formato das mãos; orientação das palmas; movimento (tipo, direção e qualidade); e posição espacial do gesto. Como reforça Cienki (2017), “o ato de tornar explícitas as características formais dos gestos estabelece um ponto de partida observável e verificável para as interpretações envolvidas nas etapas seguintes” (p. 139, tradução livre).

A partir do terceiro passo, o áudio do vídeo é ligado e a análise conjunta ocorre, estabelecendo uma inter-relação entre forma e função gestual. As funções gestuais, por sua vez, podem ser distinguidas em (i) referencial; (ii) pragmática ou performativa; e ainda (iii) discursiva, “em que o gesto acompanha a estruturação rítmica ou prosódica da fala, marcando, por exemplo, ênfase” (Avelar e Cienki, 2023, p. 104). Segundo as orientações iniciais descritas por Cienki (2017), em caso de ser identificada a função referencial, o pesquisador deveria seguir para o próximo passo das diretrizes; no entanto, com base em pesquisas realizadas sobre o Português Brasileiro (Pinheiro e Avelar, 2017; Avelar e Ferrari, 2017; Avelar, Ferrari e Pacheco, 2022), Avelar e Cienki (2023) argumentam que gestos que desempenham outras funções também poderiam ser considerados exemplos menos centrais de compósitos verbo-gestuais metafóricos. A proposta passa a ser, então, identificar a função gestual e, na sequência, observar o próximo passo das diretrizes.

O passo seguinte, por sua vez, consiste na identificação dos modos icônicos de representação gestual: encenar, corporificar, segurar/moldar e desenhar (cf. subseção 3.2.2). Além desses quatro modos de representação, Avelar e Cienki (2023), com base em estudos realizados no PB, propõem a inclusão da categoria “apontar”, que, “muito embora não se configure especificamente como representacional, é utilizado para indicar referentes, tanto presentes na cena imediata quanto imaginados em contextos narrativos” (p. 105), distinção também reforçada mais recentemente por Müller (2024), como se observa na figura a seguir.

Figura 17 – Conjunto de ferramentas para análise da forma gestual



Fonte: Müller, 2024, p. 190.

A quinta etapa das diretrizes propostas por Cienki (2017) diz respeito à identificação do referente físico retratado nos gestos (o potencial domínio-fonte da metáfora). Ainda, a partir de pesquisas realizadas sobre o PB, Avelar e Cienki (2023) propõem a categorização de esquemas imagéticos para a padronização das descrições dos referentes físicos nos casos em que os gestos cumprem função referencial, alinhados também à proposta do LASG. Assim, segundo os autores, os esquemas imagéticos gestuais podem ser categorizados do seguinte modo:

- (i) Container/recipient: o gesto demarca um recipiente, por meio de fronteiras moldadas pelas mãos ou da encenação da ação de “colocar/ tirar” algo referenciado na fala; (ii) Objeto: o gesto corporifica ou desenha um referente explicitado na fala; (iii) Círculo: o movimento de rotação dos pulsos realiza a ação de retornar ao estado original e recomeçar, podendo também exercer a função discursiva de marcador de iteração; (iv) Trajetória: o gesto desenha um percurso que vai de um ponto A, demarcado no espaço, a um ponto B, também demarcado no espaço; (v) Superfície: as mãos se movem de modo a demarcar uma superfície referenciada na fala. (Avelar e Cienki, 2023, p. 106).

O sexto e penúltimo passo das diretrizes diz respeito à explicitação do tópico referenciado na fala (o potencial domínio-alvo da metáfora), enunciado em proximidade com o gesto. De acordo com Cienki (2017), se há um referente concreto nos gestos que se correlaciona a um referente abstrato na fala, na sétima e última etapa das diretrizes, deveríamos indicar a opção em que “há metáfora”. Caso ambos os referentes sejam concretos, por outro lado, seria selecionada a opção “não há metáfora”. Avelar e Cienki (2023), no entanto, propõem que a

sétima etapa seja analisada em termos de graus de metaforicidade, considerando a metáfora como processo dinâmico; nesse sentido, as variáveis seriam “baixo”, “intermediário” e “alto”.

Figura 18 – Trilhas no ELAN

Formato das mãos	
Orientação das palmas	[0]
Tipo de movimento	[0]
Direção do movimento	[0]
Qualidade do movimento	[0]
Posição espacial	[0]
Dimensão espacial	[0]
Modo de representação	[0]
Gesto de apontar	[0]
Referente físico retratado	[0]
Tópico contextual	[0]
Grau de metaforicidade	[1]
Transcrição ortográfica	[0]
Tradução	[0]

Fonte: Banco de imagens da autora.

Em síntese, a partir dos procedimentos metodológicos descritos, as trilhas elaboradas para a nossa análise dos dados audiovisuais no ELAN foram: formato das mãos; orientação das palmas; tipo de movimento; direção do movimento; qualidade do movimento; posição espacial; dimensão espacial; modo de representação gestual; gesto de apontar; referente físico retratado no gesto; tópico contextual; grau de metaforicidade; transcrição ortográfica e tradução. Cada trilha teve ligada a si uma série de vocabulários controlados, que constituíram as variáveis de cada parâmetro observado como discutido nesta seção e, no caso dos gestos de apontar e dos modos de representação gestual, detalhado nas subseções 3.2.1 e 3.2.2.

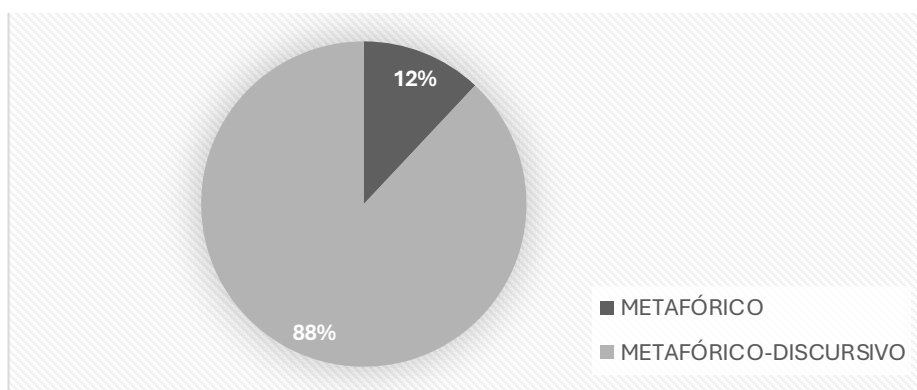
6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, procedemos à análise dos dados verbais e verbo-gestuais no Português Brasileiro e no Inglês Americano. Note-se desde já que, em relação à exposição dos dados audiovisuais, os trechos destacados em **negrito** na transcrição ortográfica da fala correspondem à porção do sintagma em que ocorre o golpe gestual.

6.1 DADOS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Inicialmente, mapeamos, do banco de dados on-line disponibilizado pela plataforma do D&G, uma amostra de 150 dados de uso dos dêiticos locativos “aí”, “ali” e “lá” no Português Brasileiro falado. A partir da análise dos usos, foi possível classificá-los em (i) prototípicos, em que os dêiticos indicam espaços físicos ou objetos localizados no espaço; e (ii) metafóricos, em que os dêiticos manifestam projeções conceituais — ou seja, conceito de espaço é utilizado para estruturar domínios mais abstratos. Em relação aos usos do dêitico “aí”, criamos uma subdivisão dentro dos usos metafóricos: os usos metafórico-discursivos, em que os dêiticos atuam como ferramentas para organização de ideias e fatos em sequência temporal no fluxo discursivo. O gráfico a seguir ilustra as frequências relativas a cada tipo de uso do dêitico “aí”.

Gráfico 1 – Usos do dêitico “aí” em dados verbais



Como se observa, não foram identificadas ocorrências prototípicas do dêitico locativo “aí”. Por outro lado, há uma predominância de usos metafórico-discursivos na amostra analisada, o que se deve à natureza do *corpus*: as entrevistas tinham como objetivo, em maior parte, suscitar dos informantes narrativas de eventos — fossem elas de experiência pessoal ou recontadas — além de relatos de procedimento, o que torna propícia a utilização do dêitico “aí” para a organização temporal dos eventos no discurso. Vejamos alguns exemplos:

(1) (...) **aí** chamei o meu primo pra gente telefonar pra::¹² pra casa... pra alguém chamar o reboque... né? **aí** a gente continuou andando... **aí** foi... por entre os túneis... né?

(2) (...) **aí**... fomos subindo a rua juntos que estava de noite... muito tarde... **aí** chegou na/ no final da rua praticamente ela virou pra mim e perguntou que horas eram... **aí** eu informei as horas a ela... acabei perguntando a ela se não tinha nada pra fazer...

(3) (...) **aí** eu liguei pra casa dele pra/ que ele tinha que me pagar por esse trabalho... (...) **aí** eu “oi... Carlos... aqui é Mônica... tudo bem?” **aí** ele virou pra mim e falou assim “não... tudo mal...” **aí** o que é que eu pensei? eu falei “caramba... ele não gostou do trabalho... saiu uma droga” e tal... **aí** eu “mas tudo mal por quê?” **aí** ele falou assim “não... porque oh... primeiro de tudo... já vou te avisando... que eu/ não deu p/ tempo de ir no banco ((riso))...”

Na ocorrência 1, o informante narra a batida do próprio carro no Túnel Rebouças, no Rio de Janeiro. A sequência dos eventos — o chamado feito ao primo para conseguir um reboque e o fato de que continuaram andando por entre os túneis até a chegada do auxílio — é estruturada metaforicamente por meio do dêitico “aí”, que não atua na indicação de um espaço físico, mas da progressão temporal como marcos sucessivos no espaço discursivo. Em 2, o informante conta a respeito de um encontro que teve, e descreve a sequência dos acontecimentos a partir do uso metafórico-discursivo do “aí”: primeiro subiram a rua juntos; depois, chegaram ao final da rua, quando a acompanhante pergunta sobre as horas; por fim, o informante narra que, ao falar que horas eram, perguntou à acompanhante se ela não tinha mais nada para fazer naquela noite.

Já em 3, a informante descreve, também com o auxílio do dêitico “aí”, o desenrolar de uma ligação a um cliente — inicialmente, entrou em contato com ele para solicitar o pagamento pelo serviço; se apresentou por telefone; ouviu a resposta do cliente e, pelo teor dela, imaginou que ele estava insatisfeito com o serviço; na sequência buscou esclarecimentos e, finalmente, ouviu do cliente o motivo de estar “tudo mal”. Nesses três exemplos, observamos a manifestação de uma concepção do discurso com base no esquema imagético PARTE-TODO, que, segundo Marmaridou (2000), fornece a estrutura para a projeção metafórica de espaço e, por conseguinte, de tempo, sobre o domínio discursivo. Como discutimos anteriormente, uma

¹² De acordo com o D&G, a base para a transcrição das falas foram os “critérios gerais de transcrição adotados pelo Projeto NURC/SP, com algumas adaptações em função da especificidade” do material. Dentro do quadro de marcações utilizadas, “...” representa qualquer tipo de pausa, ao passo que “::” representa qualquer alongamento e “/” o truncamento de sílaba e/ou quebra de sequência.

propriedade desse esquema imagético é que as partes podem ser contíguas umas às outras. Desse modo, vemos o discurso concebido como uma entidade espacial, um todo composto por partes conectadas — a parte do discurso em que o falante se encontra é o centro dêitico; essas partes, por sua vez, são organizadas de acordo com o esquema de ORDEM LINEAR, que motiva a contiguidade como sequência temporal.

Os usos metafóricos, por outro lado — que correspondem a 12% da amostra — manifestam a utilização do conceito de espaço, por meio do dêitico locativo, para a estruturação de outros domínios mais abstratos. Observemos os exemplos a seguir:

(4) (...) ele falou que foi num barco... que tinha um monte de gente importante... que ele/ acho que isso **aí** é mentira... que ele... comeu mui::to... que... que o pai dele... que o pai dele... eh... foi embo::ra... deixou eles lá sozi::nho... foi um monte de coisa... que aconteceu [com ele...]

(5) (...) eu falei “pô... se ele não tivesse criado o homem também não tinha ((riso)) não tinha adiantado nada...” entendeu? e inclusive tinha uma garota na roda falando aqui assim... eh... “você não vê **aí**... já pensou se o mundo fosse” eh... “se... ficasse só as mulheres no mundo? ia ficar” não sei o quê... pa ra rá... eh... dando a entender que ia ser melhor... dando a entender que... que ia ser mais fácil... etc... entendeu?

(6) (...) pessoal ficou conversando... falando... né? com ele... “qual o teu nome... amigo?” per-gun/ perguntando... né? Pedro perguntando pra ele “qual teu nome?” “é Luiz Carlos...” “você estuda Luiz Carlos?” “estudo... estudo...” “então... estuda bastante que você vai ficar rico um dia... estuda que é pra poder... trabalhar e ficar rico...” ele “não... não vou ficar rico não... ficar rico não...” eh... “quem vai ficar rico **aí** são vocês... vocês que são ricos **aí**...”

Na ocorrência 4, o informante reconta a narrativa de um primo que “foi num barco... que tinha um monte de gente importante”, mas aponta que, para ele, isso era mentira. Não vemos, neste caso, um uso metafórico-discursivo do dêitico, como observado em 1, 2 e 3. Identificamos a metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, em que o tópico contextual (a noção de que o primo esteve em um barco com gente importante) é apontado metaforicamente pelo informante, por meio do dêitico “aí”, como se tivesse uma localização espacial, para então dizer que acredita ser uma invenção.

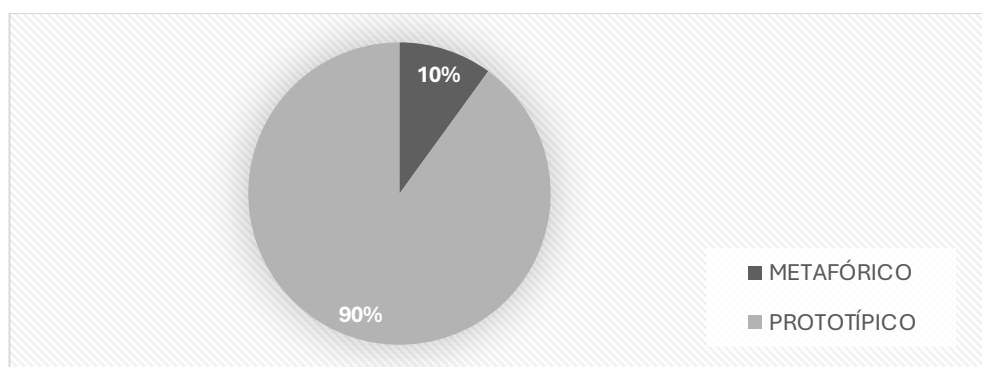
Encontramos um uso semelhante em 5, no qual o informante discorre a respeito de uma discussão que teve. Ao relatar um dos argumentos, narra que foi apresentado da seguinte forma:

“você não vê aí... já pensou (...) se... ficasse só as mulheres no mundo?”. Observamos também nessa ocorrência a metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS, em que o argumento é indicado pela interlocutora como sendo visível ao informante — isto é, possuindo uma localização espacial no ambiente que compartilhavam —, de modo a reforçar sua validade. Tais usos manifestam, portanto, uma utilização metafórica do dêitico locativo, já que não há o apontamento de objetos em espaços físicos, mas a indicação “espacial” de elementos narrativos e argumentos.

A ocorrência seguinte, por outro lado, se relaciona à análise apresentada por Marmaridou (2000). Essa análise diz respeito à concepção de parâmetros sociais em termos de espaço físico, na estruturação metafórica de um “espaço social”. Segundo a autora (cf. subseção 2.2), diferenças de classe social são compreendidas como distância física entre falante e ouvinte. É o que vemos no exemplo 6. Nele, um grupo de jovens de classe média se diverte em um bar no Rio de Janeiro, até que um menino, vendedor ambulante de flores, vai até a mesa deles. Os jovens, então, o orientam a “estudar para ficar rico”, ao que o menino responde: “não... não vou ficar rico não... (...) quem vai ficar rico aí são vocês... vocês que são ricos aí...”. Identificamos nesse uso do dêitico locativo a metáfora CLASSE SOCIAL É LUGAR. O menino, de origem humilde, percebe a diferença social entre ele e os jovens com quem conversa, e indica essa diferença como distância espacial — a riqueza, sendo assim, estaria mais próxima dos seus interlocutores do que de si.

Observemos, agora, os usos relativos ao dêitico “aí” nos dados verbais. O gráfico abaixo indica as frequências de cada tipo de uso na amostra analisada.

Gráfico 2 – Usos do dêitico “aí” em dados verbais



Como se nota, encontramos usos prototípicos — isto é, característicos da função dêitica de localização de objetos no espaço físico ou indicação de lugares —, que são maioria nos dados, e usos que manifestam extensões metafóricas, ou seja, menos centrais. Vejamos alguns exemplos:

(7) (...) eu gosto de ficar muito na/ quando eu vou pra casa da minha avó... na varanda dela... principalmente no verão... **ali**:::... sei lá... é um lugar gostoso... tem plantas... dá um::/ uma (expressão) de paz... é... bem arejada... sabe?

(8) (...) coloco tudo do meu lado **ali**... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre... e do lado tem sempre um espaço... né? pelo menos na/ do trabalho... que ela é grande... eu deixo tudo **ali**...

(9) (...) outro dia eu estava com o meu namorado... na padaria **ali**... da rua do Brizolão... eu vi ele parado assim conversando com os colegas... | E¹³: e ele te reconheceu? | I: reconheceu... ele ficou... olhando assim pra minha cara... eu disfarcei assim... olhei para um lado... olhei pro outro...

Em 7, 8 e 9, temos ocorrências de uso do “ali” em que o dêitico cumpre a função de indicar um lugar ou espaço geográfico. No exemplo 7, a informante descreve um de seus lugares favoritos: a varanda da casa de sua avó, e a indica como um local relativamente próximo dela. Já em 8, a informante descreve seu ambiente de trabalho, dizendo que organiza seus materiais de modo que estejam sempre ao seu alcance — “tudo do meu lado ali”.

Como vimos na discussão a respeito dos pressupostos teóricos que fundamentam este trabalho, na perspectiva da Linguística Cognitiva, a referência não é uma questão de mapeamento direto entre uma expressão e o mundo físico, mas de mapeamento entre a expressão e a nossa conceptualização do mundo (Lakoff, 1988). Em ambos os casos, as informantes indicam lugares físicos por meio do dêitico — a varanda da avó e o ambiente de trabalho —, que, por sua vez, são conceptualizados como relativamente próximos da localização em que se encontram. Em (9), a informante indica por meio do dêitico locativo um espaço geográfico no bairro em que está — “na padaria ali... da rua do Brizolão...” —, no qual viu uma pessoa que conhecia. Também nessa ocorrência temos um uso prototípico da função dêitica, já que um lugar no bairro é apontado por meio do “ali” — isto é, uma localização de certo modo próxima de onde estão a informante e a entrevistadora.

Em usos menos centrais, no entanto, que constituem 10% dos dados, observamos as seguintes ocorrências:

(10) (...) não conseguíamos de forma alguma/ não comia nada... ficamos um... uns dois meses... quase... sem comer nada... os vizinhos que faziam as coisas pra gente... mesmo assim estragava... eu não/ a pessoa falava comigo eu não dava nem muita importância...

¹³ E: Entrevistador. | I: Informante.

eu não estava **ali**/ eh... minha cabeça não estava **ali**... eu não estava acreditando no que:: tinha acontecido...mas agora... dia catorze faz... três anos que... ela faleceu...

(11) (...) a política como um problema muito grande no Brasil... sabe? porque... você passa a não ap/ não confiar mais... pô... nos políticos... não é porque eles prometem mundos e fundos não... sabe? porque eles/ não é nem por eles... poderem dar nada pra você assim diretamente... é porque eles... são pessoas... assim... que não transmitem confiança nenhuma... ou seja... estão sempre envolvidas em roubo... falcattruas... botam alguém aqui pela janela... botam alguém por **ali**... bota pra lá...

(12) (...) são movimentos assim que... requer muita gente... pra fazer uma coisa assim em conjunto pra poder ser ouvido pra pessoas cogitarem na possibilidade de fazer alguma coisa a respeito... né? É mais ou menos por aí... fora isso... são poucos os que se revoltam aqui e **ali**... e no final não faz nada e tem que esperar o próximo presidente entrar... pra... ver o que acontece... né?

Nesses exemplos, observamos usos menos prototípicos do dêitico locativo “ali” — eles não se referem a lugares ou à localização física de objetos, o que os diferenciam das ocorrências 7, 8 e 9. Vemos, por outro lado, a utilização do conceito concreto de espaço para a estruturação metafórica de conceitos mais abstratos. No exemplo 10, a informante relata um período difícil que passou quando um ente querido faleceu. Na descrição da situação, ela conta que, mesmo com as pessoas ao redor buscando ajudá-la, ela não conseguia dar importância para mais nada: “não dava nem muita importância... eu não estava ali”. Identificamos, nesse uso, a metáfora ATENÇÃO É PRESENÇA FÍSICA, o que justifica a utilização do dêitico locativo — isto é, naquele momento e lugar, quando recebia auxílio de vizinhos e amigos, era como se ela não estivesse presente fisicamente, com sua atenção voltada para o falecimento do ente querido: “minha cabeça não estava ali...”. É interessante perceber também que esse período na vida da informante é descrito por ela de modo relativamente próximo pelo uso do dêitico “ali”, e não do “lá”, por exemplo — o que indica a recuperação mais recente no período de luto, que, de acordo com ela, tinha três anos à época.

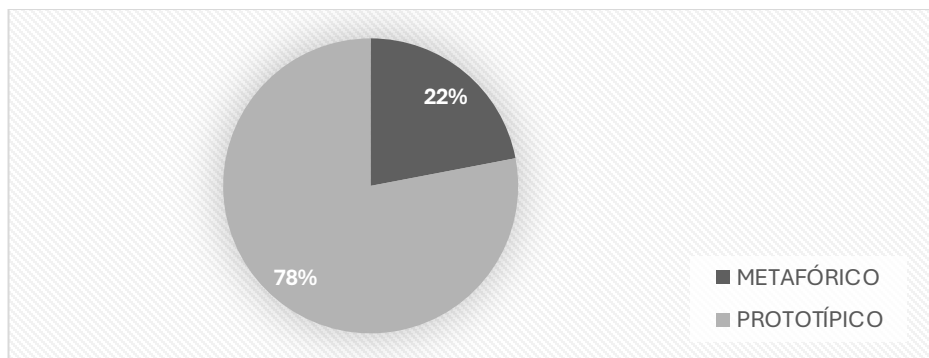
Em 11, por outro lado, o informante discorre a respeito de sua opinião sobre a política brasileira. Em determinado momento, afirma que não se pode confiar em figuras envolvidas com política, já que “estão sempre envolvidas em roubo... falcattruas... botam alguém aqui pela janela... botam alguém por ali... bota pra lá...”. Nesse uso, identificamos a metáfora AGIR COM DESONESTIDADE É SEGUIR POR ATALHOS: por meio do uso do dêitico “ali”, o falante descreve

meios ilícitos de se conquistar cargos e postos de trabalho como atalhos, caminhos mais curtos ou secundários, que se opõem ao esperado.

Nesse sentido, as pessoas beneficiadas pela desonestidade não “entram pela porta”, mas são postas pelos políticos “pela janela, (...) por ali”. Também em 12 o informante compartilha sua opinião política. Seu posicionamento é o de que, para conseguir mudanças efetivas por parte dos políticos, a sociedade deveria se organizar em movimentos homogêneos, “em conjunto”, para que seja ouvida pelos representantes. No entanto, o falante indica que não é isso que acontece no Brasil: “são poucos os que se revoltam aqui e ali...”. Identificamos, nessa ocorrência, a metáfora FALTA DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA É DISPERSÃO ESPACIAL. O informante utiliza a dêixis locativa para indicar o posicionamento disperso da sociedade na cobrança dos seus representantes: os poucos que se revoltam estão “aqui e ali”, sem muita organização entre si.

Sigamos, agora, para as ocorrências do dêitico “lá” na amostra analisada. O gráfico a seguir ilustra as frequências relativas a cada tipo de uso nos dados verbais: prototípico ou metafórico.

Gráfico 3 – Usos do dêitico “lá” em dados verbais



Similarmente ao que observamos nos usos do “ali”, temos uma prevalência de ocorrências prototípicas na amostra, em que o dêitico cumpre sua função locativa no espaço físico/geográfico. Encontramos, entre eles, os seguintes exemplos:

(13) (...) Eu falo gás de cozinha por quê? Porque pra **lá** não se tem ainda gás encanado, é tudo... botijão... treze quilos... e:... e eu falo de... eh:: coisa econômica porque eu vivo num bairro... da Zona Oeste... onde eu/ como diz? Eu via dois mundos... totalmente diferentes... era morar em Santa Cruz... estudar na Gávea...

(14) O que aconteceu comigo foi... quando eu... eu fui viajar... e fiquei **lá** muitos dias... fiquei sentindo falta daqui... que eu queria... estudar:... queria fazer tudo... mas só que...

lá estava chovendo muito... eu não podia nem sair... aí eu queria fazer dever... mas eu estava de férias... por isso que eu queria... vim pra escola... mas só que eu estava **lá** em Vassouras...

(15) (...) aí quando chegou na minha vez... acabou o ingresso... aí eu fiquei sem o ingresso... aí:... ele disse que não era pra mim ficar triste não... que tinha várias pessoas atrás... né? aí ele disse pra mim não ficar triste... porque... ama/ eh... no dia seguinte... ia ser distribuído de novo mas não no campo do Mundial... na rua Camaipi... **lá** na/ no Rio da Prata...

Nas ocorrências acima, observamos a utilização do dêitico “lá” para indicar um lugar distante do falante e do ouvinte, portanto, usos prototípicos da função. No exemplo 13, o informante, ao discorrer sobre os “dois mundos totalmente diferentes” que observava, se refere ao bairro de Santa Cruz por meio do dêitico locativo. A entrevista, que ocorreu na PUC-RJ, no bairro da Gávea, justifica esse uso: onde o informante mora, na Zona Oeste do Rio, não havia gás encanado como na Zona Sul, onde estava concedendo a entrevista. Já em 14, a informante narra o período em que esteve de férias no município de Vassouras, interior do estado do Rio de Janeiro. Novamente, o dêitico “lá” é utilizado para indicar o espaço geográfico que abarca o município, distante da capital, onde a entrevista foi concedida. Em 15, o dêitico locativo é utilizado para apontar a rua em que a nova distribuição de ingressos, que o informante narrava, aconteceria: a Rua Camaipi, “lá na/no Rio da Prata”, portanto, também um lugar distante de onde o falante e o ouvinte estavam localizados durante a entrevista.

Em relação aos usos menos prototípicos, metafóricos, encontramos a noção de lugar distante, característico do dêitico “lá”, sendo utilizada para estruturar outros conceitos. Observemos os seguintes exemplos:

(16) (...) mas você botou alguma música [né?] | I: [botei...] botei uma música **lá**... | E: só que não era a que eles queriam... | I: não... era uma música agitada...

(17) (...) aí o médico olhou e falou que era uma doença **lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia...

(18) (...) o Brasil chega **lá**... mas pra:... haver isso... tem que ter uma conscientiz/ tem que se haver uma consciência... uma consciência... política... econômica... que tem que saber o que que é política...

Em 16, o informante narra uma experiência malsucedida como DJ amador em um desfile no shopping de Campo Grande/RJ. Segundo ele, o deixaram sozinho na mesa de som, e ele não sabia quando pôr a música, nem qual música seria adequada. Ao ser questionado pelo entrevistador se colocou, afinal, alguma música, ele responde: “(...) botei uma música lá...”, que não era a que os organizadores queriam. Identificamos, nesse uso, a metáfora INDEFINIÇÃO É LUGAR DISTANTE, já que, fosse por falta de interesse em lembrar ou falta de vontade em especificar, o falante preferiu não nomear a música, descrevendo-a apenas como “uma música agitada”.

O dêitico “lá”, nesse sentido, é utilizado para fazer referência a ela, caracterizando essa indefinição como um lugar distante do falante (e do ouvinte, o entrevistador, que ficou sem saber qual seria a música). Em nossa experiência física, lugares que estão longe são mais difíceis de ver com clareza, e, portanto, não são tão conhecidos quanto os lugares próximos a nós — o que justifica o uso do dêitico para indicar essa indefinição. Essa mesma metáfora é identificada na ocorrência 17, em que a informante narra uma história de um conhecido, que teve um problema de saúde. Na investigação para descobrir o que seria, a informante conta que o “o médico olhou e falou que era uma doença lá... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia...”.

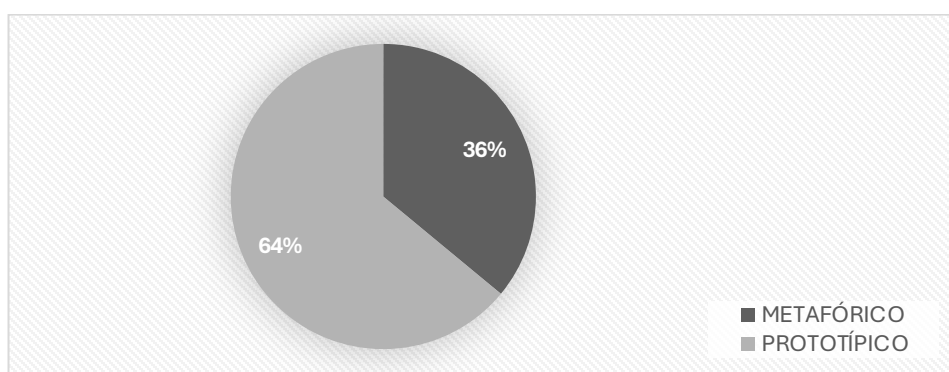
A doença, não especificada por ela na narrativa, é referenciada por meio do dêitico “lá”, indicando a metáfora que discutimos anteriormente — INDEFINIÇÃO É LUGAR DISTANTE. Nota-se também que, em ambas as ocorrências — 16 e 17 —, há no contexto a presença do pronome indefinido “alguma” (“alguma música”, “alguma coisa”), o que reforça essa noção de indefinição evocada pelo uso do dêitico locativo “lá” como lugar distante.

Em 18, por sua vez, o dêitico locativo é utilizado em outra metáfora: ESTADOS SÃO LOCAIS. O informante, ao comentar sobre sua perspectiva a respeito do Brasil, argumenta que, para que chegue a ser um país desenvolvido, “tem que ter uma conscientiz/ tem que se haver uma consciência... uma consciência... política... econômica...”. Segundo ele, o Brasil ainda estaria distante desse desenvolvimento pela falta de consciência política e econômica, mas que um dia “chega lá”. Essa distância entre os estados (de desenvolvimento ou não) a que o informante se refere é apontada por meio do uso do dêitico “lá” — que, mais uma vez, não indica um local fisicamente distante, mas a disparidade entre o estado em que o país se encontrava e o que poderia alcançar, segundo o falante.

6.2 DADOS VERBAIS NO INGLÊS AMERICANO

Na sequência, foram mapeadas e extraídas 50 ocorrências do dêitico locativo “there” no *Corpus of Contemporary American English* (COCA). Após a análise dos dados, classificamos os tipos de uso em (i) prototípicos e (ii) metafóricos, semelhantemente ao que foi encontrado na amostra do Português Brasileiro. No entanto, como demonstra o gráfico a seguir, a frequência de ocorrência de usos metafóricos do “there” é relativamente maior se comparada aos dêiticos no PB, o que se justifica se considerarmos que ele abarca, em inglês, a tripartição existente no PB:

Gráfico 4 – Usos do dêitico “there” em dados verbais



A prevalência, similarmente ao encontrado no PB, é de usos prototípicos, que correspondem a 64% dos dados. Vejamos alguns exemplos que ilustram esse tipo de uso na amostra:

(19) The most powerful thing of all about the site is the void, the sense that **there**, where these incredibly tall, strong buildings stood, is just emptiness now.¹⁴

(20) Last year, there were 64,000 homicides in Brazil. And there’s an epidemic of robberies against people, against banks, drugs. And Brazilians are sick of it. (...) Last night, I visited Brazil’s largest favela, a place called Rocinha. People **there** are very worried (...).¹⁵

¹⁴ Em português: “O mais impressionante de tudo no local é o vazio, a sensação de que ali, onde antes se erguiam edifícios incrivelmente altos e robustos, agora só há vazio.” (tradução livre)

¹⁵ “No ano passado, houve 64 mil homicídios no Brasil. E há uma epidemia de assaltos contra pessoas e bancos, drogas. E os brasileiros estão cansados disso. (...) Ontem à noite, visitei a maior favela do Brasil, um lugar chamado Rocinha. As pessoas lá estão muito preocupadas.” (tradução livre)

(21) I was at the radio show the other day and I was rummaging through my bag to get something, and my home phone was in it, it had fallen in **there**.¹⁶

Como se observa, nas ocorrências 19, 20 e 21, o dêitico “there” cumpre sua função locativa em referência a espaços físicos/geográficos: em 19, o falante descreve o local onde ficavam edifícios robustos nos EUA, e onde hoje há “somente o vazio”; em 20, um repórter norte-americano correspondente no Brasil se refere à Rocinha, onde os moradores estão preocupados; em 21, por sua vez, uma convidada em um programa de rádio diz que, vasculhando sua bolsa, notou que seu telefone havia caído lá dentro. Contudo, assim como também se pôde notar nos dados em PB, usos do dêitico locativo “there” para referência a conceitos mais abstratos também foram encontrados no Inglês Americano, e com maior frequência em relação ao PB. Vamos aos exemplos:

(22) You can not charge a sitting president with criminal wrongdoing, and Mueller followed that authority. He didn’t go **there** in this case.¹⁷

(23) “And I want you **there** in that universe that is absolutely new to me and probably is going to be new, you know, for the spectator, for the public to see you in a completely different context.”¹⁸

(24) He was living with two agendas, both of which had to do with healing, had to do with a solution, first, to abolish slavery, end the war. But he also had his personal life. And there’s darkness in **there**.¹⁹

Em 22, um repórter relata que não é possível acusar um presidente em exercício de um crime, e, por essa lógica, narra a conduta de um membro do governo dos Estados Unidos, Mueller, dizendo que “ele não foi por aí neste caso” (tradução livre). Nesse trecho, a referência não é um caminho no espaço físico, mas um hipotético, que tinha como objetivo a acusação do então presidente — que Mueller não seguiu. Identificamos a metáfora PROCEDIMENTO É TRAJETÓRIA, em que o conceito de espaço, em especial o esquema imagético de TRAJETÓRIA,

¹⁶ “Eu estava no programa de rádio outro dia e estava revirando minha bolsa para pegar uma coisa, e meu telefone estava lá dentro, tinha caído lá.” (tradução livre)

¹⁷ “Não se pode acusar um presidente em exercício de delito criminal, e Mueller seguiu essa autoridade. Ele não foi por aí neste caso.” (tradução livre)

¹⁸ “E eu quero você lá nesse universo que é absolutamente novo para mim e provavelmente será novo, você sabe, para o espectador, para o público, ver você em um contexto completamente diferente.” (tradução livre)

¹⁹ “Ele vivia com dois objetivos, ambos relacionados à cura, à busca de uma solução: primeiro, abolir a escravidão e acabar com a guerra. Mas ele também tinha sua vida pessoal. E havia escuridão lá.” (tradução livre)

é utilizado para a conceptualização de um procedimento que teria como objetivo (ou destino) a acusação do presidente em exercício, o que não aconteceu.

Já em 23, um ator relata as palavras de um diretor a respeito de sua vontade em contar com ele em um projeto no cinema, que se tratava de algo “absolutamente novo” para ele. Ao se referir a esse novo e diferente contexto, o ator narra que o diretor se expressou da seguinte forma: “eu quero você lá nesse universo” (tradução livre). Nessa ocorrência, identificamos a metáfora UNIVERSO FICCIONAL É LUGAR, em que uma obra cinematográfica é concebida como um lugar delimitado no espaço — no qual, por extensão, o ator pode estar.

Por fim, no exemplo 24, um diretor de cinema discorre sobre a história de um dos presidentes dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, que, de acordo com seu relato, possuía dois objetivos — abolir a escravidão e acabar com a guerra. No entanto, tinha também a sua vida particular, e, segundo o diretor, “havia escuridão lá”. Essa referência se deu em resposta à pergunta da entrevistadora, que questiona a respeito do “Lincoln taciturno e deprimido”. Identificamos, assim, a metáfora VIDA PESSOAL É LUGAR. A intimidade de Lincoln é referida também como um lugar delimitado por meio do dêitico locativo “there”, distinto do espaço reservado à sua atuação pública no combate à escravidão e à guerra. Esse lugar, por sua vez, era escuro, o que se relacionaria à sua personalidade taciturna e deprimida. Não se trata, desse modo, de uma referência a um espaço físico e sem iluminação, mas a um aspecto que compõe a personalidade de Lincoln e, por meio de elementos do domínio-fonte, é estruturado pelo diretor como um lugar escuro e sem luz.

6.3 DADOS VERBO-GESTUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Na segunda etapa da pesquisa, visto que foi possível identificar diferentes tipos de uso dos dêiticos locativos nos dados verbais (prototípicos e metafóricos) em ambas as línguas, procedemos à coleta de dados em vídeo para a análise das ocorrências verbo-gestuais tanto em contextos nos quais os dêiticos atuam em sua função locativa, indicando espaços físicos e objetos no espaço, quanto em contextos mais abstratos, que consistem, como vimos, em extensões metafóricas do seu significado central. Discutiremos inicialmente os dados de uso prototípicos dos três dêiticos do PB: aí, ali e lá. Na subseção 6.3.2, analisaremos seus usos metafóricos.

6.3.1 Usos prototípicos

Coletamos 10 dados de usos prototípicos de cada dêitico no PB, totalizando 30 dados nas amostras. Para a análise das ocorrências verbo-gestuais, aplicamos o Sistema de Anotação Linguística para Gestos (Bressem, Ladewig e Müller, 2013) e as Diretrizes para Identificação de Metáfora nos Gestos (Cienki, 2017), com o auxílio do *software* ELAN (cf. subseção 5.3). Foram descritos todos os parâmetros de análise da forma gestual e identificação de sua função. Para a discussão empreendida aqui, contudo, focalizamos em dois aspectos específicos: a ocorrência dos “gestos de apontar”, característicos da dêixis locativa, e da dimensão do espaço gestual, a fim de observar possíveis variações na tripartição existente no PB. Sendo assim, vamos à discussão dos dados.

A tabela 1 a seguir demonstra a frequência dos gestos de apontar encontrados na amostra do dêitico “aí”:

Tabela 1 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “aí”

GESTO DE APONTAR	FREQUÊNCIA
Dedo Indicador Estendido Neutro	4
Mão Aberta Oblíqua	2
Mão Aberta Neutra	2
Dedo Indicador Estendido Pronado	1
Mão Aberta Pronada	1

Como se observa, há uma prevalência relativa do Dedo Indicador Estendido Neutro em usos prototípicos do dêitico “aí” nos dados analisados. Em relação à dimensão do espaço gestual, encontramos o seguinte:

Tabela 2 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “aí”

DIMENSÃO DO ESPAÇO GESTUAL	FREQUÊNCIA
2 = Distância média do corpo	7
3 = Distância longa do corpo	3

A maior parte dos gestos analisados, portanto, ocorre a uma distância média do corpo do falante — o que era previsto, já que o dêitico “aí”, prototipicamente, indica um espaço próximo ao ouvinte. Vejamos alguns exemplos. Em 25, um repórter vai até a casa da família que seria entrevistada por ele, e, ao ser recebido pelo pai da criança — que buscava cura para uma doença rara —, pergunta pela esposa, a mãe:

(25) A esposa também tá aí? A gente pode entrar pra falar um pouquinho com vocês?

Ao fazer o questionamento, aponta com o Dedo Indicador Estendido Neutro para a casa — o lugar a que ele se refere, como demonstra a figura 18 a seguir.

Figura 19 – Exemplo 25



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

O gesto acontece a uma distância média do corpo, e está alinhado às observações de Kendon (2004): esse gesto de apontar é utilizado, em maior parte, quando a intenção do falante é indicar o referente de modo particular, o colocando em proeminência na cena. Quando é de orientação neutra, o autor afirma que, em geral, o gesto vem acompanhado por um comentário sobre o referente. Como acontece nessa ocorrência, vemos que o repórter faz outra pergunta na sequência, pedindo para conversar com os moradores que estão dentro da casa.

Figura 20 – Exemplo 26



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

No exemplo 26, observamos novamente o gesto de apontar com o Dedo Indicador Estendido Neutro, prevalente na amostra. Na ocorrência em questão, um repórter descreve o espaço de um abrigo para animais abandonados:

(26) Já do lado de cá, **bem aí em cima**, ficam aqueles que precisam de um pouquinho mais de atenção.

O gesto ocorre simultaneamente à fala “bem aí em cima”, e, semelhantemente ao exemplo 25, vem seguido de um comentário a respeito do referente, também de acordo com a análise proposta por Kendon (2004): naquele local, estavam os animais que requeriam maiores cuidados.

No que diz respeito aos gestos prototípicos em usos do dêitico “ali”, encontramos a frequência a seguir:

Tabela 3 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “ali”

GESTO DE APONTAR	FREQUÊNCIA
Dedo Indicador Estendido Pronado	5
Dedo Indicador Estendido Neutro	4
Dedo 3 Estendido Neutro	1

Prevalecem os gestos de apontar com o Dedo Indicador Estendido, com superioridade, na amostra, da orientação de palma para baixo (dedo pronado). Quanto à dimensão do espaço gestual, temos:

Tabela 4 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “ali”

DIMENSÃO DO ESPAÇO GESTUAL	FREQUÊNCIA
3 = Distância longa do corpo	9
2 = Distância média do corpo	1

É de se observar que, mesmo indicando, a princípio, um espaço próximo ao falante e ao ouvinte, há uma preponderância de gestos a uma distância longa do corpo do falante, não média. Ao que a análise da amostra indica, existe uma distinção no espaço gestual mais evidente no PB entre o dêitico “aí”, de um lado, e os dêiticos “ali” e “lá”, de outro, como veremos adiante.

No exemplo 27, a seguir, o repórter está na base aérea do Galeão.

(27) **Por aquela guarita ali** passou agora há pouco o primeiro caminhão com a primeira parte das doses (...).

O gesto de apontar é feito com o Dedo Indicador Estendido Pronado, isto é, com a palma para baixo, a uma distância longa do corpo — colocando em proeminência a localização da guarita, o referente físico.

Figura 21 – Exemplo 27



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Já na ocorrência abaixo, o repórter discorre a respeito da apreensão de uma tonelada de cigarros. Ele aponta para a fronteira do país com o Dedo Indicador Estendido Neutro, comentando a respeito da falta de recolhimento de impostos sobre as mercadorias contrabandeadas que foram apreendidas:

(28) Uma das principais portas de entrada dos cigarros fabricados **ali no Paraguai** (...).

Figura 22 – Exemplo 28



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

O gesto acontece a uma distância longa do corpo do falante, quase com o braço completamente esticado, o que corrobora a distinção que observamos entre os usos do “aí” e do “ali”.

Quando analisamos os gestos prototípicos de usos do dêitico locativo “lá”, vemos uma semelhança com o dêitico “ali” em relação à dimensão do espaço gestual — ambos são

predominantemente distantes do corpo do falante. No entanto, como demonstra a Tabela 5, a seguir, mais da metade da amostra de uso do “lá” consiste de gestos de apontar com o Dedo Indicador Estendido Pronado:

Tabela 5 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “lá”

GESTO DE APONTAR	FREQUÊNCIA
Dedo Indicador Estendido Pronado	6
Dedo Indicador Estendido Neutro	2
Dedo Indicador Estendido Supinado	1
Dedos 2–3 Estendidos Neutros	1

Tabela 6 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “lá”

DIMENSÃO DO ESPAÇO GESTUAL	FREQUÊNCIA
3 = Distância longa do corpo	10

A prevalência de gestos a uma distância longa do corpo também havia sido prevista, já que o dêitico locativo “lá” indica um lugar distante do falante e do ouvinte. Observemos alguns exemplos:

Figura 23 – Exemplo 29



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Na ocorrência 29, um repórter relata a respeito do perigo de rompimento de uma barragem, que fica a alguns metros da comunidade em que ele se encontra.

(29) A barragem **fica lá em cima** daquele morro (...).

O gesto dêitico acompanha a fala, com movimento retilíneo, Dedo Indicador Estendido Pronado, a uma distância longa do corpo. Uma diferença em relação aos gestos encontrados no

uso do dêitico “ali” é que, no caso do “lá”, o braço é totalmente estendido, e não parcialmente, como observamos nos exemplos 27 e 28. Esse tipo de gesto de apontar tem como objetivo principal colocar o referente em proeminência na cena, o que está de acordo com o fato de, no uso prototípico do dêitico “lá”, o referente estar distante do falante e do ouvinte — daí a necessidade de ser colocado em evidência na cena por meio do gesto dêitico.

Encontramos uma ocorrência que corrobora essa análise no exemplo 30 a seguir. Nele, o repórter discorre a respeito de um problema identificado em uma represa.

(30) Especialistas da Universidade Federal de Ouro Preto descobriram que o problema estava **lá, naquele bloco de cimento** (...).

Ele aponta com Dedo Indicador Estendido Pronado, colocando o referente distante em destaque — inclusive com o auxílio do *zoom* pelo cinegrafista, como também ocorre no exemplo 29. O gesto, mais uma vez, acontece a uma distância longa no corpo, com o braço completamente esticado, como se observa na figura 23.

Figura 24 – Exemplo 30



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

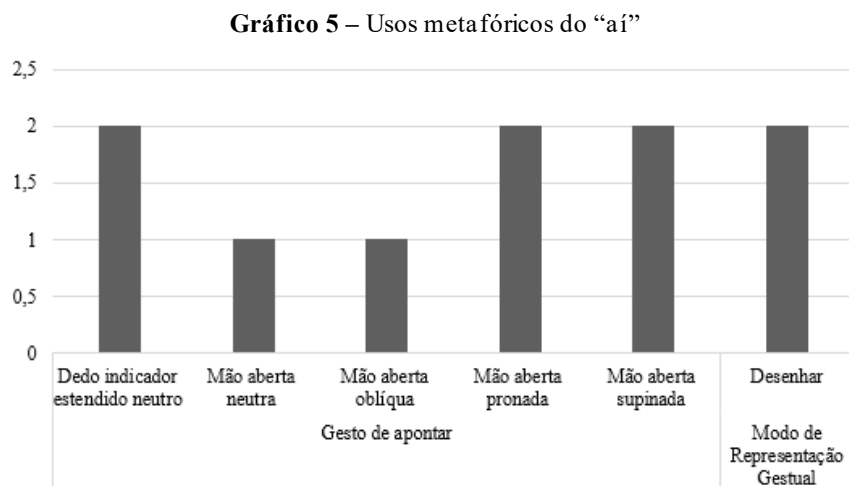
Em usos metafóricos, no entanto, além dos gestos de apontar, encontramos também diferentes modos de representação gestual. Passemos, agora, à sua análise.

6.3.2 Usos metafóricos

No que se refere à análise dos usos metafóricos, seguimos igualmente os parâmetros propostos pelo Sistema de Anotação Linguística para Gestos (Bressem, Ladewig e Müller, 2013) para descrição de sua forma, assim como as Diretrizes para Identificação de Metáfora nos Gestos, elaboradas por Cienki (2017) e discutidas em detalhes na subseção 5.3. Em especial,

buscamos observar a frequência relativa entre os gestos de apontar e os modos de representação gestual encontrados nos usos metafóricos, assim como, posteriormente, descrevê-los — isto é, identificar os tipos de gesto de apontar e os modos de representação gestual que ocorreram nas amostras do Português Brasileiro, para na sequência compará-los aos dados em inglês.

Começamos pela análise dos dados de uso metafóricos do dêitico locativo “aí”. Na amostra observada, encontramos a seguinte frequência em relação aos gestos de apontar e modos de representação gestual:



Como se observa, para além de gestos de apontar encontrados em usos prototípicos, também prevalentes em usos metafóricos do “aí”, ocorre o modo de representação gestual “desenhar”, descrito por Müller (1998a, 1998b, 2014). As ocorrências, a seguir, ilustram os resultados encontrados.

No exemplo 31, uma repórter meteorologista apresenta as previsões do tempo ao público.

Figura 25 – Exemplo 31



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Em certo momento, ela anuncia:

(31) Falando agora **do que vem por aí**: teremos dias de pouca chuva pelo país, com manhãs frias no centro-sul e tardes amenas nessa mesma área.

Com a Mão Aberta Pronada, ela indica o espaço à frente, referindo-se ao que “vem por aí”. Observamos nesse exemplo a ocorrência da metáfora espaço-temporal nas duas modalidades — fala e gesto. O gesto, no entanto, é breve e não é colocado em proeminência, o que caracteriza um grau de metaforicidade intermediário. As metáforas espaço-temporais, como veremos nesta subseção, foram muito frequentes nas amostras analisadas — o que reflete o modo pervasivo como o conceito de espaço é utilizado pelos falantes para estruturar a noção mais abstrata de tempo. Como metáforas primárias, isto é, que possuem correlação na experiência cotidiana, é possível observar sua manifestação constante na fala e nos gestos, seja em gestos de apontar prototípicos da função dêitica ou de outros modos de representação gestual, como será discutido mais adiante. É interessante destacar também o tipo de gesto de apontar utilizado pela falante: segundo Kendon (2004), a Mão Aberta Pronada é utilizada de modo especial quando o referente deve ser considerado pelo ouvinte em sua extensão espacial, ou quando vários objetos estão sendo apontados de uma vez. De modo congruente com essa observação, os dias que viriam, com suas manhãs frias e tardes amenas, são indicados metaforicamente pelo gesto como um mesmo conjunto.

Além da Mão Aberta Pronada, houve também uma prevalência relativa do gesto de apontar com a Mão Aberta Supinada, como é o caso do exemplo a seguir. Na ocorrência 32, um jornalista discorre a respeito das movimentações políticas para as próximas eleições presidenciais no Brasil. A certa altura, ele declara:

Figura 26 – Exemplo 32



Fonte: *YouTube*

(32) O Flávio, com esse discurso, ele tem/ ele pacifica o pessoal mais próximo do Bolsonaro, **e a partir daí** você busca a unificação, a unidade da direita (...).

Com a palma voltada para cima, ele aponta o período no tempo indicado pelo dêitico locativo — “a partir daí” —, com grau de metaforicidade intermediário. A metáfora espaço-temporal ocorre concomitantemente na fala e no gesto, sem que, no entanto, o gesto seja colocado em proeminência. A mão direita se abre, como a mostrar o que aconteceria após a suposta pacificação promovida pelo possível candidato, tópico da discussão. No que diz respeito a esse gesto de apontar específico, Kendon (2004) salienta que nele está envolvido a ação de apresentar, relacionando-se à intenção do falante de que o referente seja observado ou considerado pelo ouvinte de um modo específico. No exemplo 32, o referente — “a partir daí [no futuro]” — é descrito pelo jornalista como um período de “unificação” a ser buscada.

Já nos exemplos 33 e 34, temos ocorrências de usos metafórico-discursivos, identificados igualmente nos dados verbais analisados (cf. subseção 6.1). No exemplo a seguir, uma repórter discorre sobre a necessidade de que os júris de um processo fossem refeitos:

(33) Mas em 2018, o Tribunal de Justiça de São Paulo anulou os julgamentos, porque entendeu que a decisão dos jurados contrariava as provas nos autos; **aí**, haveria a necessidade de que os júris fossem feitos novamente.

Figura 27 – Exemplo 33



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

A falante aponta, ao enunciar o dêitico locativo, com o Dedo Indicador Estendido Neutro para a frente, que metaforicamente indica a sequência dos eventos temporais reportados a partir do esquema imagético de ORDEM LINEAR. Ao serem anulados os julgamentos, posteriormente — “aí” — os júris deveriam ser refeitos. Identificamos um grau intermediário de metaforicidade, haja vista que a metáfora é manifestada na fala e no gesto simultaneamente, não sendo colocada em proeminência nem pela prosódia nem por extensão ou ênfase no

movimento gestual. O referente é apontado brevemente como um local no espaço físico à frente, indicando o desdobramento sequencial dos eventos narrados.

No exemplo 34, no entanto, não observamos um gesto de apontar acompanhando o dêitico na fala, mas o modo de representação gestual “desenhar”, bastante comum nas amostras — como veremos no desenvolvimento desta análise. Na ocorrência em questão, um jornalista narra os prejuízos causados aos trabalhadores por conta de horários irregulares na partida dos trens. Ele destaca:

(34) Passageiros contam que levaram até uma hora pra conseguir embarcar, e aí, quem tava indo pro trabalho teve que avisar que ia chegar atrasado.

Concomitantemente à porção “e aí” na fala, os dedos desenham uma linha no ar, que se estende à esquerda do falante, indicando a progressão dos eventos reportados: houve inicialmente o atraso de uma hora nos transportes, e, depois, quem estava a caminho do trabalho precisou avisar que chegaria mais tarde. A passagem do tempo é, portanto, indicada metaforicamente pelo gesto com base no esquema imagético de TRAJETÓRIA, que ilustra sua progressão no espaço transversal, com grau de metaforicidade intermediário.

Curiosamente, vemos nesta ocorrência a conceptualização da passagem do tempo à esquerda do falante, o que pode indicar uma mudança de ponto de vista, já que, pela perspectiva do espectador, o desenho da linha temporal segue a lógica das convenções ocidentais de escrita e calendário — da esquerda para a direita. Um exemplo similar foi identificado entre os usos metafóricos do dêitico “ali”, que discutiremos na sequência.

Figura 28 – Exemplo 34

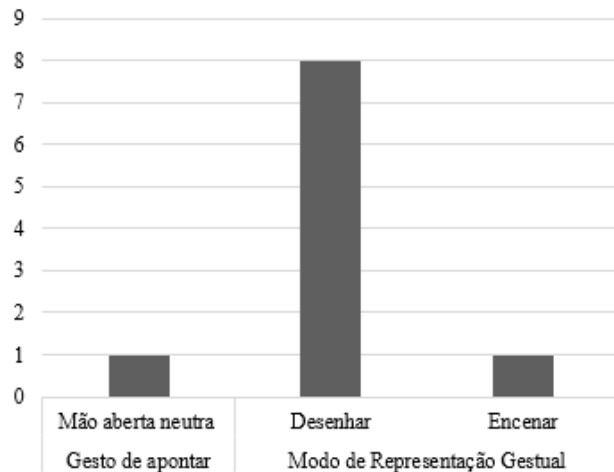


Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Na amostra analisada dos usos metafóricos do dêitico “ali”, identificamos as ocorrências ilustradas pelo gráfico a seguir. Há uma prevalência do modo de representação gestual “desenhar”, também identificado em usos metafóricos do dêitico “aí”, como observado anteriormente. Nessas ocorrências, o falante traça uma linha no ar com o gesto, geralmente no

eixo transversal, com base no esquema imagético de TRAJETÓRIA. Esse esquema imagético é bastante frequente nos usos metafóricos dos dêiticos locativos, acompanhados, em maior parte, por metáforas espaço-temporais nas amostras.

Gráfico 6 – Usos metafóricos do “ali”



Passemos à análise. No exemplo 35, uma participante do *reality show* brasileiro “A Fazenda” discorre sobre acontecimentos que se deram durante o confinamento. Em determinada altura da entrevista, ela fala a respeito do alerta que recebeu em relação à conduta de um dos participantes:

(35) Então dali eu comecei a observar; dali eu comecei a enxergar algumas coisas.

Figura 29 – Exemplo 35



Fonte: *YouTube*

Ela traça uma linha que vai da esquerda para a direita, repetindo o movimento a partir da mesma repetição do dêitico “ali” na fala. Identificamos um grau de metaforicidade alto nessa ocorrência, haja vista que, durante a entrevista, a menção a esse evento vem sempre acompanhada pela metáfora espaço-temporal — em trecho anterior, ela aponta para a esquerda quando se refere ao momento exato em que foi alertada. Esse momento é conceptualizado como

um local fixo à esquerda, enquanto a passagem do tempo, assim como a sua mudança em relação ao participante em questão, é concebida como um deslocamento no espaço, resultando em uma “linha temporal”, desenhada transversalmente pelo gesto.

No exemplo 36 também observamos uma ocorrência em que o gesto desenha uma linha no eixo transversal, a partir do esquema imagético de TRAJETÓRIA.

(36) Os funcionários da companhia avisaram que não havia espaço mais para bagagens de mão dentro da cabine, e que **dali em diante** os próximos passageiros que fossem embarcar teriam que voluntariamente despachar a mala.

Figura 30 – Exemplo 36



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

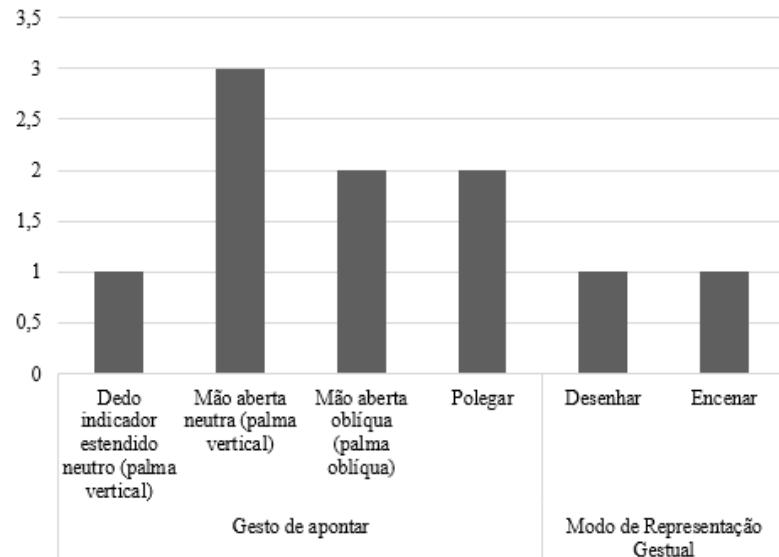
Concomitantemente à porção da fala que contém o dêitico locativo — “dali em diante” —, a entrevistada faz um movimento para a esquerda, referindo-se igualmente à progressão dos eventos temporais como um deslocamento no espaço, isto é, “dali” do momento em que não havia mais lugar para bagagens de mão na cabine, para a necessidade de os próximos passageiros despacharem suas malas.

Nesta ocorrência, assim como no exemplo 34, a passagem do tempo é conceptualizada para a esquerda. Pela perspectiva do entrevistador e do espectador, no entanto, o desenho da linha temporal, assim como a trajetória da passagem do tempo, é congruente com as convenções ocidentais (da esquerda para a direita), o que ratifica a possível mudança de ponto de vista, por parte do falante, manifestada pelo gesto.

Passemos agora ao gráfico que sintetiza os resultados encontrados na análise dos usos metafóricos do dêitico locativo “lá”. Nota-se uma predominância de gestos de apontar com Mão Aberta Neutra em relação aos outros tipos observados, diferentemente do que foi encontrado em usos prototípicos, que privilegiaram os gestos de apontar com Dedo Indicador Estendido. No que diz respeito aos modos de representação gestual, temos uma ocorrência de “desenhar” e uma ocorrência de “encenar”. Os gestos de apontar com o dedo estendido colocam o referente em proeminência, como já discutido anteriormente. No caso dos usos metafóricos do “lá”, no

entanto, a preferência recai no gesto de apontar com a mão aberta, que relaciona o referente ao tópico central do discurso.

Gráfico 7 – Usos metafóricos do “lá”



Observemos essa diferença no exemplo 37, em que um entrevistado discorre sobre a descoberta de um câncer maligno.

Figura 31 – Exemplo 37



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Em determinado momento, ele diz:

(37) Se eu fosse ao médico uma vez ao ano, fazer aquele— sabe, aquele “basicão”, eu tinha descoberto **lá atrás**, antes dele virar um câncer maligno.

Simultaneamente à ocorrência da porção “lá atrás” na fala, a mão aberta aponta para o espaço à esquerda do falante, indicando o período do tempo passado — uma manifestação da metáfora geral TEMPO É ESPAÇO, com grau de metaforicidade intermediário. A metáfora

coocorre na fala e no gesto, mas não há elaboração ou destaque no trecho analisado. O gesto, assim, não indica um espaço físico, mas a conceptualização do passado como um lugar no espaço (nesse caso, à esquerda). Gestos de apontar com a mão aberta, como salienta Kendon (2004), não têm como objetivo indicar o lugar ou objeto como foco primário do discurso, mas como algo relacionado ao tópico, que, portanto, deve ser considerado pelo ouvinte, como é o caso nesta ocorrência.

Contudo, além dos gestos de apontar, encontramos dois modos de representação gestual: desenhar e encenar. No exemplo 38, a seguir, um repórter apresenta a história do Brasil na modalidade de vôlei de praia nos Jogos Pan-Americanos:

(38) (...) A modalidade faz parte dos Jogos Pan-Americanos desde 1999; **de lá pra cá** foram disputadas cinco edições (...).

Figura 32 – Exemplo 38



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Simultaneamente à fala “de lá pra cá”, ele traça com a ponta dos dedos uma linha que vai da esquerda — o passado, em 1999 — à direita, o momento em que se encontrava. Não se trata, portanto, de um gesto de apontar prototípico da dêixis locativa, mas o modo de representação gestual “desenhar”, em que o esquema imagético de TRAJETÓRIA mais uma vez motiva a representação, e constitui a conceptualização do tempo como uma “linha”, que vai da esquerda à direita, congruente com a direção da escrita no Ocidente, como discutido anteriormente. Identificamos, nessa ocorrência, um grau de metaforicidade também intermediário, em que a metáfora se manifesta em duas modalidades ao mesmo tempo, sem, contudo, ser elaborada ou posta em evidência no decorrer do discurso.

O exemplo a seguir traz uma meteorologista apresentando a previsão do tempo para o mês seguinte. Ela diz:

(39) **E lá pro finalzinho do mês de julho**, uma chuvinha já começa a aparecer (...).

Nessa ocorrência, não se identifica um gesto de apontar, mas o modo de representação gestual “encenar”. As mãos — especialmente a mão direita — atuam como se estivessem empurrando um objeto para a direita, para o “o finalzinho do mês de julho”.

Figura 33 – Exemplo 39



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

O tópico contextual, neste caso, eram as chuvas previstas para o mês. Observamos, portanto, o dêitico estruturando novamente a conceptualização de tempo como espaço. Identificamos um grau de metaforicidade alto, já que, enquanto na fala há a manifestação da metáfora espaço-temporal, o gesto elabora essa conceptualização “empurrando” o tempo de chuva para o final do mês, que se encontraria metaforicamente à direita.

6.4 DADOS VERBO-GESTUAIS NO INGLÊS AMERICANO

6.4.1 Usos prototípicos

Procedemos à análise dos dados de uso prototípicos no Inglês Americano assim como havia sido feito nas amostras do Português Brasileiro, isto é, buscamos observar os padrões gestuais — em especial os tipos de gesto de apontar — e a dimensão do espaço gestual. Pretendemos investigar se haveria uma variação maior nos tipos de gesto em ocorrências semelhantes ao PB. Além disso, analisamos a variação na dimensão do espaço gestual, já que, a princípio, o uso do “there” em inglês englobaria a tripartição existente no PB (“aí”, “ali” e “lá”). Os resultados a que chegamos foram os seguintes:

Tabela 7 – Gestos de apontar em usos prototípicos do “there”

GESTO DE APONTAR	FREQUÊNCIA
Mão aberta neutra (palma vertical)	4
Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)	2
Mão aberta pronada (palma para fora)	2
Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)	1

Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)	1
--	---

É de se destacar que, na amostra analisada do Inglês Americano, há uma preferência por gestos de apontar com mão aberta, com distinções a respeito da orientação — prevalece a Mão Aberta Neutra.

Tabela 8 – Dimensão do espaço gestual em usos prototípicos do “there”

DIMENSÃO DO ESPAÇO GESTUAL	FREQUÊNCIA
3 = Distância longa do corpo	6
2 = Distância média do corpo	4

Interessantemente, a dimensão do espaço gestual demonstrou um equilíbrio maior em relação aos resultados do PB: 60% dos gestos ocorreram a uma distância longa do corpo, enquanto 40% a uma distância média, o que indica a codificação, por meio do gesto, da especificação que existe no PB por meio de três dêiticos distintos.

No exemplo 40 a seguir, um repórter americano está cobrindo uma tragédia que ocorreu em Seul, na Coreia do Sul.

Figura 34 – Exemplo 40



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Ao citar a entrada do local onde a tragédia aconteceu, ele diz:

(40) (...) **And over there is the entry way to this little alley way** (...) ²⁰.

O gesto que acompanha a fala tem como forma a Mão Aberta Neutra, predominante nos dados, a uma distância longa do corpo, com o braço totalmente estendido.

²⁰ “E lá está a entrada para esse pequeno beco (...)” (tradução livre)

Como Kendon (2004) salienta, nos gestos de apontar com a mão aberta — em qualquer variedade, seja neutra, supinada, oblíqua ou pronada — o falante não indica o objeto como foco principal ou tópico do discurso, assim como ocorre com os gestos de apontar com o dedo estendido; na verdade, o referente é indicado como relacionado ao tópico central. Em outras palavras, é esse tipo de gesto de apontar utilizado quando o falante deseja que o ouvinte observe ou considere o referente porque, de certo modo, ele se conecta ao tópico principal do discurso. Na ocorrência em questão, a entrada do beco, apontada com a mão aberta pelo falante, se relaciona ao início do local onde a tragédia, o tópico central da reportagem, aconteceu.

No exemplo 41, no entanto, temos uma ocorrência do gesto de apontar com Dedo Indicador Estendido Pronado (palma para baixo). Como indica a figura 34, a repórter está cobrindo o evento de Ano-Novo na *Times Square*, onde se concentram muitas pessoas, aguardando a apresentação de diversas atrações. Em certo momento, ela se dirige a uma espectadora que se encontra na grade de proteção, e diz:

(41) I caught you a minute ago. You were taking a nap **right there**. Why?²¹

Figura 35 – Exemplo 41



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

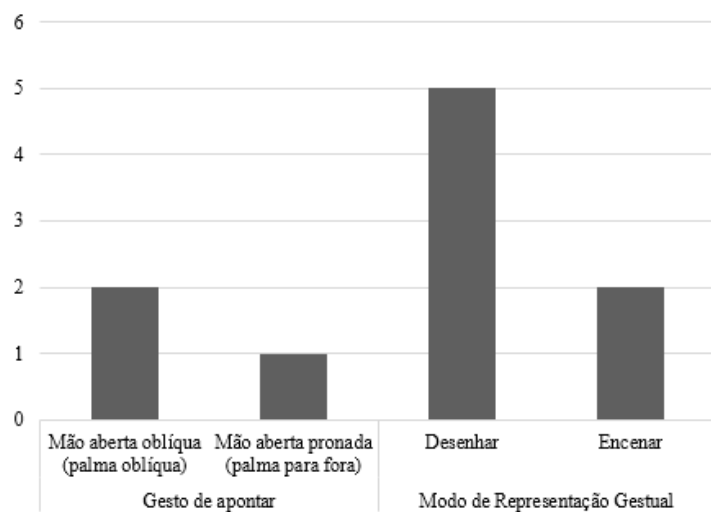
O gesto acontece a uma distância média do corpo, e tem como objetivo pôr em proeminência o local exato onde a repórter havia surpreendido a espectadora, bem próximo de onde ela estava no momento da entrevista. Observamos, portanto, a variação codificada nos gestos a depender da localização do referente, mesmo com o uso do “there” sendo comum a todos eles — por vezes, acompanhado do termo “right”, quando mais próximo, e do termo “over”, quando mais distante. Passemos, agora, à discussão dos dados de uso metafóricos do dêitico locativo em questão no Inglês Americano.

²¹ “Eu te surpreendi há um minuto. Você estava tirando um cochilo aí mesmo. Por quê?” (tradução livre)

6.4.2 Usos metafóricos

O gráfico a seguir ilustra a frequência relativa dos gestos de apontar e modos de representação gestual encontrados na amostra de usos metafóricos do Inglês Americano. Observamos uma prevalência dos modos de representação gestual em relação aos gestos de apontar, o que difere esse tipo de uso dos usos prototípicos discutidos anteriormente. Em especial, o modo de representação “desenhar” aparece em 50% dos dados analisados. No que diz respeito aos gestos de apontar, temos também uma preferência pela mão aberta:

Gráfico 8 – Usos metafóricos do “there”



No exemplo 42 a seguir, a entrevistada argumenta a favor de Hillary Clinton, ex-secretária de Estado dos Estados Unidos, dizendo que a maioria dos cidadãos americanos conhece Hillary do momento em que esteve na Casa Branca em diante, sem saber o que ela havia feito antes disso:

Figura 36 – Exemplo 42



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

(42) They only know the Hillary Clinton they first met in the White House **and from there on** (...)²².

De modo concomitante à porção “and from there on” na fala, a mão direita da entrevistada, estendida, traça uma trajetória em movimento arqueado para a direita, representando, pelo modo “desenhar”, o período da vida pública de Hillary Clinton a partir do momento em que esteve na Casa Branca. O tempo posterior a esse marco é conceptualizado à direita da falante, também em conformidade ao que vimos em dados do Português Brasileiro — e tem sido atestado em investigações de línguas indo-europeias.

Foi identificado um alto grau de metaforicidade nessa ocorrência, pois além do movimento inicial em evidência, indicando a trajetória de Hillary pós-Casa Branca, a falante elabora essa “linha do tempo” na sequência, movendo a mão para a esquerda ao mencionar todas as coisas que Clinton havia feito antes. A metáfora espaço-temporal, portanto, ocorre simultaneamente nas duas modalidades, com os gestos contribuindo para a conceptualização da linha do tempo proposta pela falante.

Uma ocorrência semelhante encontramos no exemplo 43. O jornalista discute sobre mudanças de discurso do então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. No decorrer da sua fala, é mencionada uma postura mais assertiva adotada pelo presidente anteriormente, quando o jornalista destaca:

(43) And he’s gone **from there to now** saying last night: “I don’t know what we can do”²³.

Figura 37 – Exemplo 43



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Junto à fala “from there to now”, a mão esquerda do jornalista também desenha uma trajetória da esquerda para a direita, indicando a mudança no discurso do então presidente com o decorrer do tempo. “From there”, à esquerda, indica o tempo passado, quando ele adotara um

²² “Eles só conhecem a Hillary Clinton que encontraram pela primeira vez na Casa Branca e dali em diante.”

²³ “E ele foi de lá para cá [agora] para dizer, ontem à noite: ‘Eu não sei o que podemos fazer.’”

perfil mais assertivo em relação à guerra na Síria; “to now”, à direita, apontando o momento em que estavam, quando Obama declarava, segundo o jornalista, não saber o que fazer.

Identificamos igualmente nessa ocorrência um grau de metaforicidade alto, visto que, de modo similar ao exemplo anterior, o falante coloca o gesto em evidência e elabora por meio dele a metáfora espaço-temporal. Em momento anterior de sua fala, ele menciona que “early on, he [Obama] was thinking about bombing (...)”, ao passo que a mão se movimenta para o espaço à esquerda. Posteriormente ele traça a linha temporal transversalmente, fazendo a distinção entre esse período anterior e o que estavam observando no momento da fala, representado mais à direita.

Em relação aos gestos de apontar identificados nos usos metafóricos, foi observada uma prevalência de mão aberta, como mencionado anteriormente. O exemplo a seguir instancia esse tipo de gesto de apontar encontrado na amostra. O jornalista, na ocorrência em questão, discorre a respeito de como se dá a escolha de um novo Papa pela Igreja Católica.

(44) There’s likely gonna be one vote the first day, then two votes each morning, two votes each afternoon **from there on out**.²⁴

Figura 38 – Exemplo 44



Fonte: *The International Distributed Little Red Hen Lab*

Acompanhando a fala “from there on out”, a mão esquerda do jornalista aponta, com palma oblíqua, para frente — indicando o “daí em diante” (tradução livre), tempo futuro, como um lugar à frente. A progressão dos fatos que se dão no processo de escolha do Papa é conceptualizado espacialmente, com o futuro localizado à frente do falante, em uma manifestação menos prototípica do gesto de apontar. Nesse caso, a referência é um conceito

²⁴ “É provável que haja uma votação no primeiro dia, depois duas votações a cada manhã e duas votações a cada tarde daí em diante.”

abstrato, o tempo, e o gesto de apontar com a mão aberta, comum em ocorrências prototípicas, é utilizado pelo falante aqui em uma extensão metafórica desse significado central.

Identificamos um grau de metaforicidade intermediário, já que a metáfora espaço-temporal ocorre concomitantemente nas duas modalidades — na fala e no gesto —, mas não é elaborada, nem colocada em proeminência pelo falante.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na inter-relação entre a Linguística Cognitiva — em especial a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) — e os Estudos de Gestos, propusemos neste trabalho uma análise comparativa entre usos prototípicos e metafóricos da dêixis locativa no Português Brasileiro e no Inglês Americano. Em usos prototípicos, focamos nas diferenças encontradas entre ambas as línguas para indicação de lugar: no Português Brasileiro, a tripartição em “aí”, “ali” e “lá” para referência a locais que não são exclusivamente próximos ao falante; no Inglês Americano, o dêitico correspondente “there”. Buscamos analisar, portanto, a diferenciação no PB, de um lado, e o termo mais abrangente no Inglês Americano, de outro. Além disso, realizamos a análise dos usos dêiticos em dados de naturezas diferentes: inicialmente, procedemos à investigação com base em dados verbais transcritos em ambas as línguas, a fim de identificar diferentes tipos de uso; na sequência, relacionamos os tipos de uso encontrados a padrões gestuais em dados audiovisuais.

Nossos objetivos foram descrever os diferentes usos dos dêiticos locativos investigados nos dados de fala e relacionar os tipos de uso distintos dos dêiticos a padrões gestuais em dados verbo-gestuais do Português Brasileiro e do Inglês Americano. Com base nesses objetivos, estabelecemos as hipóteses de que os dêiticos locativos apresentariam usos prototípicos (mais concretos) e metafóricos tanto em português quanto em inglês e de que os usos prototípicos e metafóricos dos dêiticos se relacionariam a padrões gestuais distintos em ambas as línguas.

A análise teve caráter qualiquantitativo: foram mapeados os dêiticos locativos em transcrições de dados de fala em português e em inglês; em seguida, os dêiticos foram classificados e quantificados, a partir de análise comparativa com tratamento estatístico para cálculo de frequência. Na sequência, foram identificados os usos dos dêiticos em dados multimodais, os quais igualmente foram analisados, classificados e quantificados.

No que diz respeito aos dados verbais, os resultados da análise evidenciaram a ocorrência de diferentes tipos de uso dos dêiticos locativos em ambas as línguas: além de usos prototípicos, isto é, de ocorrências mais concretas, foram encontrados usos metafóricos, que instanciam extensões do significado central dos dêiticos. Em português, foram identificadas também ocorrências metafórico-discursivas especialmente do dêitico “aí”, caracterizando um subcaso dos usos metafóricos, em que atuam especificamente como ferramentas para organização de ideias e fatos em sequência temporal no fluxo discursivo com base no domínio concreto de espaço.

Visto que foi possível classificar os dêiticos locativos analisados nos dados de fala em prototípicos, metafóricos e metafórico-discursivos, buscamos correlacionar os padrões gestuais em dados multimodais a esses tipos de uso distintos em ambas as línguas. Em relação aos usos prototípicos, os resultados da análise indicaram uma prevalência de gestos de apontar com o Dedo Indicador Estendido (segundo a classificação de Kendon, 2004) no Português Brasileiro, com variações na orientação da palma (neutra ou pronada) em cada um dos dêiticos observados, ao passo que usos do “there” no Inglês Americano privilegiaram o gesto de apontar com a Mão Aberta. Foi observada também uma diferenciação na dimensão do espaço gestual em cada um dos dêiticos locativos analisados.

No Português Brasileiro, em que há uma tripartição clara na fala — “aí”, “ali” e “lá” —, os resultados indicaram um contraste entre usos do dêitico “aí”, que vieram acompanhados de gestos a uma distância média do corpo, e do “ali” e do “lá”, em que prevaleceram gestos a uma distância longa. Já no Inglês Americano, em que o “there” abarcaria a tripartição observada no PB, foi identificado um equilíbrio em relação à dimensão do espaço gestual: os gestos tenderam a ocorrer tanto a uma distância média quanto a uma distância longa do corpo do falante, o que indica a codificação, por meio do gesto, da especificação que existe no PB por meio de três dêiticos distintos²⁵. No que diz respeito aos usos metafóricos, além dos gestos de apontar prototípicos da função dêitica, a análise demonstrou a ocorrência de diferentes modos de representação gestual (Müller, 1998a, 1998b, 2014), com predominância do modo “desenhar”.

Na maior parte das amostras analisadas, os gestos evidenciaram metáforas espaço-temporais, com diferentes tipos de referência. Em gestos de apontar, foram observados padrões diferentes no PB em relação aos usos prototípicos, com a prevalência de gestos de apontar com a Mão Aberta. O modo de representação gestual “desenhar”, por sua vez, com base no esquema imagético de TRAJETÓRIA, no qual o gesto desenha um percurso que vai de um ponto A a um ponto B, foi predominante para a referência metafórica à passagem do tempo como deslocamento no espaço em ambas as línguas.

Os resultados foram compatíveis com as hipóteses estabelecidas. Em desdobramentos da pesquisa, haja vista o número de metáforas espaço-temporais identificado nas amostras analisadas neste trabalho, caminhos se abrem para investigação: a ocorrência de diferentes eixos gestuais para a estruturação de tempo como espaço — eixo sagital ou transversal —, assim como os mecanismos cognitivos envolvidos na escolha de um eixo em relação ao outro, se

²⁵ As amostras analisadas neste trabalho apontam para uma possível correspondência entre a construção “right there” e o dêitico “aí”, por um lado, e entre a construção “over there” e os dêiticos “ali/lá”, por outro. A investigação a respeito dessa correlação na fala e nos gestos produzidos se coloca como uma questão para futuras pesquisas.

colocam como novas perguntas pesquisa no campo promissor situado na inter-relação entre a LC e os Estudos de Gestos.

REFERÊNCIAS

- AUCHLIN, A. Prosodic Iconicity and Experiential Blending. In: HANCIL, S. (org.) *Prosody and Iconicity*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis locativa: o papel discursivo dos gestos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, 2017. p. 73–89.
- AVELAR, M.; FERRARI, L.; PACHECO, V. Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural analysis. In: SCHRÖDER, U.; MENDES DE OLIVEIRA, M.; TENUTA, A. M. (orgs.). *Metaphorical conceptualizations: (Inter)cultural perspectives*. Berlin/New York: De Gruyter, 2022. p. 222–249.
- AVELAR, M.; CIENKI, A. Considerações teóricas e metodológicas sobre a identificação e análise de metáforas verbo-gestuais: aplicações das Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos a dados do PB. In: AVELAR, M.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. (orgs.) *Linguística e Estudos de Gestos: Interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 98–121.
- AVELAR, M.; BARBOSA, A. F.; GRAÇA, B. Linguística e Gestos no Brasil: levantamento e discussão do estado-da-arte. In: *Revista Delta*, v. 41, n. 2, 2025. p. 1–21.
- BARNETT, D. The art of gesture. In: KAPP, V. (org.) *Die Sprache der Zeichen und Bilder, Rhetorik und nonverbale Kommunikation in der frühen Neuzeit*, Marburg: Hitzeroth, 1990. p. 65–76.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. p. 277–283.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1988. p. 81–90.
- BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (orgs.) *Body–Language–Communication*. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1079–1098.
- BRESSEM, J.; LADEWIG, S. H.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. *Body–Language–Communication*. (orgs.) v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1098–1124.

- BUTTERWORTH, G. What is special about pointing in babies. *In: SIMION F.; BUTTERWORTH, G. (orgs.) The Development of Sensory, Motor and Cognitive Capacities in Early Infancy*. Hove: Psychology Press, 1998. p. 171–190.
- CALBRIS, G. Espace-temps: expression gestuelle du temps. *In: Semiotica*, v. 55, n. 1–2, 1985. p. 43–73.
- CAMERON, L. *Metaphor in Educational Discourse*. London: Continuum, 2003.
- CIENKI, A. Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphoric expressions. *In: KOENIG, J. P. (org.) Discourse and cognition: bridging the gap*. California: Center for the Study of Language and Information, 1998. p. 189–204.
- CIENKI, A. Image schemas and gesture. *In: HAMPE, B. (org.) From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2005. p. 421–442.
- CIENKI, A.; MÜLLER, C. (orgs.) *Metaphor and Gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? *In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. (orgs.) Metaphor and Gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 3–26.
- CIENKI, A. Gesture, space, grammar, and cognition. *In: AUER, P.; HILPERT, M.; STUKENBROCK, A.; SZMRECSANYI, B. (orgs.) Space in language and linguistics: Geographical, interactional, and cognitive perspectives*. Berlin/New York: De Gruyter, 2013a. p. 667–686.
- CIENKI, A. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (orgs.) Body–Language–Communication*. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013b. p. 182–201.
- CIENKI, A. Conceptual metaphor theory in light of research on speakers' gestures. *In: Journal of Cognitive Semiotics*, v. 5, n. 1–2, 2013c. p. 349–366.
- CIENKI, A. Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication. *In: Cognitive Linguistics*, v. 27, n. 4, 2016. p. 603–618.
- CIENKI, A. Analysing metaphor in gesture: a set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). *In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (orgs.) The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. London: Routledge, 2017. p. 131–147.
- CIENKI, A.; AVELAR, M.; DONLON, S. O.; VILELA, C.; PACHECO, V. Spatial deixis in speech and gesture in Brazilian Portuguese: an experimental pilot-study. *In: Signo*, v. 44, n. 72, 2019. p. 135–143.
- CIENKI, A. The study of gesture in cognitive linguistics: how it could inform and inspire other research in cognitive science. *In: Wires Cognitive Science*, v. 13, n. 6, 2022. p. 1–17.

- CLARK, E. V. From gesture to word: On the natural history of deixis in language acquisition. In: BRUNER, J.; GARTON, A. (orgs.) *Human Growth and Development: Wolfson College Lectures 1976*. Oxford: Clarendon Press, 1978. p. 85–120.
- COOPERRIDER, K.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture, Language, and Cognition. In: DANCYGIER, B. (org.) *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 118–134.
- ELAN (Version 6.9), Windows 11. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. 2024.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think — Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FILLMORE, C. Towards a theory of deixis. In: *The PCCLLU Papers (Department of Linguistics, University of Hawaii)*, 1971. p. 219-241.
- FILLMORE, C. Topics in lexical semantics. In: COLE, R. W. (org.) *Current Issues in Linguistic Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977. p. 76–138.
- FILLMORE, C. *Lectures on Deixis*. Stanford: CSLI, 1997.
- FRICKE, E. *Geste und Raum – Probleme der Analyse und Notation*. Palestra realizada na série “Analyse und Notation von Körperbewegungen”. Technical University Berlin, 2005.
- FRICKE, E. *Origo, Geste und Raum: Lokaldeixis im Deutschen*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.
- GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley. 1997.
- JOHNSON, C. Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: The case of SEE. In: HIRAGA, M. K.; SINHA, C.; WILCOX, S. (orgs.) *Cultural, Typological and Psychological issues in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 155–169.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- JOHNSON, M.; LAKOFF, G. Why cognitive linguistics requires embodied realism. In: *Cognitive Linguistics*, v. 13, n. 3, 2002. p. 245–263.

JOHNSON, M. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: Chicago University Press, 2007.

JOHNSON, M. Embodied understanding. In: *Frontiers in Psychology*, v. 6, 2015. p. 1–8.

KENDON, A.; FERBER, A. A description of some human greetings. In: MICHAEL, R. P.; CROOK, J. H. (orgs.) *Comparative Ecology and Behaviour of Primates*. London: Academic Press, 1973. p. 591–668.

KENDON, A. Differential perception and attentional frame: two problems for investigation. In: *Semiotica*, v. 24, 1978. p. 305–315.

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Chicago: Chicago University Press, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G. Cognitive semantics. In: ECO, U.; SANTAMBROGIO, M.; VIOLI, P. (orgs.) *Meaning and mental representations*. Indiana: Indiana University Press, 1988. p. 119–154.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: Chicago University Press, 1989.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (org.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202–255.

LANGACKER, R. Cognitive Grammar: Introduction to Concept, Image, and Symbol. In: GEERAERTS, D. (org.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 29–67.

LANGACKER, R. Construal. In: *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 55–89.

LEVINSON, S. C. Deixis. In: LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 54–96.

LIMA, V.; ALVES, C. S.; AVELAR, M. Uma análise verbo-gestual de ocorrências metafóricas do dêitico locativo-espacial “here” em dados multimodais. In: *Revista Philologus*, v. 28, n., 82, 2022. p. 932–944.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: MARMARIDOU, S. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 65–116.

MCNEILL, D. *The Conceptual Basis of Language*. New Jersey: Erlbaum, 1979.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *In: Psychological Review*, v. 92, n. 3, 1985. p. 350–371.

MCNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D.; DUNCAN, S. Growth points in thinking-for-speaking. *In: MCNEILL, D. (org.) Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 141–161.

MÜLLER, C. *Redebegleitende Gesten. Kulturgeschichte–Theorie–Sprachvergleich*. Berlin: Berlin Verlag A. Spitz, 1998a.

MÜLLER, C. Iconicity and gesture. *In: SANTI, S.; GUAÏTELLA, I.; CAVÉ, C.; KONOPCZYNSKI, G. (orgs.) Oralité et gestualité: Communication multimodale, interaction*. Paris: L'Harmattan, 1998b. p. 321–328.

MÜLLER, C. *Metaphors dead and alive, sleeping and waking: a dynamic view*. Chicago: Chicago University Press, 2008a.

MÜLLER, C. What gestures reveal about the nature of metaphor. *In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. (orgs.) Metaphor and Gesture*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008b. p. 219–245.

MÜLLER, C.; TAG, S. The dynamics of metaphor: Foregrounding and activating metaphoricity in conversational interaction. *In: Cognitive Semiotics*, v. 10, 2010. p. 85–120.

MÜLLER, C.; LADEWIG, S.; BRESSEM, J. Gesture and speech from a linguistic perspective: a new field and its history. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (orgs.) Body–language–communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013. p. 55–81.

MÜLLER, C. Gestural modes of representation as techniques of depiction. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (orgs.) Body–language–communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. v. 2. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1687–1702.

MÜLLER, C. A Toolbox of Methods for Gesture Analysis. *In: CIENKI, A. (org.) The Cambridge Handbook of Gesture Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 182–216.

NÚÑEZ, R.; SWEETSER, E. With the future behind them: convergent evidence from Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. *In: Cognitive Science*, v. 30, n. 3, 2006. p. 401–450.

PINHEIRO, H.; AVELAR, M. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais. *In: Signo*, v. 42, n. 75, 2017. p. 113–122.

QUINTILIANO, M. F. *The Institutio Oratoria of Quintilian — With an English translation by H. E. Butler*. New York: G. P. Putnam, 1969.

ROSCH, E. Natural categories. *In: Cognitive Psychology*, v. 4, 1973. p. 328–350.

ROSCH, E. Principles of categorization. *In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (orgs.) Cognition and Categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27–48.

SWEETSER, E. Regular metaphoricity in gesture: bodily-based models of speech interaction. *In: Actes du 16^e Congres International des Linguistes (CD-ROM)*, 1998.

TALMY, L. How language structures space. *In: PICK JR., H. L.; ACREDOLO, L. P. (orgs.) Spatial Orientation: Theory, Research, and Application*, New York: Plenum Press, 1983. p. 225–282.

YULE, G. Deixis and distance. *In: YULE, G. Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 9–16.

APÊNDICE A – DADOS VERBAIS

Dêitico locativo “aí”

1. aí a gente continuou andando...
2. aí foi... por entre os túneis... né?
3. aí eu liguei pra casa dele pra/ que ele tinha que me pagar por esse trabalho...
4. então estou eu lá... liguei... aí eu “oi... Carlos... aqui é Mônica... tudo bem?”
5. aí ele virou pra mim e falou assim “não... tudo mal...”
6. aí o que é que eu pensei? eu falei “caramba... ele não gostou do trabalho... saiu uma droga” e tal...
7. aí eu “mas tudo mal por quê?”
8. aí ele falou assim “não... porque oh... primeiro de tudo... já vou te avisando... que eu/ não deu p/ tempo de ir no banco ((riso)) então eu não peguei o che::que...”
9. aí ele “sua mãe?”
10. aí eu falei “é:: minha mãe...” ele “com quem eu estou falando?”
11. aí eu falei assim “ué... com a Mônica... que faz trabalho pra você...”
12. “e eu... pra pagar umas coisas aí... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... mora no Norte...”
13. aí foi essa... essa eu achei super gozada... assim... quando:: passou...
14. aí eu fiquei sem estagiar mesmo... esse semestre... apesar de eu já ter estagiado dois anos já...
15. aí ela falou assim “você vai sair com ele? de novo... se ele chegar aqui perto de você?”
16. aí... fomos subindo a rua juntos que estava de noite... muito tarde...
17. aí chegou na/ no final da rua praticamente ela virou pra mim e perguntou que horas eram...
18. aí eu informei as horas a ela... acabei perguntando a ela se não tinha nada pra fazer...
19. aí ele foi ao médico...
20. aí o médico olhou e falou que era uma doença lá...
21. aí esse rapaz foi ao consultório do médico... assim que:: o médico chegou no Brasil...
22. aí estavam... eles dois... e mais a:: na... namorada... né? de um...
23. aí quando chegou... ali na:: decida/ porque é... Barra... Tijuca... né?
24. Então... um pra... desviar do:: do ônibus foi em cima... em cima do caminhão... aí foi embaixo...
25. aí ficou preso a mota/ a moto... ficou presa... embaixo da... coisa...
26. tem televisão... tem rádio... tem... rádio-relógio... por aí em diante...
27. daí ele ficou louco porque tinham roubado o carro dele...

28.	o carro dele não era tão novo assim mas... pô... fazia a maior falta e tal... era um Gol... aí ele... deu queixa na polícia...
29.	ele pegou um ônibus cheio... né? aí... no momento que ele ia soltar do ônibus...
30.	na Penha mesmo... o pai dela morreu... estava/ ficou doente... aí o pai dela morreu...
31.	tem um... laguinho lá que eu adoro ficar lá perto... aí sempre que eu vou também eu trago um pouquinho de pão...
32.	e... e vai vibrando... aí... pula...
33.	aí o garotinho "ah... assim não vale... assim não vale... ah... vamos fazer outro jogo..."
34.	"quem vai ficar rico aí são vocês...
35.	vocês que são ricos aí..."
36.	pego os lápis de cor que eu quero... tudo que... tem colorido... lápis de cor... canetinha... hidrocor... marcador... papel colorido... o que for... aí coloco tudo do meu lado ali...
37.	aí você olha... coloca ali... vai fazendo...
38.	depois delas prontas... tu bota... numa vasilha... aí ali tu bota presunto picado..
39.	você se forma... aí você arruma um empreguinho aqui...
40.	aí você começa a ganhar bem...
41.	aí você pára e fala assim "não... estou bem pra caramba..."
42.	aí... fica naquilo a vida inteira... entendeu?
43.	que ele/ acho que isso aí é mentira... que ele... comeu mui::to...
44.	"você não vê aí... já pensou se o mundo fosse" eh... "se... ficasse só as mulheres no mundo? ia ficar" não sei o quê...
45.	aí / saíram/ cada um foi pra uma escola...
46.	aí::... isso me deixou um pouquinho triste...
47.	aí a oitava série eu não pude fazer lá...
48.	aí... chegamos aqui na escola..
49.	aí quando cheguei/ eh... ((risos)) (deixa eu botar) deixa eu botar a mão... aqui...
50.	passou um tempinho... eu boto um pouquinho d'água... aí deixo cozinhando ele...

Dêitico locativo "ali"

1.	e o supervisor é o Nelson... um cara super extrovertido... que sacaneia muito... então o cara entrou ali... estava tipo assim (há) uns dois meses...
2.	foi... por entre os túneis... né? e ali/ pô... a gente ligou...
3.	só que ali tem um baile funk...
4.	gente... demorou ali *serra de Petrópolis um tempo... pra trocar o pneu... quando a gente trocou... foi tudo bem... demorou um pouquinho... né?

5.	eu comecei a conversar com o pessoal... sobre... outras coisas... sobre escola... pro pessoal entender que ali era só uma turminha... que estava todo mundo indo só a uma festa...
6.	fui pro colégio fazer essa prova pensando "poxa... já pensou se ela me desse a mesma prova do quarto bimestre? ah... eu ficar emocionada... ia passar na mesma hora..." eu ali e pensando naquilo "ah... mas isso não vai acontecer... isso é impossível de acontecer...
7.	perguntei "pô... onde é que tem um lugar legal... pra se divertir aqui?" ela virou pra mim disse que:: não sabia... por ali não sabia onde tinha não...
8.	ali na Escola Estadual Antonio Prado Júnior... na Praça da Bandeira...
9.	estava esperando... dar um certo um certo lu/ local... pra ela... pra ela atra/ atravessar a roleta... quando ela estava ali... chegou um... um senhor também e sentou do lado dela...
10.	aí quando chegou... ali na:: decida/ porque é... Barra... Tijuca... né?
11.	ah não... a gente está andando de Mercedes... quer ver? tem até um ônibus passando ali fora...
12.	tem uma passagem assim maneira da cozinha pra sala... com um balcãozinho... que a gente vai fazer um bar ali...
13.	tem umas pastas num canto atrás da porta... tem um espelho atrás da porta... tem umas pastas destas de material de desenho... assim... grandes... aí aquilo ali é... uma bagunça... meu cantinho da bagunça... assim... onde eu vou jogando tudo...
14.	porque antes... ali não era um... um es... um estúdio... era uma biblioteca... e o som fica abafado pelos livros também...
15.	então nós botamos no/ na parede... tem/ é cheia de quadros... de... de heavy metal... falando sobre heavy metal... grupos de rock... e as cortinas são bem escuras... e ele... quando/ é bom porque a gente fica ali... e... é a nossa cara...
16.	eu gosto de ficar muito na/ quando eu vou pra casa da minha avó... na varanda dela... principalmente no verão... ali::... sei lá... é um lugar gostoso... tem plantas... dá um::/ uma (expressão) de paz... é... bem arejada... sabe?
17.	só por causa dessas coisas... só por isso mesmo... eu... gosto de ficar ali... uma coisa clara... plantas... é gostoso... um lugar gostoso de ficar...
18.	coloco tudo do meu lado ali... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre...
19.	o lugar que a régua corre... e do lado tem sempre um espaço... né? pelo menos na/ do trabalho... que ela é grande... eu deixo tudo ali...
20.	vou executar o trabalho... pinto e tal... depois eu/ tem um painel... na frente das pranchetas... no trabalho... que você p/ vai pregando... pra você poder olhar o que você está fazendo... olhar de longe... ter uma distância... que não é a da prancheta... aí você olha... coloca ali... vai fazendo...
21.	dá uma (definidade) "esse aqui? não... esse aqui eu não gostei muito... aquele ali é melhor::... aquela cor é mais legal... eu vou misturar" e tal...
22.	depois delas prontas... tu bota... numa vasilha... aí ali tu bota presunto picado... queijo picado... ervilha... milho... salsa e cebolinha...

23.	ou seja... estão sempre envolvidas em roubo... falcatruas... botam alguém aqui pela janela... botam alguém por ali...
24.	como é que o cara vai sobreviver? ele vai vender... três televisões... vai pagar o imposto... e o cara vendendo a televisão ali na frente... o camelô::...
25.	eu pensei que eles fossem ficar ali... quando eu virei pra trás... que eu fui procurar eles... para... me entrosar no assunto... eles tinham sumido...
26.	ele pegou falou assim "não... mas sabe o que é que é? é rapidinho... vamos ali tomar uma Coca-cola num bar..."
27.	eu falei "não... mas ali no Arnaldo Eugênio já... já... tem muito conhecidos...
28.	se você vier até o Arnaldo Eugênio ali no campo Mundial... eu já conheço muita gente..."
29.	outro dia eu estava com o meu namorado... na padaria ali... da rua do Brizolão...
30.	ele falou assim "agora tu vai deixar essa sacola aqui... ali naquele banco...
31.	pra ver se o cara estava por ali...
32.	minha cabeça não estava ali... eunão estava acreditando no que:: tinha acontecido... mas agora... dia catorze faz... três anos que... ela faleceu...
33.	depois a gente foi... eh... pra... pra uma vila que tem ali do lado... assim... bem do lado de onde a gente estava sentado...
34.	ele chegou ali perto do... eh... do... eh... do/ da esquina... sabe?
35.	os garotos teve que levar a gente em casa... porque a gente não morava naquela rua ali...
36.	eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né?
37.	era o morro assim da... da São Félix... tem um morro ali...
38.	uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali...
39.	num campo ali atrás...
40.	ela foi no açougue... quando voltou do açougue já tinha dois caras esperando ela ali na esquina...
41.	tá... outro dia... minha mãe costumava ir numa rua de cima ali... porque nós temos muitos conhecidos...
42.	eu já morei ali... sabe?
43.	ele pegou um pano... forrou no chão... na encruzilhada... deitou... forrou outro por cima... botou quatro velas assim em volta dele... cobriu o rosto e ficou ali deitado...
44.	o cara foi embora... ele deitou ali de novo...
45.	ele falou que a multidão que estava ali no rodeio... sabe? pra ver... eh... juntou assim em cima dele...
46.	todo mundo começou a brigar... cara... maior/ ficou/ acho que demorou meia hora... todo mundo brigando ali no rodeio
47.	o cavalo passando... na frente assim... na frente de todo mundo que estava ali... sabe?
48.	ali perto do rodeio que tem... sabe? que era perto de um morro...

49.	são poucos os que se revoltam aqui e ali... e no final não faz nada e tem que esperar o próximo presidente entrar... pra... ver o que acontece... né?
50.	a gente também falou com ela... naquele... momento... juntou todos os problemas de muito tempo atrás... naquele momento se resolveu... todos aqueles problemas ali... ficou tudo resolvido...

Dêitico locativo “lá”

1.	no meu antigo estágio... na Light... que é na Presidente Vargas... meia quatro dois... décimo quarto andar... e:: chegando lá... como... entrou um novo estagiário por... eu ter saído...
2.	e:: quando vieram de sacanagem lá... porque:: na sala...
3.	porque:: na sala... uma vírgula é um pala/ é porra... porra é uma vírgula lá...
4.	aquela coisa de... de você querer puxar o tapete do outro pra conseguir galgar... um certo cargo... não tinha isso... lá... por ser estatal...
5.	foram para um::... um bairro... chama Jesuítas... entendeu? e lá eles começaram a beber beber beber beber... eu encontrei com eles depois...
6.	assim... numa altura de quarenta minutos a uma hora... depois... nesse Jesuítas... eu continuei lá bebendo... conversando e tal...
7.	o médico olhou e falou que era uma doença lá...
8.	então o médico dele foi primeiro... e:: eles estudaram o caso lá desse rapaz...
9.	ele conheceu um... um cara lá em Friburgo... que roubaram o carro dele...
10.	depois ela foi obrigada a sair de lá de Nova Iguaçu... de onde ela morava...
11.	hoje ela mora... na casa da tia dela... (...) ela já... já está doida pra sair de lá...
12.	ah... e o carrão parado lá no/ lá fora...
13.	tem um ônibus passando lá fora... [Mercedes...]
14.	e pô... a decoração estão comprando todos os móveis lá na Tok & Stok...
15.	o lugar onde eu mais gosto de ficar é num estúdio que eu tenho aqui em casa/ que eu tenho em casa... que:: lá tem uma bateria...
16.	eu gosto de ficar muito na/ quando eu vou pra casa da minha avó... na varanda dela... principalmente no verão... ali::... sei lá... é um lugar gostoso... tem plantas...
17.	eu falo gás de cozinha por quê? porque pra lá não se tem ainda gás encanado é tudo... botijão...
18.	você se forma... você não tem esperança nenhuma... você enfia o canudo sabe Deus lá onde...
19.	ou seja... estão sempre envolvidas em roubo... falcatruas... botam alguém aqui pela janela... botam alguém por ali... bota pra lá...

20.	o DEC queria uma oitava série com vinte e cinco alunos... só tinham vinte e dois... eles não deixaram eu terminar... a/ até a oitava série (lá esse ano)
21.	isso me deixou um pouquinho triste... o pessoal lá... já era acostumada desde pequ/pequeninha na escola...
22.	aí a oitava série eu não pude fazer lá...
23.	o que aconteceu comigo foi... quando eu... eu fui viajar... e fiquei lá muitos dias...
24.	lá estava chovendo muito... eu não podia nem sair...
25.	eu queria... vim pra escola... mas só que eu estava lá em Vassouras...
26.	lá da rodoviária?
27.	eh... vou começar a história... contando quando minha mãe foi embora... de lá de casa...
28.	era... eu acho que teve uma garota daqui da escola que foi lá desfilar... a Clarice...
29.	sábado retrasado... eu fui... botar um... um... um som numa festa no shopping... e lá... tudo...
30.	encontrei com meus amigos e tal... nós estamos botando lá... a festa e tal...
31.	estamos lá na música...
32.	e eu tive que... que... sei lá... tive que... ver sozinho como é que fazia as coisas...
33.	os garotos tinham sumido... me deixaram lá sozinho...
34.	E: mas você botou alguma música [né?] I: [botei...] botei uma música lá...
35.	na rua Camaipi... lá na/ no Rio da Prata...
36.	foi até:: minha colega que me contou... que foi lá em São Jorge...
37.	a minha colega contou que essa moça... nem estava com muito dinheiro... porque era a mãe dela lá... e nem estava com muito dinheiro...
38.	ficou ela sozinha lá... com os dois caras... acabou que os caras levaram o relógio dela...
39.	e deixaram ela... assim jogada no chão lá... né?
40.	ela ficou lá sozinha... sem nada...
41.	foi ela... meu pai... e... meu cunhado... comprar uma máquina de costura... lá na... Ultralar...
42.	foram lá em cima no segundo piso...
43.	eu prefiro ficar na casa da Aline... que... lá... eh...
44.	o pessoal lá é gente/ eles são meio/ muito brincalhona...
45.	fica com o pessoal lá... aí/ a casa é bem grande...
46.	na casa da... da Aline o lugar que eu mais gosto de ficar lá... é no quarto dela...
47.	oh... eu gosto de ir pro Rio da Prata... que lá é um lugar calmo... é cheio de árvores... é/ tem um pouco de mata fechada...
48.	pega aquela... eh... aquela massa... depois que lixou tudinho que está/ que tiver tudo certinho... aquela massa branca... é argamassa... sei lá... é massa de emassar... aquela massa branca

49.	o Brasil chega lá... mas pra::... haver isso... tem que ter uma conscientiz/ tem que se haver uma consciência... uma consciência... política...
50.	o cara não tem a menor noção do que ele tinha que estar fazendo lá... é uma anta completa... e totalmente desespera/ despreparado pra ser presidente...

Dêitico locativo “there”

1.	"And I was telling you, I saw the movie last Friday. I took my twins. They're mad you're here, and they're not. But, you know, and you, you're fantastic as MJ in this movie, there with Tom Parker, who plays Spider, I mean, with Tom Holland, who plays Peter Parker and "" Spider-Man."
2.	And this is that conflict between states, local and federal law, where you would think, in this particular case, in the interest of keeping everyone safe, federal law would trump things, no pun intended there.
3.	All right, Jeff. Thank you. We move now to Capitol Hill and Nancy Cordes. Nancy, a vacancy that everyone there I'm sure agrees, will be difficult to fill.
4.	We were in New Orleans just two years ago and we left 5,000 mobile homes there.
5.	And we were there [New Orleans] for seven or eight months,
6.	and we respond in there [New Orleans], and we're flooded with Harvey and we're going to be in Puerto Rico and now we are in Virgin Islands also, well as long as it takes.
7.	"In the "" Back of the Book "" segment tonight, let's go to Ferguson, Missouri where Mike Tobin is standing by with the very latest. Hey, Mike. So, give us a sense of the similarities or differences from today over the last couple of days that you've been there."
8.	He was a very controversial change agent for justice. We now love him in death but he was very, very much vilified in life. VAN-SUSTEREN: Indeed, a lot of history there, as well.
9.	Just a couple of minutes later, Evelyn gets up to follow him outside. EVELYN-ZELLER# I had set foot on the first step right there as I heard the shots.
10.	Last night, I visited Brazil's largest favela, a place called Rocinha. People there are very worried,
11.	as I found out when I spoke to Luis Fernando de Paola (ph), a man aged 27, who lives there [Rocinha].
12.	Juan Guaido there making comments to the cheering crowd surrounding him.
13.	Stefano Pozzebon is there on the ground as well listening in.
14.	There he is, though, suited up in winter gear.
15.	Police searched Koulis Chicago apartment. There they found lots of medical samples and small syringes, a typical discovery in a busy doctor's home perhaps, but they also discovered the very same kind of large syringes that had been used to shoot up the dissolved oxycodone pills.

16.	The most powerful thing of all about the site is the void, the sense that there, where these incredibly tall, strong buildings stood, is just emptiness now.
17.	I was at the radio show the other day and I was rummaging through my bag to get something, and my home phone was in it, it had fallen in there.
18.	And I was like, what, and I couldn't find my phone around my house, and there it was in my purse
19.	at the radio show when I was there
20.	He was living with two agendas, both of which had to do with healing, had to do with a solution, first, to abolish slavery, end the war. But he also had his personal life. And there's darkness in there
21.	This guy was there [Spain] in power. And he was like your uncle. You know, he was always Franco
22.	And you have this little bank out there in Estonia pumping in billions of dollars to you, do you think you should ask?
23.	I'd say we found our favorite class right there in Kentucky.
24.	You can not charge a sitting president with criminal wrongdoing, and Mueller followed that authority. He didn't go there in this case.
25.	Scott Poore wanted to call attention to Queen, that's the three-year-old terrier mix, so he moved in with her for a week right there in the shelter, rubbing her belly, reading her stores, even sleeping in the shelter.
26.	So he was taken to Christmas Island, which is part of Australia, and was imprisoned there in a detention center.
27.	Anecdotally, Courtney, we've heard that Asian buyers aren't coming in as much as they have there in the West Coast.
28.	And I want you there in that universe that is absolutely new to me and probably is going to be new, you know, for the spectator, for the public to see you in a completely different context.
29.	Carrie, I want to ask one other thing, and it's about tone. It's about the special counsel's shaking or quavering voice at the beginning there.
30.	Very much so, yeah. And I love putting an unknown in there because if the film is successful and works, it does put a spotlight on that actor.
31.	I did hear him stop and slow down and sometimes repeat himself or correct a word here or there which is not something I remember from his tenure as FBI director when he testified.
32.	Victor Cha, who served in the Bush administration and has been widely known to be the current administration's choice to be ambassador to South Korea still no nominee there and it's actually been withdrawn.
33.	He says he doesn't support. There are other innuendo out there in Washington as well.
34.	I'm going to be safer inside this chain-link fence with guards and guard towers than I would be out there in the field.
35.	She also says that there were no armored vehicles for the mission there in Niger.

36.	I mean at today's White House briefings, Sarah Sanders said we're continuing to do everything that we can to help the people of Puerto Rico. You've been there in the last few weeks, I mean does the outlook on the ground match up with what we're hearing from the White House?
37.	There in the island is running low on both, Bill Weir takes us to one of the communities struggling right now.
38.	And it's there in his adopted hometown of Chicago, where the president will address the nation Tuesday evening.
39.	Rahm Emanuel is the mayor and the buck stops there in terms of what's happening in the city.
40.	And just a reminder, in about 15 minutes, Secretary of State Rex Tillerson and his counterpart there in Saudi Arabia are to speak live.
41.	But Tillerson is there,
42.	And do that math. We'll be there at 9:00. Have a good night and a great weekend, bye-bye.
43.	until we see what's in those tax returns, I can't answer that question because there may be things in there that are devastating to him.
44.	would he necessarily be in this position now if he had taken the advice of people who had been there, done that before?
45.	And it was there in the case of Terence Crutcher.
46.	And therefore, you know, why are the Jews protected and Muslims aren't protected? And that point there in particular fails to distinguish between criticizing a philosophy and picking on a people.
47.	Right there in the headlines.
48.	Absolutely, right there in the headlines.
49.	And Starbucks put a little contract in there, which was you have to raise \$600,000 to use our \$200,000.
50.	So it was kind of crazy to just be shooting and running away from, like, monsters we can't see yet because they're going to be put in there at some point

APÊNDICE B – ANOTAÇÕES DOS DADOS VERBO-GESTUAIS

Dêitico locativo “aí”

Dado 1	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Bem aí em cima"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Já do lado de cá, bem aí em cima (...)"
Tradução	"On this side, way up there (...)"

Dado 2	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)

Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Aí embaixo [na tela]"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"O 'você' da hashtag é escrito como aparece aí embaixo, mais curto"
Tradução	"The 'you' in the hashtag is written as it appears there below, shorter"

Dado 3	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral para fora do centro (Palm lateral away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Aí mesmo"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Lances como esse aí mesmo, os próprios árbitros orientavam 'continua a jogada' (...)"
Tradução	"Soccer moves like that one there, the referees themselves said 'keep going' (...)"

Dado 4	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)

Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Aí mesmo"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Quando eu ia pra Goiânia de carro, ou então na região aí mesmo no Uberabão (...)"
Tradução	"When I used to go to Goiânia by car, or in the region right there in Uberabão (...)"

Dado 5



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Até aí, a sua casa"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Por que não levar essa ideia aqui até aí, à sua casa?"
Tradução	"Why not take this idea here to your house there?"

Dado 6



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Olha aí"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Olha aí, Nivaldo Gonzaga dos Santos, olha aí, olha. O empresário bem-sucedido (...)"
Tradução	"Look there, Nivaldo Gonzaga dos Santos, look, look. The successful businessman (...)"

Dado 7



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Tá aí?"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora

Transcrição ortográfica	"A esposa também tá aí?"
Tradução	"Is the wife there too?"

Dado 8	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Pra você aí"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Silvia, bom dia pra você aí"
Tradução	"Silvia, good morning to you there"

Dado 9	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior direita (Extreme upper right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)

Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Por aí [em jornais]"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Para atrair as vítimas, eles colocavam anúncios por aí, como em jornais."
Tradução	"To attract victims, they would place advertisements out there, like in newspapers."

Dado 10	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma vertical para fora do corpo (Palm vertical away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia esquerda (Left periphery)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Viram aí"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Vocês viram aí o caso desse que já tá no Rio de Janeiro, do brasileiro."
Tradução	"You've seen there the case of the one who's already in Rio de Janeiro, the Brazilian."

Dado 11	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)

Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"2021 já tá logo aí"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Eu peço pro público aguardar só um pouquinho porque 2021 já tá logo aí."
Tradução	I ask the public to wait just a little bit because 2021 is just around the corner."

Dado 12	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma vertical para fora do corpo (Palm vertical away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Tamanho expandido
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"O que vem por aí"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Falando agora do que vem por aí (...)"
Tradução	"Speaking now about what lies ahead (...)"

Dado 13	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)

Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"E daí pra diante"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E daí pra diante, nada acontece com a sua participação."
Tradução	"And from then on, nothing happens with your participation."

Dado 14



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Daí pra frente"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E aí é o seguinte: o que que aconteceu daí pra frente? (...)"
Tradução	"So here's the thing: what happened next? (...)"

Dado 15



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para cima (Palm up)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta supinada (palma para cima)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"E a partir daí (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E a partir daí você busca a unificação, a unidade da direita (...)"
Tradução	"And from there you seek unification, unity on the right (...)"

Dado 16	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"Daí pra frente"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Cheguei à estratégia que flipar costuma ser um bom negócio. E enfim, aí daí pra frente tem, assim, tem sido uma das minhas estratégias que tem dado bom resultado (...)"

Tradução I came to the conclusion that flipping is usually a good deal. And anyway, from then on, it has been one of my strategies that has yielded good results (...)

Dado 17



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do corpo (Palm diagonal away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"A partir daí (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"(...) E a internet vai parar no seu bolso, junto com a maçã mordida. A partir daí, a equação é outra."
Tradução	"(...) And the internet will end up in your pocket, along with the bitten apple. From there, it's a whole different ball game."

Dado 18



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para cima (Palm up)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	

Gesto de apontar	Mão aberta supinada (palma para cima)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"E daí surgem (...)"
Grau de metaforicidade	Baixo
Transcrição ortográfica	"Trabalham porque precisam trabalhar, mas não se sentem conectadas a ele. Não reflete a sua paixão. E daí surgem as reações adversas (...)"
Tradução	"They work because they need to work, but they don't feel connected to it. It doesn't reflect their passion. And that's where the adverse reactions come from (...)"

Dado 19	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia esquerda (Left periphery)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"E aí, quem tava indo pro trabalho (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E aí quem tava indo pro trabalho teve que avisar que ia chegar atrasado."
Tradução	"And then those who were going to work had to let the boss know they would be late."

Dado 20	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)

Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Aí"
Tópico contextual	"Aí, haveria a necessidade (...)."
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Aí, haveria a necessidade de que os júris fossem feitos novamente."
Tradução	"Then, there would be a need for the juries to be reconstituted."

Dêitico locativo "ali"

Dado 21	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Ali na frente"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Eu já tô vendo a casinha ali na frente"
Tradução	"I can already see the little house there ahead"

Dado 22



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas vertical away body)	Palma vertical para fora do corpo (Palm vertical away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Uma chamada ali"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Existe uma chamada ali, as pessoas ficam aqui próximas pra saber, ouvir o nome (...)"
Tradução	"There's a call there, people stay close by to find out, hear the name (...)"

Dado 23



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Ali"

Tópico contextual	"Aquele guarita ali"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Por aquela guarita ali passou agora há pouco o primeiro caminhão (...)"
Tradução	"The first truck just passed through that guardhouse there (...)"

Dado 24	
	
Formato das mãos	Dedo 3 esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo 3 estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Aquele ilha ali"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Vocês estão vendo aquela ilha ali?"
Tradução	"Do you see that island over there?"

Dado 25	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior direita (Extreme upper right periphery)

Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Ali em cima"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"A marca dá pra ver até hoje, ficou gravada ali em cima, aqui nessa parede."
Tradução	"You can still see the mark today, it's engraved up there on the wall."

Dado 26	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Tamanho reduzido
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Ali, ó"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"É nessa linha, lá está a rede ali, ó."
Tradução	"It's on that line, there's the net over there."

Dado 27	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)

Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Naquela pista ali"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"O avião vai pousar naquela pista ali"
Tradução	"The plane will land on that runway over there"

Dado 28



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Diagonal para cima, à esquerda (Diagonal up left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior esquerda (Extreme upper left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Bem ali"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Bem ali atrás de mim estão os galpões (...)"
Tradução	"Right behind me [there] are the sheds (...)"

Dado 29

	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Ali dentro"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Ali dentro eles estão cultivando novas variantes do coronavírus"
Tradução	"They're cultivating new variants of the coronavirus in there"

Dado 30	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior direita (Extreme upper right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"Ali no Paraguai"

Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Uma das principais portas de entrada dos cigarros fabricados ali no Paraguai (...)"
Tradução	"One of the main entry points for cigarettes manufactured there in Paraguay (...)"

Dado 31	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Velocidade acelerada
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"(...) E que dali em diante (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Os funcionários da companhia avisaram que não havia espaço mais para bagagens de mão dentro da cabine, e que dali em diante os próximos passageiros que fossem embarcar teriam que voluntariamente despachar a mala."
Tradução	"The airline employees warned that there was no more room for carry-on luggage inside the cabin, and that from then on, the next passengers to board would have to voluntarily check their bags."

Dado 32	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Zigue-zague (Zigzag)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)

Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"Tem ali em torno de 20 a 30 kg (...)"
Grau de metaforicidade	Baixo
Transcrição ortográfica	"É um equipamento grande, mas que não é pesado, não. Tem ali em torno de 20 a 30 kg (...)"
Tradução	"It's a large piece of equipment, but it's not heavy. It weighs around 20 to 30 kg (...)"

Dado 33	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"E, dali, começar e terminar (...)"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"(...) Temos que ter um plano correto, de início, e, dali, começar e terminar (...)."
Tradução	"(...) We have to have a proper plan from the outset, and from there, begin and finish it (...)."

Dado 34	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para a direita (Right)

Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajeto
Tópico contextual	"(...) Dali começou (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"No dia do sepultamento dela, no dia 17 de outubro... não, dia 27 de outubro... dali começou (...)"
Tradução	"On the day of her burial, October 17... no, October 27... that's when it started (...)"

Dado 35



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao corpo (Palm lateral towards body)
Tipo de movimento	Círculo (Circle)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Ciclo
Tópico contextual	"E dali ele pegou, ficou com uma raiva de mim (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E dali ele pegou, ficou com uma raiva de mim absurda, levou aquilo ali pra um apontamento, etc. e tal, etc. e tal (...)"
Tradução	"And from there he got really angry with me, took it as a personal attack, etc., etc., etc. (...)"

Dado 36



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Tamanho expandido
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"Foi dali que surgiu (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Foi dali que surgiu, foi o que veio no meu ouvido (...)"
Tradução	"That's where it came from, that's what came into my ear (...)"

Dado 37



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral para fora do centro (Palm lateral away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia esquerda (Left periphery)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Ali"
Tópico contextual	"E eu dali, inclusive eu fiquei emocionada (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E eu dali, inclusive eu fiquei emocionada, eu falei: 'cara, sério, isso foi verdade?'"
Tradução	"And there, I was really moved, and I said, 'Man, seriously, was that true?'"

Dado 38

		
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)	
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)	
Tipo de movimento	Reto (Straight)	
Direção do movimento	Para a direita (Right)	
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado	
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)	
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)	
Modo de representação	Desenhar (drawing)	
Gesto de apontar		
Referente físico retratado	Trajectoria	
Tópico contextual	"Então dali eu comecei a observar (...)"	
Grau de metaforicidade	Alto	
Transcrição ortográfica	"Então dali eu comecei a observar; dali eu comecei a enxergar algumas coisas (...)"	
Tradução	"So from there I began to observe; from there I began to see some things (...)"	

Dado 39		
		
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)	
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)	
Tipo de movimento	Reto (Straight)	
Direção do movimento	Para a direita (Right)	
Qualidade do movimento	Velocidade acelerada	
Posição espacial	Centro (Center)	
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)	
Modo de representação	Desenhar (drawing)	
Gesto de apontar		
Referente físico retratado	Trajectoria	
Tópico contextual	"Dali pra frente"	
Grau de metaforicidade	Alto	
Transcrição ortográfica	"Uma vez que você deixou descendentes pra próxima geração, uma vez que você teve filho, dali pra frente a seleção natural ela não tem mais como agir (...)"	

Tradução "Once you have left descendants for the next generation, once you have had children, from then on natural selection no longer has any effect (...)"

Dado 40



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para cima (Palm up)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para cima (Up)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Encenar (acting)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"E dali surgem os medos (...)"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"E dali surgem os medos; ali surgem as crenças de limitação (...)"
Tradução	"And from there arise fears; there arise beliefs of limitation (...)"

Dêitico locativo "lá"

Dado 41



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Diagonal para cima, à direita (Diagonal up right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior direita (Extreme upper right periphery)

Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá em cima"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"O mesmo acontece com aquelas casas lá em cima, ô, do morro."
Tradução	"It's the same with those houses there up on the hill."

Dado 42



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Até lá"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"São 8 km de percurso, que vai sair daqui até lá."
Tradução	"It's an 8-kilometer route from here to there."

Dado 43



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
------------------	----------------------------------

Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia superior direita (Upper right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Até lá"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Foi esse o tempo que eles levaram pra caminhar até lá (...)"
Tradução	"That's how long it took them to walk there (...)"

Dado 44



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá em cima"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"A barragem fica lá em cima daquele morro"
Tradução	"The dam is up there on that hill"

Dado 45

	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá, naquele bloco de cimento"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Especialistas da Universidade Federal de Ouro Preto descobriram que o problema estava lá, naquele bloco de cimento (...)"
Tradução	"Experts from the Federal University of Ouro Preto discovered that the problem was there, in that cement block (...)"

Dado 46	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Velocidade acelerada
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá dentro"

Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"(...) Pra que os agentes federais possam verificar se há droga lá dentro."
Tradução	"(...) So that the federal agents can check if there are drugs inside there."

Dado 47



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para cima (Palm up)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Velocidade acelerada
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido supinado (palma para cima)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá fora"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"E lá fora ainda tem fila de espera"
Tradução	"And there's still a queue there outside"

Dado 48



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia superior direita (Extreme upper right periphery)

Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá na frente"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Lá na frente, a antena, uma antena de rádio (...)"
Tradução	"There up ahead, the antenna, a radio antenna (...)"

Dado 49



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá no fundo"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"E lá no fundo estão os casos de mortes confirmadas pela doença."
Tradução	"And there in the back are the cases of confirmed deaths from the disease."

Dado 50



Formato das mãos	Dedos 2-3 esticados (Stretched fingers)
------------------	---

Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedos 2-3 estendidos neutros (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá do alto"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"O rio mudou de curso por causa da movimentação de terra que veio lá do alto das montanhas"
Tradução	"The river changed course because of the movement of earth from high up there in the mountains"

Dado 51	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Se eu fosse ao médico uma vez ao ano, eu tinha descoberto lá atrás [no passado]"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Se eu fosse ao médico uma vez ao ano, fazer aquele- sabe, aquele 'basicão', eu tinha descoberto lá atrás, antes dele virar um câncer maligno."
Tradução	"If I'd gone to the doctor once a year, to do- you know, that basic exams, I'd have found out way back there, before it became a malignant cancer."
Dado 52	

	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá na frente [no futuro]"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"Ele é contra aquele isolamento que vai prejudicar o emprego e vai gerar fome lá na frente."
Tradução	"He's against that quarantine which will harm employment and lead to hunger there ahead."

Dado 53	
	
Formato das mãos	Dedo 1 esticado
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Polegar
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá atrás [no passado]"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"Lá atrás, nos séculos 18 e 19"
Tradução	"Way back there in the 18th and 19th centuries"

Dado 54	
	
Formato das mãos	Dedos flexionados (Bent fingers)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá na frente [no futuro]"
Tópico contextual	"O efeito total [da vacinação] lá na frente"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"Precisamos começar. O efeito total vai ser lá na frente, mas na hora que o primeiro for vacinado já muda a nossa cabeça."
Tradução	"We need to start. The full effect will be there down the line, but the moment the first person is vaccinated, it changes our minds."

Dado 55	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Tamanho expandido
Posição espacial	Periferia superior esquerda (Upper left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"Lá"

Tópico contextual	"Lá, 28 dias após"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"E lá, 28 dias após, né, 28, 30, 32, 33, 40 dias nós providenciarmos a segunda dose."
Tradução	"And there, 28 days later, you know, 28, 30, 32, 33, 40 days later, we provide the second dose."

Dado 56	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Velocidade acelerada
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"De lá [1999] pra cá"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"(...) A modalidade faz parte dos Jogos Pan-Americanos desde 1999; de lá pra cá foram disputadas cinco edições (...)"
Tradução	"The sport has been part of the Pan American Games since 1999; five editions have been held since then [from there to here] (...)"

Dado 57	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma vertical para fora do corpo (Palm vertical away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	
Fluxo de movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)

Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Encenar (acting)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"Lá pro finalzinho"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"E lá pro finalzinho do mês de julho, uma chuvinha já começa a aparecer (...)"
Tradução	"And there towards the end of July, a little rain starts to appear (...)"

Dado 58



Formato das mãos	Duas mãos (both hands); dedo 1 esticado (stretched finger)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia esquerda (Left periphery)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Polegar
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá atrás, quando (...)"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"A situação pode ser mais grave do que a primeira onda, porque lá atrás, quando nós tivemos os casos (...)"
Tradução	"The situation could be more serious than the first wave, because back then [there], when we had the cases (...)"

Dado 59



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
------------------	---------------------------

Orientação das palmas diagonal away center)	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá no dia"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"As pessoas só vão saber qual foi a sua escolha lá no dia do seu casamento, na sua cerimônia (...)"
Tradução	"People will only know what your choice was [there] on your wedding day, at your ceremony (...)"

Dado 60	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas lateral towards body)	Palma lateral em direção ao corpo (Palm lateral towards body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"Lá"
Tópico contextual	"Lá atrás [no início do campeonato]"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"Aconteceu essa mudança no meio do campeonato, né. Quando surgiu o Jorge Jesus, o Sampaoli já tava fazendo lá atrás (...)"
Tradução	"This change happened in the middle of the championship. When Jorge Jesus came in, Sampaoli was already doing it back there (...)"

Dêitico locativo "there"

Dado 61



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Over there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"And over there is the entry way to this little alley way (...)"
Tradução	"E lá está a entrada para esse pequeno beco (...)"

Dado 62



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Diagonal para cima, à direita (Diagonal up right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"There"

Tópico contextual	"Over there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"You're a professional river bed redecorator. 'I'll move this over here, put that over there'"
Tradução	"Você é um redecorador profissional de leito de rio. 'Vou mover isso para cá, colocar aquilo ali'"

Dado 63



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"There"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Including the American Embassy over there."
Tradução	"Incluindo a embaixada americana ali."

Dado 64



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)

Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"There"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Now the area is also important because this is where the- the American Embassy is over there."
Tradução	Agora, a área também é importante porque ali é onde fica a embaixada americana".

Dado 65	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma vertical em direção ao centro (Palm vertical towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Diagonal para cima, à direita (Diagonal up right)
Qualidade do movimento	Tamanho reduzido
Posição espacial	Periferia superior direita (Upper right periphery)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Up there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Standing behind me are dozens of plaintiffs... up there, don't jump."
Tradução	"Atrás de mim há dezenas de petionários... ali em cima, não pulem."

Dado 66	
	
Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado

Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Over there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"And essentially what they are gonna do is as they arrive at the United States just now, setting foot over there (...)"
Tradução	"E, basicamente, o que eles farão é chegar aos Estados Unidos agora mesmo, colocando os pés ali (...)"

Dado 67



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a esquerda (Left)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia esquerda (Extreme left periphery)
Dimensão espacial	3 = distância longa do corpo (far distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta neutra (palma vertical)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"And there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	'And there at the edge of the border wall with the barbed wire on the US side, where it comes to an end (...)"
Tradução	"E lá na ponta do muro da fronteira com o arame farpado, do lado dos EUA, onde ele termina (...)"

Dado 68

	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Tamanho reduzido
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Under there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"Rizzo is white under there, right?"
Tradução	"O Rizzo é branco ali embaixo, certo?"

Dado 69	
	
Formato das mãos	Dedo flexionado (Bent finger)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Velocidade desacelerada
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (middle distance from the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido neutro (palma vertical)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Stand there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"I would see the teachers directing kids and I say 'I could do that. You know, stand here; stand there.'"

Tradução "Eu via os professores dirigindo as crianças e dizia: 'Eu poderia fazer isso'. Você sabe, 'fique aqui, fique ali'".

Dado 70



Formato das mãos	Dedo esticado (Stretched finger)
Orientação das palmas	Palma para baixo (Palm down)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para baixo (Down)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	2 = distância média do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Right there"
Grau de metaforicidade	Não há presença de metáfora
Transcrição ortográfica	"I caught you a minute ago. You were taking a nap right there. Why?"
Tradução	"Eu te surpreendi há um minuto. Você estava tirando um cochilo aí mesmo. Por quê?"

Dado 71



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do centro (Palm diagonal away center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)

Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Out there"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"There's a new opportunity lying out there in the future (...)"
Tradução	"Há uma nova oportunidade lá no futuro (...)"

Dado 72	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma diagonal para fora do corpo (Palm diagonal away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"From there [tomorrow] on out"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"'Maybe' means we better pay close attention to the recall election tomorrow and watch Wisconsin from there on out."
Tradução	"'Talvez' significa que é melhor prestarmos muita atenção à eleição de 'recall' amanhã e observar Wisconsin dali em diante."

Dado 73	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral para fora do centro (Palm lateral away center)

Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	
Gesto de apontar	Mão aberta oblíqua (palma oblíqua)
Referente físico retratado	
Tópico contextual	"From there [the first day] on"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"There's likely gonna be one vote the first day, then two votes each morning, two votes each afternoon from there on out."
Tradução	"É provável que haja uma votação no primeiro dia, depois duas votações a cada manhã e duas votações a cada tarde daí em diante."

Dado 74	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao corpo (Palm lateral towards body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Encenar (acting)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Ordem linear
Tópico contextual	"From there to now"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"Tell us about the journey from there to now."
Tradução	"Conte-nos sobre a jornada de lá para cá."

Dado 75	
	

Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Periferia direita (Right periphery)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"From there on out"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"And it's like, the rest is history. From there on out the NIH got on board (...)"
Tradução	"E é como se o resto fosse história. A partir daí, os Institutos Nacionais de Saúde entraram no projeto (...)"

Dado 76



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Arqueado (Arced)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Extrema periferia direita (Extreme right periphery)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"From there [the time in the White House] on"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"They only know the Hillary Clinton they first met in the White House and from there on."
Tradução	"Eles só conhecem a Hillary Clinton que encontraram pela primeira vez na Casa Branca e dali em diante."

Dado 77

	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"From there to now"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"And he's gone from there to now saying last night: 'I don't know what we can do.'"
Tradução	"E ele foi de lá para cá [agora] para dizer ontem à noite: 'Eu não sei o que podemos fazer'."

Dado 78	
	
Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Desenhar (drawing)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajetória
Tópico contextual	"From there to now"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"In a year's time, that deterrent did not work. From there to now, my question is where are the other 199 countries?"

Tradução "Em um ano, esse impedimento não funcionou. De lá para cá, minha pergunta é: onde estão os outros 199 países?"

Dado 79



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma lateral em direção ao centro (Palm lateral towards center)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para a direita (Right)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro (Center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	Encenar (acting)
Gesto de apontar	
Referente físico retratado	Trajectoria
Tópico contextual	"From there on"
Grau de metaforicidade	Intermediário
Transcrição ortográfica	"And that, Rosemary, is how it's going to work this week. From there on, the system in the vaccination campaign is going to expand."
Tradução	"E é assim, Rosemary, que as coisas vão funcionar esta semana. A partir daí, o sistema da campanha de vacinação vai se expandir."

Dado 80



Formato das mãos	Mão estendida (Flat hand)
Orientação das palmas	Palma vertical para fora do corpo (Palm vertical away body)
Tipo de movimento	Reto (Straight)
Direção do movimento	Para fora do corpo (Away from body)
Qualidade do movimento	Fluxo de movimento acentuado
Posição espacial	Centro-centro (Center-center)
Dimensão espacial	1 = distância próxima do corpo (close distance to the body)
Modo de representação	

Gesto de apontar	Mão aberta pronada (palma para fora)
Referente físico retratado	"There"
Tópico contextual	"Out there in the future"
Grau de metaforicidade	Alto
Transcrição ortográfica	"What they think they see in the- way out there in the future."
Tradução	"O que eles acham que estão vendo lá à frente, no futuro."